

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E TERRITORIALIDADES**

JUAN PABLO DÍAZ VIO

**RIO DE JANEIRO, TRANSFORMAÇÕES URBANAS, DISCURSO E CULTURA POPULAR: ENTRE A
MODERNIZAÇÃO E A CIDADE ESPETÁCULO**

NITERÓI
2016

**RIO DE JANEIRO, TRANSFORMAÇÕES URBANAS, DISCURSO E CULTURA POPULAR: ENTRE A
MODERNIZAÇÃO E A CIDADE ESPETÁCULO**

JUAN PABLO DÍAZ VIO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, na Linha de Pesquisa Mediações, saberes locais e práticas sociais.

Orientadora: Prof^a Dr^a RÔSSI ALVES GONÇALVES

BANCA EXAMINADORA

PROF.^a DR.^a RÔSSI ALVES GONÇALVES

PROF.^a DR.^a MARISA S MELO

PROF. DR. GUSTAVO COELHO DE OLIVEIRA

Niterói

2016

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço pela oportunidade de cursar uma pós-graduação como a do PPCULT que permitiu me expandir em novos territórios do conhecimento humano. Certamente uma experiência que guardarei com o maior carinho como parte da minha experiência de vida como imigrante no Brasil e morador da cidade do Rio de Janeiro. Agradeço os professores que fizeram parte desta experiência, como Livia De Tommasi, Ana Lucia Ferraz, Luis Rodrigues, Ana Lucia Enne. Aos mestrandos com os que tive contato na minha passagem pelo PPCULT. Agradeço a Márcia pois sem ela ainda estaria esbarrado nas pendências administrativas da pós-graduação. Agradeço também aos professores que participaram nas bancas de qualificação e e defesa em especial a Marisa que foi de grande ajuda na concreção do projeto. Agradeço também ao curso de Sociologia Urbana da UERJ que foi o primeiro passo que permitiu a minha entrada no programa do PPCULT.

Principalmente agradeço a minha orientadora Rôssi, sem a qual essa dissertação não seria possível. Os conselhos, críticas, sugestões e recomendações foram os andaimes necessários para articular os diversos processos que fizeram parte essencial e permitiram erguer a construção da presente dissertação. Quero agradecer a minha família, a meus pais Cecilia e Juan Carlos, a minha irmã Constanza e a minha irmã Daniela que, como eu, escolheu deixar o país e correr atrás de novos horizontes. Agradeço também a Carol, companheira nos momentos mais difíceis e aos camaradas do Movimento Revolucionário de Trabalhadores (MRT) que lutam dia a dia com a maior das convicções para dar morte ao sistema de exploração da nossa sociedade atual e para que as futuras gerações possam aproveitar a beleza da vida, liberta de toda exploração e opressão. Finalmente quero agradecer à própria cidade do Rio de Janeiro, que desde aquela noite do 4 de junho de 2010 despertou em mim a paixão e a curiosidade por conhecer e desvendar os segredos, o passado e a alma desse lugar fervilhante.

Resumo

O presente trabalho busca trazer uma reflexão ao redor dos processos de grandes transformações urbanas e sua relação com o poder, a cultura e a identidade no caso da cidade do Rio de Janeiro com uma perspectiva histórica para entender o atual processo de revitalização da região portuária da cidade e com a partir desta vão se construindo ideias de identidade relacionadas às novas formas de gestão e de exploração das cidades a partir de sua inserção no cenário de globalização da nossa sociedade atual. Uma reflexão sobre os desdobramentos da disputa política e simbólica entre o poder público das elites, e as populações não beneficiadas pelas transformações urbanas.

Palavras chave: Porto Maravilha, RIO 450, Cultura, Identidade, Disputas.

Abstract

This research intends to think about the big urban transformation movements and its relations with the political and economical powers, its relations with culture and identity, specifically in Rio de Janeiro on an historic perspective to understand the revitalization process at the Rio's Port Region and the identity ideas related to the new city administration ways understanding this phenomenon on the globalized world and society . A thinking about the different ways of political and symbolic struggle between the state and the unbenefited city populations.

Keywords: Porto Maravilha, RIO 450, Culture, Identity, Struggles.

SUMÁRIO:

INTRODUÇÃO	7
CAPITULO I Capitalismo, civilização e reforma urbana no Rio de Janeiro no século XX.	
1.1 O Bota-Abaixo e a velocidade da modernidade	17
1.2 Haussmann, Passos, a reprodução do capital e a expulsão dos pobres urbanos	26
1.3 Depois do Bota-abixo	32
CAPITULO 2 - Construção discursiva e planejamento estratégico no caso do Rio de Janeiro.	
2.1- A cidade empresa, a cidade mercadoria e o urbanismo de espetáculo	38
2.2 No Rio de Janeiro de Eduardo Paes é tudo espetáculo.	55
CAPÍTULO 3 - Do discurso ao Espaço no Boulevard Olímpico.	
3.1A cidade começa nas palavras. Análise discursiva da Cidade Olímpica.	70
3.2 A logomarca RIO 450. Carioquice Consenso e Identidade.	76
3.3 O aniversário 450 do Rio.	95
3.4 A região Portuária e o Porto Maravilha	115
3.5 O Mar e o Amanhã	125
Considerações Finais	155

INTRODUÇÃO

Inutilmente, magnânimo Kublai, tentarei descrever a cidade de Zaíra dos altos bastiões. Poderia falar de quantos degraus são feitas as ruas em forma de escada, da circunferência dos arcos dos pórticos, de quais lâminas de zinco são recobertos os tetos; mas sei que seria o mesmo que não dizer nada. A cidade não é feita disso, mas das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado (...). a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras. (Italo Calvino. As cidades invisíveis)

A cidade do Rio de Janeiro tem passado ao longo da sua história por muitas e diferentes transformações principalmente na sua morfologia urbana, mas também no seu papel na economia e na sociedade brasileira. Cidade colonial, Lar da família Real, Capital do Império, capital da República, cidade Estado, cidade global, o Rio de Janeiro já teve variadas facetas na sua história. A atual transformação urbana presente em vários lugares do Rio, talvez seja uma das maiores e mais intensas reformas feita de maneira planejada, transformando amplas áreas da cidade. A derrubada da Perimetral, o BRT, extensões do Metrô ou o Porto Maravilha dão conta das proporções faraônicas do projeto de cidade atualmente em curso.

Como diversos autores têm apontado, as novas receitas de reprodução capitalista do espaço construído precisam da consolidação de um grande consenso que movimentam amplos setores da política e da economia, sendo grandes empreendimentos que movimentam grandes somas de dinheiro é do interesse de diversos setores empresariais, principalmente do setor imobiliário. Essas revitalizações urbanas se apresentam para o poder público como uma grande oportunidade para melhorar a imagem da cidade e do país, processo que atrairia investimentos de capitais internacionais.

Tendo também um impacto violento sobre a cidade, o poder público precisa alinhar a opinião pública para engolir os inúmeros transtornos em nome dos futuros benefícios.

Esse discurso do estado mistura-se com a ainda maior campanha de marketing ao redor da área objeto do processo de requalificação, nele. Como veremos, utiliza-se da cultura como principal catalisador do projeto e o centro dos oferecidos futuros benefícios. Essa tentativa expressa-se como um grande discurso abrangente, totalizante e universalizante.

No caso do Rio, parte desse discurso constrói-se articulando-se com elementos históricos da cidade. Tece-se uma relação entre as reformas do começo do século XX e as atuais. Esse vínculo vem fortalecer a ideia de "continuidade" mais do que fortalecer uma relação homóloga de semelhança entre ambos casos. O vínculo entre ambas transformações, a das reformas de Passos e a da atualidade é reafirmado pela imprensa, pelo poder público e em geral constituiu-se como parte importante no argumento da necessidade da transformação urbana. Exemplos disto foram as edições dos jornais cariocas no dia do 450º aniversário da cidade do Rio¹. Além disso, o discurso de continuidade e de vínculo entre ambas reformas é feito pela própria Prefeitura do Rio e pelo Prefeito Eduardo Paes antes do que ninguém, questão que se expressou, por exemplo, quando Paes, acompanhado de um ator personificando o ex-prefeito Pereira Passos vestido com roupas da época², inauguraram a primeira fase da transformação da zona portuária.

Essa campanha feita para relacionar as novas reformas da cidade com as reformas do começo do século XX expressam a intenção de querer construir uma ideia de continuidade, não do projeto de Pereira Passos, mas da história da "cidade maravilhosa", justificar o processo de destruição e criação que está sendo objeto a cidade do Rio e expressá-la como a conclusão de um ciclo. A campanha da coligação partidária (e empresarial) "SOMOS UM RIO", onde se expressou a ideia de uma cidade unitária, mostrou também como o discurso do "city marketing" ao redor do projeto de

¹ Essa questão da campanha do 450 aniversário da cidade e também a campanha da coligação "SOMOS UM RIO" aprofundaremos no *Capítulo 2*

² Em nota do Jornal o Globo de data 09/07/2012 intitulada "Em campanha, Paes tenta vincular sua imagem às transformações feitas por Pereira Passos"

transformação urbana virou a centralidade do discurso e dos objetivos da administração pública e alavanca para qualquer ação da prefeitura. A relação construída entre a gestão de Paes e de Passos funciona para reforçar essa ideia de unidade na dimensão histórica da cidade servicial a um projeto de cidade que favorece amplamente os empresários e políticos ligados a esse setor.

Os governos de Passos e de Lacerda implementaram fortes processos de remoções, mas as duas gestões do prefeito Eduardo Paes, mesmo antes de acabar, já superaram amplamente seus predecessores. O número de pessoas removidas das suas residências no período 2009-2013 ultrapassa as 67mil, enquanto que as gestões de Passos e Lacerda atingiram não mais de 20mil e 30mil pessoas removidas respectivamente (FAULHABER, 2015. p36). Ou seja, Paes removeu mais gente que Passos e Lacerda combinados. Ainda que as remoções, como fenômeno em si, não sejam o objeto de análise dessa pesquisa servirão, como um lugar de apoio, pois faz parte essencial na reprodução capitalista do espaço nas grandes cidades brasileiras como Rio.

Junto com as transformações no espaço público da cidade no começo do século XX, foram implementadas proibições, leis e decretos que pretendiam regulamentar como seria habitada a nova cidade em construção. Essa relação entre as transformações no espaço público e as regulamentações, que por decretos e proibições pretendiam transformar o comportamento dos moradores, principalmente da classe trabalhadora e dos pobres urbanos, se expressavam conjuntamente na ideia de que é o espaço em si o que determina e regula o modo em que a população utiliza e ocupa o espaço público. Ou, dito de outra forma, essas proibições estão articuladas com a transformação física da cidade e acabam ficando por trás da reforma urbana, parecendo que fosse o próprio espaço público o determinante do comportamento.

A relação entre a transformação urbana e a potencialidade civilizatória delas era a lógica como, supostamente, deveriam operar as reformas urbanas segundo as elites.

Ou seja, as reformas urbanas parecem, nestes casos no Rio de Janeiro, ter sido utilizadas na tentativa de reorganizar hábitos na população carioca. O projeto da reforma urbana de começos do século XX já visava realinhar a sociedade brasileira nos ritmos da economia mundial em crescente aceleração desde fins do século XIX³. Além dos objetivos econômicos, a reforma Passos também caracterizou-se por seus objetivos "civilizatórios". No período a reforma ganhou o slogan "O Rio civiliza-se" e proibiu várias práticas comuns na vida da cidade- no intuito de substituir as antigas práticas na cidade por novos hábitos "civilizados"- como a venda ambulante de loterias, exposição de carnes à venda nas ruas, andar descalço e sem camisa, e também expressões populares em espaços públicos, como o entrudo⁴ e a proibição dos quiosques no centro da cidade. Na gestão de Eduardo Paes, as dinâmicas de utilização dos espaços nas praias e as interações sociais e comerciais foram regulamentadas. Também e ainda que não sob o comando direto de Eduardo Paes, o acionar da polícia militar nas favelas tem limitado as expressões culturais populares nas comunidades.

Porém, o projeto de requalificação da cidade- empresa de Paes -obedece também a uma tendência anterior com várias experiências em diversas cidades, mundo afora, como Barcelona, Bilbao ou Lisboa.

Para além do espaço urbano, essas experiências de transformação envolvem na sua concepção de origem também transformações na esfera da cultura, como por exemplo a construção de museus ou a vida das cidades. A própria cultura é também objeto da

³ O próprio Presidente da República Rodrigues Alves no seu "manifesto inaugural" publicado no Correio da Manhã no Domingo 16 de Novembro de 1902 afirmava que "*A Capital da República não pode continuar a ser apontada como sede da vida difícil, quando tem fartos elementos para constituir o mais notável centro de atrações de braços, de atividades e de capitães nesta parte do mundo. Os serviços de melhoramento do porto desta cidade devem ser considerados como elementos de maior ponderação para esse empreendimento grandioso. Quando se consumarem, poder-se-há dizer que a Capital da República libertou-se da maior dificuldade para seu completo saneamento e o operário bemdirá o trabalho que lhe fôr proporcionado para fim de tanta utilidade*"

⁴ O jogo do entrudo, junto com o carnaval, foi introduzido ao Brasil pelos portugueses. O jogo consistia de maneira ampla numa brincadeira em que foliões molhavam outros foliões no período do Carnaval. Principalmente por causa da forma popular deste jogo, onde utilizavam-se todo tipo de líquidos como a urina, o jogo foi proibido em varias ocasiões no Rio de Janeiro. Uma em 1853 e outra no fim do século XIX. Posteriormente o Prefeito Pereira Passos revigora a lei de 1891 que proibia o jogo dentro do Município do Rio.

requalificação, se incorporando ao processo arquitetônico - urbanístico e de marketing: a cultura como atividade de lazer e suas infraestruturas necessárias e também o "estilo de vida", a identidade de uma cidade em particular. Com o novo processo de reformas urbanas e posterior à inauguração da nova praça Mauá, expressões culturais como a Batalha do Conhecimento que desenvolve uma dinâmica no espaço em transformação a partir da abertura dos pilotis do Museu de Arte do Rio parece estar perdendo força. O aumento no policiamento no setor podem explicar em parte esse fenômeno, mas vale a pena destacar o fato que a partir do mesmo projeto de reforma urbana teriam-se fomentado essas práticas e posteriormente inibido as mesmas. Uma parte constituinte do projeto de reforma, o MAR foi o polo a partir do qual começaram a se construir esses espaços, mas a conclusão do projeto no local, a habilitação da Praça Maua como parte já da "nova cidade" gerida de forma privada, e portanto objeto de um policiamento e vigilância maiores (como se fosse um shopping ou centro comercial), parece estar em processo de reapropriação.

Como a sistemática transformação em mercadoria da cultura e do "estilo de vida" nas cidades, objeto do urbanismo estratégico, afetam o espaço público, a cultura e também a identidade. Isto aprofundando a análise do caso do Rio de Janeiro. A cultura tem se consolidado como um recurso capaz de atribuir valores materiais aos bens simbólicos, associando-se a objetivos sociais e que produz e gera polos de investimentos, e cuja utilização e distribuição, seja para o crescimento da economia ou do turismo, mostra-se como fonte inesgotável(YUDICE, 2006). Essa mercantilização que também opera através do estilo de vida na cidade do Rio é fundamental para analisar como tem sido tratado o assunto pelo poder público, principalmente a prefeitura, pois é a via pela qual essa mercantilização "valida-se" com a população.

No Rio de Janeiro o discurso oficial foi o "renascer" da cidade via sedear mega eventos. Assim, o renascer da "cidade maravilhosa" o "orgulho carioca", o amor pela cidade é a matéria prima das campanhas políticas do prefeito do PMDB, e um dos elementos discursivos centrais utilizados para validar e para implementar as profundas

transformações na cidade do Rio ligadas aos megaeventos. Para uma compreensão mais profunda nesse sentido, além de analisar material intelectual já produzido sobre ambas reformas urbanas, analisaremos também as declarações de cada prefeito a respeito de questões relativas a cada reforma. Discursos que têm acompanhado as transformações na cidade, mas que também encontramos nas campanhas eleitorais e comemorações como a do RIO450 e junto de outros eventos de grande impacto na cidade do Rio, como foi a visita do Papa em 2013, no marco da Jornada Mundial da Juventude (JMJ), a Copa do Mundo em 2014 e também as Olimpíadas em 2016.

Na análise discursiva faz-se essencial a incorporação da perspectiva marxista na linguagem de Mikhail Bakhtin. Bakhtin contextualizava a linguagem dentro da luta de classes, e como um lugar de conflito, que expressa também o conflito da luta de classes e, portanto, a relação dialética entre a sociedade, as classes e a linguagem. Para ele, a palavra é um fenômeno ideológico por excelência, e que todo discurso é, portanto, ideológico, mesmo os utilizados no dia a dia. A palavra então está em evolução constante e "reflete fielmente todas as mudanças e alterações sociais. O destino da palavra é o da sociedade que fala"(BAKHTIN, 2006, p199)

Para entender os projetos de cidade na análise desses discursos não refletiremos só sobre os discursos em si, mas o que as mensagens, os discursos e as representações escondem e ao mesmo tempo deixam entrever. Sob esse prisma é que analisaremos a relação construída entre ambas reformas e as decisões que compõem o conjunto de reformas urbanas em ambos casos. Aprofundarei sobre os processos de transformações durante as gestões de ambos prefeitos analisando as situações históricas e políticas que determinaram ditas reformas e seus fatores e expressões urbanísticas. Utilizarei autores que tratem a temática do espaço urbano a partir da lógica de produção capitalista deste, como Henri Lefevre, Milton Santos e David Harvey. Existem, no entanto, autores que discutem a questão específica do planejamento estratégico e do "novo urbanismo". Especificamente no Brasil, a temática é abordada por autores como Ermínia Maricato, Otília Arantes, Fernanda Sanchez e Carlos Vainer, os quais também serão incorporados na pesquisa.

Para enriquecer a análise sobre o lugar da reforma Passos dentro da construção discursiva e na mercantilização da cultura identitária, durante o processo de requalificação atual da cidade, focarei em estudos e publicações sobre a história das transformações urbanas como o estudo "*Evolução urbana do Rio de Janeiro*" de Mauricio de A. Abreu ou também o estudo "*Pereira Passos: Um Haussmann Tropical*" de Jaime Larry Benchimol e a excelente pesquisa organizada por Giovanna Rosso del Brenna, "*O Rio de Janeiro de Pereira Passos*".

Para aprofundar a análise sobre questões referentes à gestão de Eduardo Paes não conseguimos identificar material acadêmico que aprofunde uma análise da gestão municipal e na figura de Eduardo Paes. A pesquisa apresenta uma dificuldade: é um processo de transformação urbana ainda em aberto, e parte deste ainda continuará se desenvolvendo.

Portanto os processos culturais, as dinâmicas de ocupação, desapropriação e reapropriação podem ser afetados por questões ainda não presentes na realidade atual do centro da cidade e especificamente do Porto Maravilha. Porém, as variáveis atuais que apresentaremos e aprofundaremos na presente pesquisa já proporcionam elementos mínimos para desenvolver a pesquisa. Por este mesmo motivo não existem publicações de caráter intelectual ou bibliografia sobre o assunto específico⁵. Se por um lado existe este problema, por outro, o material existente na internet sobre o assunto é abundante e diverso. Muito do material produzido e disponibilizado na internet é

⁵ Existem sim certas publicações relacionadas com o assunto, mas estas encontram-se esgotadas tanto nas livrarias, como também nas próprias editoras, por tanto não tive acesso a elas. As publicações em questão são "*Porto Maravilha: Rio De Janeiro + 6 Casos de Sucesso de Revitalização Portuária*" da Verena Andreatta, "*A Cidade Contemporânea: Entre a Tabula Rasa e a Preservação - Cenários para o porto do Rio de Janeiro*" de Clarissa da Costa Moreira, "*Rio de Janeiro: Um olhar socio-espacial*" organizado por Angela Moulin S. Penalva Santos, Glauco Marafon e Maria Josefina Gabriel Sant'Anna. Estas publicações tratam a questão específica da reforma urbana nos termos do planejamento estratégico e da revitalização da zona portuária. Porém nossa pesquisa avança para além das questões estritamente urbanísticas para aprofundar o campo dos discursos e da cultura ao redor dos processos de revitalização urbana.

criticando e questionando o Rio de Janeiro de Eduardo Paes e encontra-se em blogs de coletivos e sites de mídia alternativa como o Jornal A Nova Democracia.

Também nos apoiaremos no material produzido pela própria prefeitura ao redor dos seus projetos e logomarcas como "Porto Maravilha" "Cidade Olímpica" ou o "RIO450", as iniciativas a partir do portal da Secretaria de Cultura e as articulações da Parceria Público Privada (PPP) com o Consórcio Porto Novo. Por um lado, temos o material oficial produzido a partir da prefeitura e das parcerias público-privadas, e por outro, temos também seus desdobramentos através dos meios de comunicação. Neste sentido, analisaremos especialmente o material publicado pelos jornais impressos "O Globo", "O Dia" e "Extra" pela comemoração do aniversário número 450 da cidade do Rio de Janeiro, temática que perpassou o conjunto das edições destes jornais no dia 1º de Março de 2015 e articulou um sem-fim de empresas, jornalistas, escritores e figuras públicas cariocas.

No primeiro capítulo será desenvolvida a questão das reformas urbanas a partir de uma análise marxista. As relações entre o processo de acumulação e reprodução do capital, a reprodução do espaço urbano, os processos de criação e destruição nas dinâmicas do espaço das cidades e fenômenos como a gentrificação no meio destas dinâmicas. Como essa relação moldou as cidades no fim do século XIX e começo do século XX e como foi o processo especificamente na cidade do Rio de Janeiro? Como as dinâmicas de reprodução do capital expressavam-se desde a Reforma de Pereira Passos e como se dão na reforma atual? Como foi modificada essa dinâmica no decorrer do tempo, a relação com as dinâmicas econômico-políticas na história?. Também estabeleceremos breves, mas recorrentes relações com a primeira e mais emblemática das transformações urbanas, do século XIX, a Paris de Haussmann, que representa a entrada definitiva da modernidade na vida das cidades, a tabula rasa sobre o antigo e o triunfo do novo nas sociedades modernas.

No segundo capítulo analisaremos a discursiva do "*city marketing*" ou "*planejamento estratégico*" relacionada a ambas reformas urbanas. Para isto, nos apoiaremos em arquivos da imprensa durante os anos da gestão de Pereira Passos para uma análise

mais aprofundada dos discursos referentes às alterações no espaço público. A respeito do período Paes, da mesma forma nos apoiaremos nas declarações na imprensa, mas também nos materiais oficiais da prefeitura. Aprofundaremos este capítulo, estudando os discursos midiáticos e os do poder público no "Rio civiliza-se de Passos", as campanhas "Somos um Rio" e o "RIO 450" e aquelas ao redor do Porto Maravilha. Além disto, uma perspectiva "por fora" do discurso hegemônico do poder público e das grandes mídias faz se necessária. Para isto, nos utilizaremos de cronistas como João do Rio e Luiz Edmundo durante a reforma de começo do século XX. Referentes atuais, cronistas, não encontrei ainda figuras em particular. Porém existem mídias alternativas, blogs e grupos no *facebook* como o "Rio \$urreal" e o "Rio 450 danos" ou "Operação Fora Eduardo Paes", "Eduardo Paes nunca mais" e "Dudu Paes sai pra lá", entre outros, que servirão de fonte.

No terceiro capítulo, para aprofundar a questão discursiva, analisaremos outra dimensão do amplo processo que acompanha a requalificação urbana. As expressões concretas dos discursos para além do projeto urbanístico em ambos períodos, quais os objetivos e a que apontavam e apontam cada um deles na cultura e no espaço público. A centralidade, por exemplo, da persecução do comércio ambulante ou a proibição da prática da esmola por parte do poder público presente de diferentes formas em ambos processos. Também aprofundaremos mais concretamente a análise das dinâmicas de apropriação e reapropriação dos espaços por manifestações culturais na região portuária, no Porto Maravilha, especificamente no espaço constituído pela Praça Mauá, e os museus, o MAR e o Museu do Amanhã.

As apropriações dos grupos preexistentes ao processo de revitalização. Grupos que guardam relação com as heranças africanas, produto da carga histórica da região. Como o próprio processo de reforma urbana afetou e transformou o cenário cultural nesses setores e como as novas paisagens da cidade atraíram e/ou expulsaram novos grupos?. Também, o caso contraditório do Museu de Arte do Rio, que configurou-se num curto período de tempo como um polo cultural desenvolvendo atividades gratuitas e abertas num espaço semi-público. Atividades diversas como o MAR de Música em

parceria com o Circo Voador ou a Batalha do Conhecimento, mas que com o avanço da conclusão do conjunto do projeto parecem estar sendo objeto de um aumento no controle destas manifestações, provocando aparentemente uma retirada do local por parte destes grupos.

Tenho por hipótese, primeiro, que as transformações urbanas contemporâneas não são só um grande projeto lucrativo, ainda que, sim, seja o principal propulsor, mas que também representam projetos de sociedade e de habitar o espaço. Mas principalmente tentarei provar que o espaço não se impõe a tudo e a todos, que este não determina totalmente o comportamento da população e que mesmo frente à brutalidade de certas intervenções, os discursos totalizantes impulsionados principalmente pelo poder público municipal, mas com o apoio dos governos estadual e federal, não se traduzem numa cooptação da cidadania no seu conjunto.

O objetivo desta pesquisa é determinar os efeitos da campanha ao redor da identidade carioca ligada ao projeto de cidade nas expressões culturais no Rio de Janeiro e as reconfigurações das culturas urbanas no Rio de conjunto, mas principalmente na "região do conflito" em questão: O Porto Maravilha, a Praça Mauá, o museu do Amanhã e o Museu de Arte do Rio. Aprofundar a reflexão sobre os desdobramentos na realidade da disputa política e simbólica entre o poder público e as elites por trás deste, e as populações não beneficiadas pelas transformações urbanas. Com um espaço urbano "requalificado" e a identidade cultural incorporada no discurso do projeto de planejamento estratégico, cabe se perguntar qual o resultado do processo tanto na identidade local como nas expressões culturais no espaço urbano.

CAPITULO I

Capitalismo, civilização e reforma urbana no Rio de Janeiro no século XX.

1.1 O Bota-Abaixo e a velocidade da modernidade

As cidades têm sempre sido um reflexo das sociedades que as produzem e a expressão cristalizada no espaço das dinâmicas das diversas relações sociais e de produção e, com a chegada da modernidade, também as da contínua reprodução do Capital. David Harvey já expressava as contradições que a produção do espaço construído tem dentro do processo de acumulação.

Isto é, os bens imóveis e a própria estrutura espacial de produção podem acabar se tornando um "empecilho" para a reprodução do capital, tendo que se destruir para ampliar o ciclo de reprodução e acumulação (HARVEY, 2006). Essa necessidade de ampliação do processo de acumulação se expressou também no processo de reformas de começo do século XX, conhecida como a reforma Pereira Passos no Rio de Janeiro.

Antes do "bota-abixo" o Rio era uma cidade modesta, com ruas estreitas e uma arquitetura simples. Foi só a partir da segunda metade do século XIX, com as mudanças na mobilidade urbana, principalmente com o trem, que a cidade teve sua primeira grande expansão. Naquela época, apesar do Rio de Janeiro ter se tornado desde o século XVIII o porto de exportação da mineração brasileira e o ponto de ingresso das mercadorias importadas ao país, era um porto pequeno, incapaz de receber aqueles novos navios a vapor que circulavam no oceano Atlântico(BENCHIMOL,1990).



Figura 1. Gazeta de Notícias 8.3.1904

O jornal *O Commentario*, numa crônica intitulada "O porto do Rio de Janeiro" em 1903 descrevia a situação prévia à reforma do começo do século XX como vergonhosa, em referência ao processo de desembarque de mercadorias e seu caráter "rudimentário". A nova velocidade imposta pelos tempos modernos do mundo afora evidenciavam o atraso do porto e tornavam sua condição obsoleta:

Passavam as mercadorias dos transatlânticos para saveiros que, por seu grande numero, recebiam tudo em poucas horas; e depois é que, morosamente, esses saveiros atracavam às pequenas docas da alfandega, entregando aos armazens os volumes recebidos. Aconteceu muitas vezes voltarem os transatlânticos do Rio da Prata, já em regresso à Europa, e ainda encontrarem sobre água mercadorias que haviam transportado para aqui, e largado ao passarem para o sul. (*O Commentario*, DEL BRENNNA, 1985, p. 162)

Na época, as oligarquias perderam o poder para as elites cafeeiras, industriais e do comércio internacional. As cidades brasileiras, então, não respondiam satisfatoriamente aos novos interesses das classes dominantes. Para esses interesses, o transporte

jogava um papel fundamental. Como os meios de produção estavam nesse momento revolucionando-se no Brasil era necessário também acelerar os tempos do transporte e aproximar o lugar da produção do mercado de destino. Marx identificou uma tendência do capital no eterno desejo burguês de eliminar as barreiras do espaço e do tempo, de reduzir ao máximo possível a distância entre a produção e o mercado.⁶ Balzac percebe essa realidade na dinâmica Paris do século XIX quando afirma que:

O homem possui a exorbitante faculdade de aniquilar, em relação a si mesmo, o espaço que existe apenas em relação a si mesmo; de se isolar completamente do meio em que reside e de cruzar, em virtude do poder quase infinito da locomotiva, as enormes distâncias da natureza física. Estou aqui e tenho o poder de estar em qualquer outro lugar! Não dependo de nenhum tempo, de nenhum espaço, de nenhuma distância. O mundo é meu escravo.(BALZAC, apud HARVEY,2015, p.75)

Neste sentido de aniquilar as distâncias, e sendo a capital da República e também o principal porto do Brasil, o Rio precisava se atualizar. O então Presidente Rodrigues Alves colocou a prioridade dessa carência se tornar solução concreta na realidade. Encarregou o Ministro de Viação e Obras Públicas da época, Lauro Muller, de transformar o Porto do Rio. No mesmo período é nomeado, também pelo Presidente da República, Francisco Pereira Passos como prefeito da cidade do Rio para complementar as obras referentes ao porto no resto da cidade central.

Milton Santos identifica as tendências do processo dinâmico de criação e destruição do espaço na cidade. Nos seus textos aponta a relação entre os meios de produção da paisagem e o próprio homem.

Em eras bastante remotas, os instrumentos de trabalho eram um prolongamento do homem, mas, à medida que o tempo passa, vão-se transformando em prolongamento da terra, próteses ou acréscimos à própria natureza, duráveis ou não. Os instrumentos de trabalho imóveis tendem a predominar sobre os móveis e a ser a condição de uso destes. Estradas

⁶ "A redução dos custos dessa circulação real (no espaço) faz parte do desenvolvimento das forças produtivas pelo capital, diminuição dos custos de sua valorização. Em certos aspectos, como condição de existência externa para o processo econômico da circulação, esse momento pode ser igualmente computado nos custos de produção da circulação, de modo que a própria circulação, sob a ótica desse momento, aparece não somente como momento do processo de produção em geral, mas como momento do processo de produção imediato". (MARX, 2011:713)

edifícios, pontes, portos, depósitos etc. são acréscimos à natureza, sem os quais a produção é impossível. A cidade é o melhor exemplo dessas adições ao natural. (Santos, 2012, p.72)

Essa relação entre o homem com seus meios de produção e a natureza também existe entre os diferentes estágios desses meios. O "envelhecimento moral", como o define Santos, determina as mudanças de uso e desuso dos meios de produção e do espaço construído e que estão sujeitas ao quadro político, econômico, social e cultural. No caso do Rio, o contraste entre as relações e práticas sociais e o projeto da nova capital da república fazia com que a possibilidade da transformação fosse difícil de imaginar até o ponto de "*...dizer que sobre as ruínas desta capital velha e pestilenta vai erguer-se uma capital nova e sadia*"⁷. A necessidade de modernização é claramente relatada pelo então Presidente da República Rodrigues Alves no seu discurso de posse:

A Capital da República não pode continuar a ser apontada como sede da vida difícil, quando tem fartos elementos para constituir o mais notável centro de atrações de braços, de actividades e de capitães nesta parte do mundo. Os serviços de melhoramento do porto desta cidade devem ser considerados como elementos de maior ponderação para esse empreendimento grandioso. Quando se consumarem, poder-se-há dizer que a Capital da República libertou-se da maior dificuldade para seu completo saneamento e o operário bendirá o trabalho que lhe fôr proporcionado para fim de tanta utilidade⁸

Passos tinha a intenção de colocar a cidade à altura dos referentes europeus, mais especificamente Paris. O prefeito enxergava na transformação do espaço construído a chave para tirar a cidade e o Brasil do passado. Elevar o nível cultural das classes populares, articulando as reformas e os novos espaços públicos com medidas que regulamentavam as formas do comportamento, principalmente das camadas mais baixas da sociedade.

Passos foi conhecido como o "Hausmann tropical" (BENCHIMOL, 1990) pelas semelhanças de ambos processos, tanto pela carga civilizatória da reforma, como pela brutalidade que caracterizou a entrada da cidade na modernidade. A reforma urbana do Parisiense Haussmanniano representou, na realidade e no espaço construído, a força

⁷ "Do Rio a Joinville", Gazeta de Notícias, 27-06-1905 em "O Rio de Janeiro de Pereira Passos" p.368

⁸ Manifesto Inaugural à Nação. Correio da Manhã, Domingo 16 de Novembro de 1902.

avassaladora da modernidade e também foi o símbolo do "novo" que a modernidade trazia, a tabula rasa que negava o passado, a nova cidade que se erguia das cinzas da antiga Paris.

Baudelaire, que viveu intensamente esses novos tempos e essa nova cidade, a Paris moderna, em "Os olhos dos pobres", relata uma cena cotidiana que expressa a nova vida na cidade francesa, como a miséria aparece em meio do progresso. O eu-lírico, junto da sua acompanhante, e cansados depois de um longo dia na cidade, sentam-se num dos novos lugares que a modernização de Haussman tinha trazido à cidade tão recente que a nova obra ainda apresentava o entulho da transformação urbana.

O próprio gás disseminava ali todo o ardor de uma estréia e iluminava com todas as suas forças as paredes ofuscantes de brancura, as superfícies faiscantes dos espelhos, os ouros das madeiras e cornijas, os pajens de caras rechonchudas puxados por coleiras de cães, as damas rindo para o falcão em suas mãos, as ninfas e deusas portando frutos na cabeça, os patês e a caça, as Hebes e os Ganimedes estendendo a pequena ânfora de bavarezas, o obelisco bicolor dos sorvetes matizados; toda a história e toda a mitologia a serviço da comilança.

Imediatamente depois, o poeta apresenta o contraste por trás daquele novo Boulevard resplandescente

Plantado diante de nós, na calçada, um bravo homem dos seus quarenta anos, de rosto cansado, barba grisalha, trazia pela mão um menino e no outro braço um pequeno ser ainda muito frágil para andar. Ele desempenhava o ofício de empregada e levava as crianças para tomarem o ar da tarde. Todos em farrapos. Estes três rostos eram extraordinariamente sérios e os seis olhos contemplavam fixamente o novo café com idêntica admiração, mas diversamente nuançada pela idade.

Os olhos do pai diziam: "Como é bonito! Como é bonito! Parece que todo o ouro do pobre mundo veio parar nessas paredes." Os olhos do menino: "Como é bonito, como é bonito, mas é uma casa onde só entra gente que não é como nós." Quanto aos olhos do menor, estavam fascinados demais para exprimir outra coisa que não uma alegria estúpida e profunda. Dizem os cancionistas que o prazer torna a alma boa e amolece o coração. Não somente essa família de olhos me enternecia, mas ainda me sentia um tanto envergonhado de nossas garrafas e copos, maiores que nossa sede.

Essa cena causa a rejeição da companheira de poeta, reação que causa também o ódio no próprio.

Voltei os olhos para os seus, querido amor, para ler neles meu pensamento; mergulhava em seus olhos tão belos e tão estranhamente doces, nos seus olhos verdes habitados pelo Capricho e inspirados pela Lua, quando você me disse: "Essa gente é insuportável, com seus olhos abertos como portas de cocheira! Não poderia pedir ao maître para os tirar daqui?" Como é difícil nos entendermos, querido anjo, e o quanto o pensamento é incomunicável, mesmo entre pessoas que se amam!

(BAUDELAIRE, *O Spleen de Paris*, 1869 p.41)

O mesmo espírito é o que está presente na reforma do começo do século XX no Rio de Janeiro. A brutalidade da reforma, da chegada da modernidade e da civilização no Brasil é inspiração de muita literatura. O Rio de Janeiro que se foi e não mais voltará. No relato do perambular pela cidade e uma conversa entre dois amigos em 1906, a saudade da "*tradição*" e o "*assombro*" da civilização enfrentam-se na Avenida Central, aquela rua "*rasgada atravez de um longo labyrintho tradicional de ruas velhas e feias*". Naquela nova rua os amigos empreendem uma "*viagem civilisadora*" na procura da "*Saudade lamentosa das Tradições*". (Pederneiras, 1906 apud DEL BRENNNA, 1985 p.519)

Quanto mais adentravam-se na nova cidade mais parecia ficar claro que agora tudo era novo, "*tudo Civilização (...) sem o resquicio de um velho habito, nem a reminiscencia de um costume antiquado*" (Pederneiras, apud DEL BRENNNA, 1985 p.521). Mario Pederneiras, autor e personagem do relato, sentencia que o Rio é Paris, "*puro Paris, até na cor das lanternas e na posição desanimada dos cavallos*". Mario, alegre, enumera as melhoras, os progressos e os decretos que conformariam a "*completa remodelação da Vida carioca*" e tenta convencer Mario do caráter absoluto do Bota Abaixo; não existe mais aquela cidade das lembranças, foi "*esmagada, morta para sempre, a solenidade das tuas Tradições*".

Agora a cidade que tinham em frente, com novas e vastas edificações, expressava a imposição estética da modernidade e da civilização por sobre os modos de vida desenvolvidos no Rio de Janeiro por já muitos anos. E resume o autor "*A Civilização triumphava gloriosamente, esmagando toda a existencia patriarchal da minha velha cidade carioca*". (Pederneiras, apud DEL BRENNNA, 1985 p.521)

Mas, por mais brutal que a reforma urbana tenha sido, ela não foi total, a tradição não foi completamente esmagada, e num canto do Palácio Monroe ali estava ela, "a velha e inesquecível tradição" se opondo ao barulhento cenário da civilização dominante. Mário descobre a "a luz mortiça da pequena lanterna suspensa da Bahiana, vendedora de mendobi e de cuscús". Ela continuava igual, com o "mesmo tabulero tósco, assentado sobre a pequena banquêta em X". A tradição não foi completamente esmagada, mas de muitas formas foi arrastada pela velocidade da modernidade e adaptou-se naquele "recanto civilizado para oferecer ao transeunte moderno, a novidade excitante do seu mendobi e o sabor adstringente dos seus cuscús". (Pederneiras, 1906 apud DEL BRENNA, 1985 p.521)



Figura 2. "A victoria da tartaruga" - O Malho nº204 (11-08-1906)

Nos diversos jornais se expressava o encontro do novo com o velho de diversas formas e também como a população lidava com essas transformações. O ventriloquismo

linguístico do jornalismo mostra como as formas culturais no campo do popular jogam com as contradições, como por exemplo, no seguinte diálogo intitulado "A cidade" do jornal *Gazeta de Notícias* de 1903, mostrando como essas mudanças e novas leis que alteravam as normas de comportamento dos cariocas e mostra como a população lidava com o decreto do prefeito Passos que proibia "cuspir e escarrar nos veículos de transporte de passageiros":

"(...)
 -É boa" e há escarradeiras nos bonds?
 -Não. Mas não é preciso cuspir no chão do carro. Pode cuspir para fora.
 -Sim, posso cuspir para fora, quando estiver ocupando a ponta do banco. Mas, quando estiver no centro?
 -Peça licença ao vizinho da direita ou ao da esquerda, e incline-se um pouco.
 -Mas, se eu não quiser pedir licença?
 -Não peça; mas também... não cuspa!
 -Esta agora. Mas eu quero cuspir! eu hei de cuspir! eu tenho o direito de cuspir! é o meu direito...
 -Perdão! o senhor também tem o direito de andar descalço, e anda calçado; tem o direito de não usar gravata, e está hoje com um formoso laço a Eduardo VII; tem o direito de trazer o almoço dentro de uma latinha e de comê-lo no bond, e almoça em casa;
 -Porque? por que, tendo o direito de fazer tudo isso, tem também o dever de ser bem educado (...)
 - Mas se o senhor for tuberculoso, continuará a usar do seu direito?
 -Qual tuberculoso, homem! Tenho pulmões de ferro, - e hei de cuspir! E, se ficar tuberculoso, tanto pior para mim e para os outros! Hei de cuspir! é o meu direito!
 (...)
 -Só tem um direito!
 -E qual é?
 -É o direito de morrer! E digo-lhe mais: nem é um direito! é um dever! Morra, meu amigo, morra por amor dos seus semelhantes!"

(*Gazeta de Notícias*, 1903, apud DEL BRENNA, 1985 p.521)

Manuel de Sousa Pinto em "*O Bota-Abaixo*" expressa o sentimento de confusão que a transformação provocava na população. A frase do Marx de que "tudo que é sólido desmancha no ar" expressa-se no texto de Sousa Pinto

(...)É tudo absolutamente provisório agora aqui. A planta da cidade, que pensarias ingenuamente ter fixado nos primeiros passeios é uma ficção do teu espírito ligeiro; onde ontem havia uma rua, há hoje uma praça em ruínas; a esquina que dobraste à tarde, desapareceu na manhã seguinte. Daquela casa misteriosa que tu rondaste, por ter para lá entrado aquele vulto claro de chapéu de flores roxas, restam, quando voltas à conquista, três carroçadas de entulho que vão para o mar (...)

(PINTO, 1905 apud DEL BRENNNA, p.287)

No mesmo texto, Sousa Pinto descreve o processo das demolições como um "*campo de batalha*" e uma "*guerra sui-generis*", um front onde por um lado tinha "*um exercito ligeiro, intrepido, bem armado, de homens decididos*", e do outro lado, "*uma hoste imóvel, sólida, resistente, de muralhas e telhados*". E finaliza: "*e ainda como todas as guerras, daria à vontade uma epopeia, Rio de Janeiro Reedificada, por exemplo, ou um poema héroi-cômico: a Guerra dos Homens e das Casas ou a Picareta.*"

João do Rio viveu essa época e também percebe isso na cidade transformada. Para ele as ruas estão vivas e pensam, têm filosofia:

"A rua continua, matando substantivos, transformando a significação dos termos, impondo aos dicionários as palavras que inventa, criando o calão que é o patrimônio clássico dos léxicos futuros. A rua resume para o animal civilizado todo o conforto humano. Dá-lhe luz, luxo, bem-estar, comodidade e até impressões selvagens no adejar das árvores e no trinar dos pássaros"(DO RIO,1991, p.4)

1.2 Haussmann, Passos, a reprodução do capital e a expulsão dos pobres urbanos

O Rio queria ser Paris, e para tal transformação precisavam também de um Haussmann, uma figura forte, autoritária. Passos foi tudo isso. Desde jovem, Francisco Pereira Passos, foi enviado à França para estudar. Lá presenciou as grandes reformas urbanas feitas em Paris sob a direção de Georges Eugene Haussmann, entre as décadas de 1852 e 1870, que mudou a cidade francesa e a transformou na "Cidade das Luzes" modificando os modos de vida e o espírito da cidade (HARVEY, 2013).



Figura 3. Como foi, é e será. A Avenida. 1903.

A relação entre as reformas urbanas e o controle social foi assimilada por Pereira Passos e, com variações e um caráter próprio, foi implementada no Rio de Janeiro. Aqui o prefeito tentou eliminar as práticas sociais que não cabiam no cartão postal da cidade moderna. Com isto o bota abaixo também varreu com vários modos de subsistência. Proibiu a existência dos kiosques na cidade, proibiu a saída de vacas à rua para o comércio de leite, proibiu que se cuspiasse nos bondes e a viagem de pessoas penduradas nos bondes.

O entrudo jogo tradicional das comemorações do carnaval foi também proibido sendo substituído pela mais ordeira "batalha das flores".



Figura 4. Entrudo. Gravura do artista francês Jean-Baptiste Debret (1768-1848)



Figura 5. Batalha de Flores

O objeto ao qual apontavam essas tentativas de transformação nos hábitos ligadas às reformas urbanas era o campo da cultura e em muitas formas da cultura popular. Durante a transformação urbana do começo do século XX, proibiram-se várias práticas culturais e de subsistência na cidade. Proibições como a venda de bilhetes de loteria

pelas ruas, o comércio de leite diretamente das vacas nas ruas, a prática da esmola significaram o fim destes e de outros modos de subsistência.



Figura 6. Vendedores Ambulantes Cariocas

A ofensiva civilizatória do prefeito Passos opunha-se drasticamente as práticas e modos de vida de amplos setores da população. A campanha contra os quiosques demoliu vários, mas fez proliferarem outros muitos em diversas condições. Em matéria intitulada "Os Kiosques" do jornal "Correio da Manhã" de 1905 afirma-se que

...os kiosques surgem livre e desembaraçadamente em pontos diversos. E as condições em que aparecem são muito outras: levantam-se sobre as calçadas, deixando uma passagem estreitíssima junto aos prédios, de sorte a não permitir que por alli passe um transeunte de guarda chuva aberto.(...) Ora, quem se lembra da furia do prefeito contra os kiosques e o vê agora com essa condescendência prejudicial ao público, não pode achar sério esse procedimento agora. (Correio da Manhã, 27/02/1905)

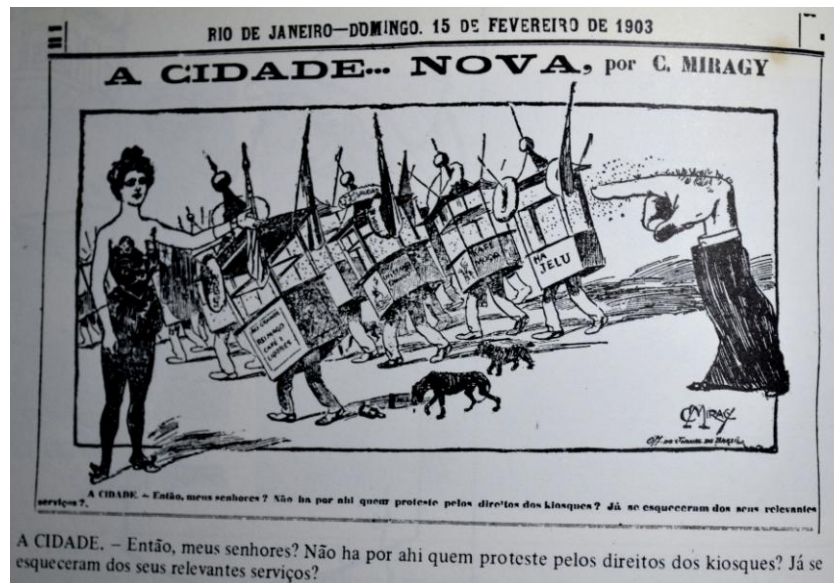


Figura 7. Guerra contra os Kiosques. Jornal do Brasil 15-02-1903

Isto também expressou-se nas políticas higienistas da Diretoria Geral da Saúde Pública. Um processo que justificou intervenções em setores considerados perigosos, onde o Estado invadia cortiços e decidia sobre o destino daqueles indivíduos. Essa política higienista foi justificando cada vez mais a intervenção do Estado na esfera privada daqueles setores da sociedade, removendo as pessoas com a desculpa de morarem em lugares de focos de doenças. Um processo hostil às classes populares, já abandonadas pelo Estado. Um processo de estigmatização que levou a justificar, por um lado, pela saúde da população, as remoções a grande escala feitas pelo Prefeito Pereira Passos na área central.

João do Rio retrata a miséria destes lugares, numa cidade que crescia vertiginosamente, a superlotação e o amontoamento de pessoas nas zungas, hospedarias baratas que se espalhavam pela Gamboa, até a cidade nova. João do Rio comenta o convite do delegado da polícia a visitar as hospedarias baratas. Para chegar até tais lugares, observa a escuridão e imundície da rede de becos, a irregularidade das construções, amontoadas, coladas umas às outras, "trechos inteiros de calçada, imersos na escuridão", dizia o cronista. Já dentro, o mau cheiro era intenso: as pessoas amontoadas em camas enfileiradas e sujas. Quanto mais iam se adentrando no local os

quartos iam ficando mais estreitos e asfixiantes, sumiam as camas e os lençóis e os corpos descansavam nus. Na escuridão dormiam "de beijo aberto, babando, marinheiros, soldados". Eram trabalhadores "nas descargas dos vapores, enchendo paióis de carvão, carregando fardos". A miséria inundava cada canto destas edificações e contrastava com a cidade fervilhante que parecia ocultar nas zungas os restos sobreviventes da cidade já destruída. Um dos acompanhantes afirmou comovido frente ao espectáculo em que "A miséria é proporcional à civilização"(DO RIO, 1991. p119).

Para além da cruzada civilizatória do prefeito Pereira Passos, encontram-se entre as motivações do processo de transformação da cidade do Rio de começo do século XX também interesses especulativos sobre o valor do solo urbano e dos benefícios que a reforma do centro da cidade traria para o processo de especulação. Remover do centro os setores mais frágeis da cidade tem direta relação com a continuidade de aumento do valor do solo e da reprodução do espaço construído e do próprio capital.

Esse fenômeno das cidades modernas tem sido definido e muitas vezes embelezado sob diversos termos, gentrificação, segregação ou revitalização. Em termos simples o processo é o seguinte: Os pobres urbanos são expulsos e a cidade renova-se. Os dicionários variam a definição do termo, ressaltando as características positivas do fenômeno ou mais especificamente eliminando a dimensão do conflito dentro do processo: "*Ação que consiste no restabelecimento do setor imobiliário degradado que, constituído pela restauração ou revigoração de imóveis faz com que esses lugares, supostamente populares, sejam enobrecidos*"⁹. Outras expõem um pouco mais o conflito do processo: "*processo de valorização imobiliária de uma zona urbana, geralmente acompanhada da deslocação dos residentes com menor poder econômico para outro local e da entrada de residentes com maior poder econômico*"¹⁰.

Os termos utilizados nas retóricas ao redor das reformas urbanas, pelos seus promotores, embelezam o caráter dos processos. Termos como o da revitalização expressam uma intenção de injetar vida a um local, "*conjunto ou ações que buscam dar*

⁹ Dicionário online: <http://www.dicio.com.br/gentrificacao/>

¹⁰ Dicionário online: <https://www.priberam.pt/DLPO/gentrificacao>

novo vigor, força, energia a alguma coisa: projeto de revitalização do bairro"¹¹. Os sinônimos como renovação, reabilitação expressam a meu ver a mesma questão, e abstraem-se, simplificam o processo.

É certo e inegável o caráter renovador dos processos de revitalização como o Porto Maravilha, como também é inegável a condição degradada da região portuária antes de começar as obras. A questão do uso destes termos é que escondem as relações conflituosas que caracterizam esses processos: as remoções, os deslocamentos para áreas distantes e carentes de infraestrutura, longe das suas redes de relações, que muitas vezes é a base de sustentação das camadas populares.

Os processos de gentrificação intrínsecos aos projetos de reforma e às lógicas com que opera o crescimento urbano sob o capitalismo é tão antiga quanto o próprio capital. Mesmo sem definir como "gentrificação" (termo usado por primeira vez por Ruth Glass em 1964)¹² Friederic Engels já identificava nas sociedades capitalistas do século XIX dito processo como parte constituinte das relações capitalistas e sua reprodução no espaço urbano. Engels descreve o processo de criação e destruição do espaço urbano capitalista da seguinte forma:

A expansão das grandes cidades modernas dá um valor artificial, colossalmente aumentado, ao solo em certas áreas, particularmente nas de localização central; os edifícios nelas construídos, em vez de aumentarem esse valor, fazem-no antes descer, pois já não correspondem às condições alteradas; são demolidos e substituídos por outros. Isto acontece antes de tudo com habitações operárias localizadas no centro, cujos alugueres nunca ou então só com extrema lentidão ultrapassam um certo máximo, mesmo que as casas estejam superpovoadas em extremo. Elas são demolidas e em seu lugar constroem-se lojas, armazéns, edifícios públicos. (...) O resultado é que os operários vão sendo empurrados do centro das cidades para os arredores, que as habitações pequenas em geral se vão tornando raras e caras e muitas vezes é mesmo impossível encontrá-las, pois nestas condições a indústria da construção, à qual as habitações mais caras oferecem um campo de especulação muito melhor, só excepcionalmente construirá habitações operárias (ENGELS, 1887, p11)

¹¹ Dicionário online: <http://www.dicio.com.br/revitalizacao/>

¹² GLASS, Ruth. apud ARANTES. "London: Aspects of change " em "The Gentrification Reader" em "A cidade do Pensamento Único"

1.3 Depois do Bota-abaixo

O solo também pode ser mercadoria e como tal é preciso de forma constante, sempre estar aumentando seu valor. Essa relação entre o espaço e a reprodução do capital é a essência da dinâmica urbana de crescimento moderna, mas durante certos períodos da história essa relação torna-se mais expressiva como foi a reforma de Pereira Passos. Mas após o grande bota-abaixo do começo do século, também outros momentos na história significaram grandes transformações na cidade. Momentos como o governo de Carlos Lacerda, logo após o golpe militar e a instauração de uma ditadura no Brasil e atual gestão de Eduardo Paes também destacam-se na história da cidade pela intensidade de suas reformas.

Grandes reformas urbanas significam também grandes processos de remoções. A pesquisa de Faulhaber e Azevedo sobre as remoções expõe conjuntamente dados sobre os 3 processos históricos de transformação urbana. Mais de 100 mil pessoas foram removidas das áreas centrais da cidade durante essas reformas.

Como colocado por Engels e outros autores como Milton Santos (cf SANTOS, 2012) não é a cidade de maneira uniforme que sofre os processos de valorização do solo. Existem áreas que concentram maior valor em oposição com outras áreas e que portanto as primeiras receberão maiores investimentos e as segundas, em contraste, receberão menores investimentos e abrigarão menor quantidade de serviços. No Rio a região mais gravitante é o centro da cidade. Um processo que foi ao longo da história se deslocando no sentido da zona sul e agora avança e se consolida no setor da Barra da Tijuca, ainda que o centro continue sendo a região com a maior concentração de empregos no Rio (MEDEIROS,2011).

Após o bota abaixo, a Primeira Guerra Mundial afetou fortemente a economia brasileira que teve um fraco desenvolvimento econômico que se expressou nas cidades. O crescimento na atividade industrial e portanto do proletariado se deu de certa forma independente do acionar do Estado, pois este estava dirigido ainda pelos interesses das grandes riquezas cafeeiras, opositoras ao desenvolvimento da burguesia industrial

nas cidades. Este período caracterizou-se por ter desenvolvido uma polarização social e por ter consolidado uma cidade marcada pela estrutura núcleo/periferia, separando as classes sociais territorialmente. Isto foi feito através do processo conjunto de expulsão dos setores populares "*indesejáveis*" e um constante melhoramento das áreas centrais da cidade. Por outro lado, durante esse período desenvolveram-se os subúrbios produto do crescimento da indústria e também por uma maior possibilidade de mobilidade dentro da cidade (ABREU, 2011).

Após a revolução de 1930, o anterior processo de crescimento urbano teve como consequência uma forte contradição para as burguesias cariocas. Contradição já identificada por Harvey como inerente à produção capitalista do espaço: a grande expansão da cidade, e a concentração dos empregos nas áreas centrais da cidade era conflituosa com a reprodução do capital no Rio de Janeiro, por esse crescimento não ter sido acompanhado de uma atualização do transporte público e da infraestrutura que conseguisse vencer essa desvantagem urbana.

Essa contradição provocou um "retorno" dos pobres urbanos às áreas próximas aos locais de trabalho, produzindo um crescimento das favelas, morando perto dos trabalhos e suprindo a carência de transporte público. Ainda com um controle forte do espaço urbano por parte do Estado, as favelas foram permitidas por causa da relação entre as forças político-sociais do Brasil e seus governos que viam as favelas como uma grande fonte de votos (ABREU, 2011).

Nas décadas seguintes, a contradição do espaço urbano continuava sem ser resolvida . As grandes massas de trabalhadores continuavam morando distante dos postos de trabalho. Por causa disto, e também por um aumento do fluxo de automóveis e o grande desenvolvimento da zona sul no Rio, as reformas da cidade estão concentradas em superar essa contradição do espaço para continuar reproduzindo a economia no

Rio de Janeiro. Realizam-se então diversos projetos como o Aterro do Flamengo, a Perimetral, o Túnel para Copacabana, a Radial Oeste e a Rodoviária Novo Rio.¹³

Em 1960, a cidade do Rio de Janeiro perdeu o título de Distrito Federal, virou Estado da Guanabara, mas continuou sendo objeto de obras e reformas. Porém a perda do status (e dos recursos) de capital federal provocaram uma decadência da economia carioca. Já na ditadura militar, o poder público iniciou uma etapa de fortes remoções de favelas, deslocando a população desses locais para novos conjuntos habitacionais na Zona Oeste e Norte, como Cidade de Deus e a Penha. Mais de 30 mil pessoas foram removidas de seus lugares de moradia (FAULHABER, 2015. P36).

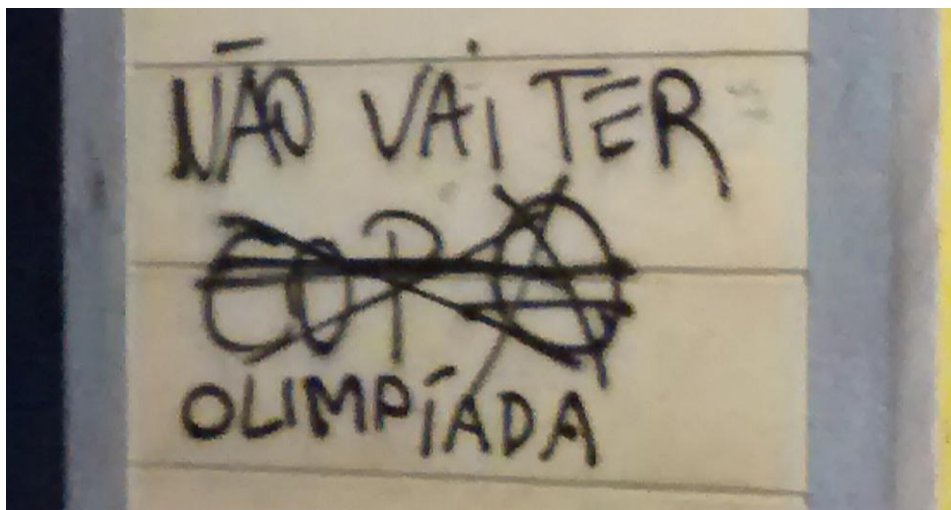


Figura 8. Pixação/ Re pixação. Praça Tirdentes, 2015

Na década de 1970, a cidade expandiu seu crescimento no litoral carioca para além de Leblon. Nascia assim a Barra da Tijuca inspirada nos padrões modernistas de Brasília, em uma escala feita para o automóvel. As obras do Túnel, o elevador do Joá e as pontes da Joatinga permitiram a acessibilidade e a ocupação da área da Baixada de Jacarepaguá e da Barra da Tijuca. Região que se tornará no futuro a menina dos olhos da especulação no mercado imobiliário carioca (FAULHABER, AZEVEDO, 2015). Como veremos a frente mais profundamente, esse elemento de crise histórica é uma das

¹³[https://pt.wikibooks.org/wiki/A_cidade_do_Rio_de_Janeiro_no_s%C3%A9culo_XX/Segunda_metade_do_s%C3%A9culo_XX_\(continua%C3%A7%C3%A3o\)](https://pt.wikibooks.org/wiki/A_cidade_do_Rio_de_Janeiro_no_s%C3%A9culo_XX/Segunda_metade_do_s%C3%A9culo_XX_(continua%C3%A7%C3%A3o))

questões centrais nos elementos constitutivos do discurso da prefeitura no intuito de validação da implementação dos projetos de megaeventos na cidade como Copa do Mundo e Olimpíadas.

Também, se constroem a estrada Lagoa-Barra, o Elevado Paulo de Frontin e o Túnel Rebouças, melhorando a acessibilidade da zona sul e da Barra da Tijuca. Na mesma década são construídos a linha 1 do metrô, a ponte Rio Niterói. A cidade muda novamente seu caráter político administrativo, passando o município do Rio de Janeiro a ser a capital do atual Estado do Rio de Janeiro.¹⁴

Já o final do século XX, a construção da linha vermelha e da linha amarela marcam algumas das principais intervenções do poder público na cidade do Rio. Esta última sob a gestão do prefeito César Maia.

A gestão de Cesar Maia foi quando começaram a se gestar as dinâmicas que atualmente se desenvolvem e determinam o crescimento do espaço urbano e a cidade do Rio de Janeiro. Cesar Maia foi prefeito do Rio de Janeiro em mais de uma oportunidade. Suas gestões (1993-1996, 2000,2003 e 2005-2008) foram militando por diferentes partidos. A primeira 1993-1996 pelo PMDB, a segunda 2000-2003 pelo PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) e o terceiro 2005-2008 pelo PFL (Partido da Frente Liberal)¹⁵. Durante as gestões municipais de Cesar Maia, promoveu-se a descentralização administrativa da cidade, criando as diversas subprefeituras. Entre elas, a de Barra-Jacarepaguá, onde Eduardo Paes foi subprefeito numa época de intenso crescimento da área e também para a especulação imobiliária e onde se iniciou a longa campanha pela remoção da Vila Autódromo.

Mais especificamente, o programa Rio-Cidade consistiu em diversas intervenções urbanas nas vias mais importantes dos principais bairros cariocas. Foram realizadas obras de redimensionamento do sistema de escoamento das águas pluviais, de construção de galerias subterrâneas para a passagem de fios e cabos

¹⁴[https://pt.wikibooks.org/wiki/A_cidade_do_Rio_de_Janeiro_no_s%C3%A9culo_XX/Segunda_metade_do_s%C3%A9culo_XX_\(continua%C3%A7%C3%A3o\)](https://pt.wikibooks.org/wiki/A_cidade_do_Rio_de_Janeiro_no_s%C3%A9culo_XX/Segunda_metade_do_s%C3%A9culo_XX_(continua%C3%A7%C3%A3o))

¹⁵ <http://www.cesarmaia.com.br/>

de telefone e energia elétrica, além da reforma de calçadas, retirada e substituição de postes, modernização da sinalização horizontal e vertical, plantio e replantio de árvores, renovação do piso asfáltico e de iluminação, remodelamento do mobiliário urbano de praças e calçadas. A cidade virou, como em outras ocasiões, um grande canteiro de obras que provocaram grandes transtornos no trânsito e na rotina dos cidadãos.¹⁶

Nos governos de Cesar Maia, obras como a Cidade da Música, grande “elefante branco” que permaneceu mais de 11 anos “em construção” já apontava o rumo que a cidade tomaria. O papel cada vez mais central que a especulação imobiliária e o lugar que o valor do solo e o crescimento da cidade têm para a gestão municipal no Rio de Janeiro atualmente se expressou com as tentativas de sedear os chamados megaeventos e a primeira “conquista” nesse sentido foram os Jogos Pan-americanos de 2007.

A estreita relação entre prefeitura, os projetos imobiliários e os megaeventos que hoje caracterizam a gestão da Prefeitura e os grandes empreendimentos na cidade já estava colocada desde 1993 onde começa se esboçar o Plano Estratégico da Cidade do Rio de Janeiro, mas chegará a sua máxima expressão (por enquanto) durante a atual administração de Eduardo Paes. Vale a pena lembrar brevemente que o impulso dos megaeventos e da transformação urbana da cidade do Rio, só foi possível a partir da aliança tecida nas eleições para governador entre Sérgio Cabral e o então presidente Lula, possibilitando um outro patamar de investimentos e verbas vindas do governo federal, coisa que não acontecia anteriormente com figuras de oposição ao PT como Garotinho e Cesar Maia.¹⁷

¹⁶ <https://pt.wikipedia.org/wiki/Rio-Cidade>

¹⁷ Obras caindo aos pedaços e superbactérias mostram a verdadeira cara da cidade olímpica (<http://www.esquerdadiario.com.br/Obras-caindo-aos-pedacos-e-superbacterias-mostram-a-verdadeira-cara-da-cidade-olimpica>)

O período dos governos de Eduardo Paes será nosso marco temporal principal de análise, assim como também o será o período do Bota-abixo de Pereira Passos no começo do século XX. A escolha de aprofundar o estudo sobre a atual transformação urbana considerando entre outros elementos a relação entre as reformas de Eduardo Paes e de Pereira Passos deve-se a que essa relação é antes de tudo uma construção discursiva presente e erguida desde o próprio poder público e que tem relação não só com as campanhas referentes às transformações na cidade mas também com campanhas para as eleições de prefeito nas que participou (e venceu) Eduardo Paes. É esse o interesse de estudar essa relação e como ela é funcional ao discurso do poder público, mas não uma análise limitada, mas focada nesses dois períodos históricos da cidade, considerando que não são processos isolados e que há outros processos de reforma urbana na cidade, em relação com os processos econômicos e políticos da situação brasileira mas também internacional.

Essa questão será desenvolvida nos capítulos seguintes, mas é importante colocar brevemente esta pequena referência para entender de melhor maneira o porquê do recorte desses dois momentos históricos, como a reforma de Passos é inserida no discurso do prefeito Paes e, em articulação com a perda da condição de capital federal, cria-se a ideia de um período obscuro prévio às reformas atuais e é relacionado, afirmam, com uma "perda de identidade" da cidade.

CAPÍTULO 2

2.1-A cidade empresa, a cidade mercadoria e o urbanismo de espetáculo

O atual projeto urbanístico na cidade do Rio de Janeiro, com as obras da copa, das olimpíadas e também do Porto Maravilha entre outras, começou a se esboçar no tempo da gestão do prefeito Cesar Maia. Este projeto de cidade representa uma nova fase de reprodução do espaço da cidade e de acumulação de capital, ainda que conserve em essência uma das principais características da construção do espaço urbano sob o capitalismo: a contínua reprodução do excedente de capital.

Da mesma maneira que a reforma do Rio de Janeiro de começo do século XX procurava atualizar as condições sociais e materiais da cidade para se inserir nas novas condições da economia mundial do cenário da época, as reformas atualmente em curso respondem às atuais condições e tendências do capitalismo globalizado, mas de forma diferente.

Na economia globalizada neoliberal tem se modificado ou intensificado o papel da reprodução do espaço urbano como parte das grandes políticas econômicas, fenômeno que tem um caráter global e é possível de identificar em diversos países do mundo se esboçando a partir da década de 1970, mas principalmente de 1980 (Ver ARANTES, 2000)

Essas mudanças na economia e na configuração urbana tem se expressado também em outros aspectos da vida nas cidades, como afirma Harvey a qualidade da vida nas cidades é agora uma mercancia acessível só para os que têm dinheiro, "*o turismo, as atividades culturais e as baseadas no conhecimento e também o continuo recurso à economia do espetáculo e tem se convertido em aspectos fundamentais da economia política urbana(...)*"(HARVEY, 2013. p34).¹⁸

¹⁸ A versão acessada do livro "Cidades Rebeldes" está na língua castelhana e portanto a tradução para o português é de minha autoria.

Se bem nas análises econômicas a questão do mercado imobiliário e do solo tem sempre sido considerado um fator secundário dentro das grandes dinâmicas do capitalismo, Harvey afirma que os *booms* imobiliários foram fundamentais para a continuidade da reprodução e absorção do excedente de capitais durante o final do século XX e a primeira década do século XXI, e que, ao mesmo tempo, teve um lugar importante na atual crise que começou em 2008.

En Estados Unidos todo el mundo creía hasta 2008 que el mercado de la vivienda era un importante estabilizador de la economía, en particular tras la debacle de las empresas informáticas y de alta tecnología a finales de la década de 1990. El mercado inmobiliario absorbía directamente gran parte del excedente de capital dedicándolo a nuevas construcciones mientras que la rápida inflación del precio de la vivienda, (...) impulsaba el mercado interno estadounidense de servicios y bienes de consumo. (HARVEY, 2013. p30).¹⁹

Como desenvolveu Harvey no segundo capítulo de *Cidades Rebeldes "As raízes urbanas das crises capitalistas"*, as quebras nos mercados imobiliários tiveram um papel central no nascimento de algumas das crises capitalistas e não é só um fator da atual crise originada em 2008. Foi o caso da quebra de vários bancos na crise de 1973. Ou o fim do boom Japonês dos anos 90 provocado pela rápida queda do valor dos preços do solo. E mais, Harvey chama a atenção para o fato de os *booms* imobiliários nos Estados Unidos, precederem aos *cracks* na economia em diversas ocasiões (1929, 1973, 1987, 2000).

Mas um crescimento do setor imobiliário financiado na base do crédito e das dívidas, em nível global é uma importante característica do crescimento urbano contemporâneo e da reprodução do capital, e "qualquer região urbana do mundo viu como se inflava a sua bolha imobiliária ao tempo que aumentava desenfreadamente o fluxo de imigrantes empobrecidos" (Ver HARVEY, 2013. p31) e um campo progressivamente precarizado e empobrecido pelas próprias dinâmicas do capitalismo.

¹⁹ TRADUÇÃO: Nos Estados Unidos todo mundo acreditava até 2008 que o mercado imobiliário era um importante estabilizador da economia, em especial após a queda das empresas informáticas e de alta tecnologia no fim da década de 1990. O mercado imobiliário absorvia diretamente grande parte do excedente de capital investindo em novas construções enquanto a rápida inflação do preço da vivenda (...) impulsionava o mercado interno estadunidense de serviços y bens de consumo.

Internacionalmente delineou-se uma dinâmica de assalto às economias nacionais e principalmente sua expressão nas cidades atuais com projetos de grandes transformações urbanas, implementadas com fundos públicos e a flexibilização da normativa urbanística, junto com a diminuição do Estado no relativo às políticas sociais tem sido uma característica própria da globalização. Não uma característica exclusiva dos processos de reforma dos megaeventos, mas uma estratégia regular da economia capitalista neoliberal (MARICATO, 2014). Essa nova fórmula urbanística precisava também de novas ferramentas financeiras no mercado imobiliário que garantissem o financiamento dessas obras a partir da dívida numa escala planetária.²⁰

O modelo de urbanismo do planejamento estratégico nasce no final da década de 1970. Foi definida pelo italiano Venuti como a terceira geração de urbanismo que surgia em "oposição" ao urbanismo da década de 1970 (o da segunda geração) que, sob as linhas diretrizes do Estado Social, privilegiava a racionalidade, a funcionalidade, o zoneamento e o plano diretor sob uma perspectiva técnica do espaço construído. Venuti constatava que nas novas dinâmicas:

O regime imobiliário procura concentrar-se nas transformações mais vistosas, as que disporão de maiores investimentos públicos e privados e que serão maximamente valorizados, em poucas áreas que estão sob o controle direto das grandes corporações financeiras, sem qualquer tipo de limitação" (VENUTI apud ARANTES. 2000, p.19)

Tomaremos também as definições sobre o planejamento estratégico como conceito e também ele próprio como modelo de gestão das cidades, elaboradas por Rodrigo Lopes no livro "A Cidade Intencional". Cabe colocar também que o estudo de LOPES aborda a questão da cidade e das transformações urbanas a partir do conflito entre local e global e não do conflito entre capital e trabalho e da reprodução capitalista vinda dessa relação. Por outro lado, se bem nos primeiros capítulos se faz uma análise crítica à reprodução capitalista do espaço urbano aos processos de segregação e também ao

²⁰ (...)esta nueva oleada urbanizadora dependia, como las anteriores, de la creación de nuevas instituciones e instrumentos financieros que permitieran canalizar los créditos requeridos para mantenerla. Las innovaciones financieras puestas en marcha en la década de 1980, en particular la titulización y empaquetamiento de hipotecas locales para venderlas a inversores de todo el mundo y la creación de nuevas instituciones financieras que facilitarían la creación de un mercado hipotecario secundario y la emisión y venta de Obligaciones de Deuda Garantizadas [COOs, Collateralized Debt Obligations] han desempeñado un papel decisivo. (HARVEY, 2013. p32).

aumento das desigualdades, a análise sobre a gestão estratégica do planejamento urbano é feita desprovida completamente de qualquer crítica ao modelo numa análise mais no plano teórico do modelo, mas que serve no nosso caso para um entendimento do pensamento dos impulsores do modelo.

O conceito é originário, é claro, do mundo financeiro empresarial, na década de 1920 mas foi só "*a partir dos anos 60, procedimentos estratégicos começaram a ser usados pelas empresas como um importante instrumento de conquista de mercados. Foi o passo inicial, apesar de não constituir um processo abrangente de planejamento estratégico.*"(LOPES,1998 p80).

Potencialmente possível de ser aplicado em qualquer tipo de organização, o planejamento estratégico tem como seu principal objetivo em termos administrativos, a coordenação de todas as funções de determinada organização no nível estratégico. Lopes afirma que o sistema de planejamento estratégico tem 4 pontos principais, a saber: A missão (onde queremos ir), as estratégias (como chegar lá), o orçamento (o que podemos fazer) e o controle (como medir o andamento do processo)(LOPES, 1998).

A construção dos possíveis cenários futuros é também uma preocupação importante dos impulsores e implementadores do planejamento estratégico, processo pelo qual tentam definir as questões que serão significativas no desenvolvimento bem sucedido do projeto. A prospecção de cenários futuros é uma etapa fundamental, segundo seus impulsores, para determinar quais as questões estratégicas a serem focadas.(Ver LOPES,1998)

A partir de finais das décadas de 1970 e 1980, essa lógica de administração passou a ser utilizada amplamente no aparato público dos estados, principalmente na gestão urbana. Cidades como Birmingham, Frankfurt, Paris, Lyon, Madrid, Bilbao, Valença, Malaga, Barcelona e Lisboa adotaram o modelo na Europa. São Francisco, Montreal, Toronto na América do norte e Rosário, Mendoza, Buenos Aires, Bogotá, Medellin,

Cartagena, Monterrey Guadalajara, Fortaleza, Campos, Juiz de Fora, Belo Horizonte, Recife e Rio de Janeiro, na América Latina.(LOPES, 1998).

Essas definições apresentadas por Lopes sobre o funcionamento do modelo do planejamento estratégico neste nível mais abstrato e isento de qualquer tipo de análise crítica distam do funcionamento deste modelo de gestão das cidades e de sua aplicação na realidade. No caso do Rio de Janeiro a adoção do modelo deu-se exclusivamente a partir de uma iniciativa de setor empresariais e posteriormente foi adotado pelo poder público.

Carlos Vainer fez parte do Conselho da Cidade como representante do IPPUR e sistematizou suas experiências no conselho no texto: "Os liberais também fazem planejamento urbano". Aqui descreve primeiramente o processo de consolidação do modelo a partir da articulação da iniciativa privada e do Estado e também os seus funcionamentos internos e metodologias, não na teoria, mas aplicadas na realidade da cidade, com alguns dos seus atores reais e a exclusão de outros na participação do processo.

Em novembro de 1993, a Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro e a Associação Comercial do Rio de Janeiro (ACRJ) em articulação com a Federação das Indústrias (FIRJAN) iniciaram a promoção do que futuramente seria o Plano Estratégico da Cidade do Rio de Janeiro (PECRJ). Após 3 meses 46 empresas se articularam para garantir recursos para o avanço do plano estratégico da cidade mediante o Consórcio Mantenedor do PECRJ. No final de 1994 é instaurado o Conselho da Cidade e o Conselho Executivo a partir da articulação destes 3 atores (VAINER 2000).

Além do Consórcio Mantenedor, do Comitê Executivo e do Conselho da Cidade, a estrutura do PECRJ contempla um Conselho Diretor, diante do qual responde o Comitê Executivo. O Conselho Diretor, cuja composição passou por pequenos ajustes ao longo do tempo, tem entre seus membros empresários individuais e representantes de associações empresariais, reitores das principais universidades da cidade, empresas jornalísticas, o Secretário de Urbanismo do município, o Secretário Estadual de Planejamento' e personalidades. A presença popular parece ficar por conta de um senhor que responde pela alcunha de Mamão, representante da XVI Região Administrativa (Rocinha). (VAINER. 2000, p106)

O Conselho da Cidade, definido como "instância superior" do plano tem uma composição onde pode se encontrar desde escolas de Samba, Organizações Não Governamentais até o Lyons Club. Parece uma composição bastante plural ainda que a balança esteja mais inclinada ao lado das empresas. Mas como Vainer afirma, o papel estabelecido para o Conselho da Cidade é, antes do que tudo, simbólico pois sua função é simplesmente homologatória de documentos previamente elaborados pelo setor empresarial no Comitê Executivo e Diretor.

A homogeneidade do Conselho da Cidade é simplesmente para potencializar a aparência de diversidade na discussão, pois na verdade não existe tal discussão, tal debate. Uma discussão entre setores com interesses tão diferentes como os verdadeiramente envolvidos na realidade do processo de transformação da cidade é oposto aos interesses dos setores que no primeiro lugar impulsionaram o processo aberto pela adoção do modelo de planejamento estratégico.

O conselho não constitui, de fato, um organismo coletivo, mesmo porque, como esclareceu o Diretor Executivo em um debate público no qual foi interpelado acerca dos procedimentos e da falta de democracia no processo, seria "impossível administrar o debate num coletivo tão heterogêneo". Com esta preocupação estritamente operacional, decidiu-se que a tarefa administrativa de discutir e deliberar deveria ficar a cargo de coletivos mais homogêneos: o Comitê Executivo e o Conselho Diretor" (VAINER. 2000, p109)

Existe portanto uma diferença, primeiro entre teoria e a aplicação real deste modelo, e segundo, entre a essência e a aparência do planejamento estratégico. É preciso especificar que o tipo de consenso perseguido neste modelo de gestão urbana exclui a ideia de espaço de debate. Ou ao menos o amplo debate entre todos os atores em questão, limitando as decisões àqueles que já compartilham de certos acordos e comunidade de interesses. Ou seja, não muito debate.

Neste sentido uma grande articulação de atores com interesses em comum sem a presença ou a possibilidade de outros setores se expressarem, tem como resultado que as ações destes grupos, no caso 46 empresas, a ACRJ, a FIRJAN e a Prefeitura, não serão benéficas para setores não contemplados por dito consenso. Em termos mais

concretos, essa articulação empresarial, parceria público-privada, é hostil aos interesses da maioria da população.

Tendo essa definição clara podemos entender que uma apresentação "honestas" do projeto teria uma forte oposição de amplos setores da sociedade. É por isto que o planejamento estratégico investe importantes energias nas estratégias de marketing, de comunicação e promoção da validação desses cenários futuros, neste caso de reformas concretas da cidade com o intuito também de captação de capitais de investimento estrangeiro. O marco da crise do urbanismo da década de 1970 é a crise internacional decorrente das dinâmicas do petróleo. Portanto o "novo" urbanismo respondeu à realidade apresentando-se como a saída da crise.

Sendo uma tendência da gestão urbana originada e também idealizada sob lógicas "for business" (MOLOTCH apud ARANTES. 2000, p28) e de marketing, o modelo de planejamento estratégico desenvolveu para a difusão de seus projetos frases potentes, "palavras-iscas" como "renovação urbana", "requalificação urbana" ou "revitalização urbana", que viabilizassem esses grandes empreendimentos, tanto economicamente como no plano da opinião pública. Vale a pena definir esses conceitos utilizados nos projetos do planejamento estratégico. A prefeitura do Rio, se bem utiliza-se desta terminologia nos documentos oficiais, como por exemplo, o Plano Estratégico, não proporciona uma definição deles. No entanto, a Direção Geral de ordenamento do território da cidade de Lisboa proporciona definições dos termos Revitalização Urbana e Renovação Urbana:

Revitalização Urbana:

é o processo que " transforma a base socio-econômica obsoleta de certas áreas urbanas, tornando-a mais sustentável através da atracção de novas atividades e empresas, da modernização do tecido urbano, da melhoria do ambiente urbano e da diversificação da estrutura social".

Renovação Urbana: É o processo que visa

"substituir bairros urbanos empobrecidos e áreas degradadas por projetos de grande dimensão incluindo habitação, serviços, sistemas de transporte, áreas de recreio, etc".

Requalificação Urbana: Para definirmos o que é requalificação urbana nos utilizaremos inicialmente da definição mais utilizada e que adapta-se aos objetivos e interesses que o poder público deposita no processo, considerando a requalificação urbana como um processo social político e econômico que intervém no território com o objetivo de recriar ou recuperar qualidade de vida em determinado setor da cidade (Ver MOREIRA, 2007). Isso em termos mais gerais. Essa definição não considera os produtos colaterais como a gentrificação e a remoção direta dos antigos moradores, e também não considera que o processo de degradação prévio às iniciativas de requalificação urbana muitas vezes se produz por um abandono da região por parte do poder público.

Gentrificação: Se bem não é um termo utilizado pelos impulsores desse modelo de desenvolvimento e gestão urbanos, nem é um termo utilizado pelo poder público em momento algum, utilizarei este espaço para expor uma definição ampla sobre o assunto, pois trata-se de um fenômeno "colateral" mas que é, na verdade, um pilar estrutural do planejamento estratégico ou "urbanismo de espetáculo". A sua origem, enquanto à sua primeira utilização é na língua inglesa, *gentrification*, *gentrify*, que etimologicamente vem do francês *genterise*. Genterise quer dizer gentil, ou nobre, portanto o termo quer dizer literalmente enobrecimento.

Na sociologia urbana e nos estudos sobre a cidade, o termo é utilizado para descrever primeiramente um processo de atualização ou melhorias no espaço construído ou na infraestrutura urbana. Questão que, pelas dinâmicas do mercado, acaba produzindo uma mudança sociocultural naquela região ou também o fenômeno pode acontecer de maneira inversa, sendo primeiro o deslocamento da população e posteriormente a melhora física da região.

Se bem as dinâmicas capitalistas ligadas ao solo provocam a expulsão dos setores empobrecidos das regiões centrais da cidade desde o começo da história das cidades capitalistas, historicamente o termo *gentrificação* é associado ao fenômeno

desenvolvido durante a década de 1970 nos países centrais do capitalismo, onde setores mais acomodados da classe média desses países mudou-se para as regiões centrais, expulsando a população mais pobre que já residia nessa região. O termo foi utilizado pela primeira vez pela socióloga Ruth Glass, na Inglaterra em 1964. Ela identificou em Londres que na região central estava se produzindo uma valorização do preço do solo expulsando a população original para os subúrbios, e regiões afastadas e também pouco valorizadas (ver MOTTA, 2006). Glass explicou o processo da seguinte forma:

Uno a uno, muchos de los barrios obreros de Londres han sido invadidos por las clases medias. Miseros, modestos pasajes y cottages – dos habitaciones en la planta alta y dos en la baja- han sido adquiridos, una vez que sus contratos de arrendamiento han expirado, y se han convertido en residencias elegantes y caras. Las casas victorianas más amplias, degradadas en un período anterior o reciente –que fueron usadas como casas de huéspedes o bien en régimen de ocupación múltiple- han sido mejoradas de nuevo. Una vez que este proceso de "gentrification" comienza en un distrito continúa rápidamente hasta que todos o la mayoría de los originales inquilinos obreros son desalojados y el carácter social del distrito se transforma totalmente. (GLASS 1964 apud SALINAS 2013, p4)²¹

Não aprofundarei na problematização do conceito de gentrificação, mas para além da definição do fenômeno colocada acima é preciso especificar uma mudança no processo de gentrificação, passando a ser um fenômeno mais agressivo no que diz relação à expulsão dos setores empobrecidos e dos moradores originais da região em conflito. Não precisamos ir longe para apreciar a expulsão violenta de uma região dos setores populares. Na cidade do Rio de Janeiro os exemplos deste tipo aparecem ao longo da história da cidade, como expus no primeiro capítulo, no violento processo do botabaixo de Pereira Passos no centro da cidade, outros exemplos como a remoção dos moradores da Praia do Pinto na Lagoa Rodrigo de Freitas em 1969 por um suspeito

²¹ Um após o outro, os bairros operários de Londres tem sido invadidos pelas classes médias Miséras e modestas paisagens e cottages - dois habitações em planta alta e 2 na baixa - tem sido adquiridos, uma vez que seus contratos de aluguel venceram, e se converteram em residências elegantes e caras. As casas vitorianas, maiores, degradadas num período anterior ou recente - que foram usadasd como casas de hospedes ou bem no regime de ocupação múltipla - tem sido novamente melhoradas. Uma vez que esse processo de "gentrification" começa num bairro continua rapidamente ate que todos ou a maioria dos moradores originais, operários, são expulsos e o caráter social do local se transforma totalmente.

incêndio no local ou o atual processo de remoção, produto do projeto de cidade atrelado à Copa e às olimpíadas com mais de 67mil pessoas removidas de seus lugares de moradia e o exemplo emblemático da Vila Autódromo que resistiu por décadas aos ataques da Prefeitura.

Casos desta tendência a um processo de gentrificação, via remoção ou expulsão violenta da população, abundam mundo afora. Bumbai, por exemplo, no caso do bairro de Dharavi, ou nos Estados Unidos com o direito de desapropriação do Estado. Na Coreia do Sul, onde as empresas contratam lutadores de Sumô para destruir as vivendas dos setores empobrecidos que ocupam regiões de alto interesse imobiliário. Violência na remoção, ocultamento dos verdadeiros interesses atribuindo a remoção da população a razões de força maior como motivos ambientais ou de própria segurança dos moradores são elementos que se repetem nos diversos exemplos (HARVEY, 2013)

As prefeituras e os empreiteiros adotaram essa concepção de gestão da cidade e de termos como revitalização e requalificação para a construção da discursiva do urbanismo estratégico. Por outro lado, o termo gentrificação não é utilizado na retórica impulsora da gestão municipal do planejamento estratégico. Se bem gentrificação pelo significado literal está associado à ideia de melhoramento e de enobrecimento dos espaços é um conceito muito mais associado aos aspectos negativos do fenômeno.

Utilizando-se da cultura como um dos seus combustíveis levantavam os empreendimentos do novo urbanismo. A discursiva ao redor do conceito da "revitalização urbana" nutria-se da derrota do urbanismo anterior, "...o planejamento convencional, a utilização de planos e regulamentos para guiar o uso do solo pareciam cada vez mais desacreditados. Em vez disso, o planejamento deixou de controlar o crescimento urbano e passou a encorajá-lo por todos os meios possíveis e imagináveis." (HALL apud ARANTES, 2000 p20)

Mais especificamente, foi da expressão urbana da crise da economia da década de 1970 que nasceu o conceito de "revitalização urbana", e a discursiva que vai pavimentando a autopista do planejamento urbano estratégico no sentido oposto ao do controle e regulamentação da economia e do solo. Caminho que, afirmam, precisa ser enfrentado em "parceria" entre setor público e a iniciativa privada, parceria que, na prática concreta, traduzia-se no financiamento dos investimentos privados com recursos públicos (ARANTES, 2000. p22). Mais especificamente os empreendimentos impulsionados pelo poder público eram cedidos à iniciativa privada, mas se mantém uma proporção importante de recursos públicos sustentando esses projetos. A lógica por trás disto é que trata-se de uma intervenção no espaço público e, portanto, é questão do estado sustentar essas transformações.

A cidade é então uma "*máquina de produzir riqueza*", mas é mais do que isso, desde o momento que é, ao mesmo tempo, a empresa que produz e o produto que é produzido. No caso brasileiro, após a virada do século, começam-se a adotar as mesmas políticas neodesenvolvimentistas²². Principalmente da mão dos governos pós-neoliberais do Partido dos Trabalhadores de Lula e Dilma intensificou-se a associação entre a esfera pública e a esfera privada.

Através da flexibilização das leis para permitir ao BNDES o financiamento dos investimentos de empresas brasileiras, tanto no exterior como no próprio país, os investimentos do Estado foram se concentrando na iniciativa privada e as de caráter público-social foram progressivamente negligenciadas. No caso concreto das grandes cidades como Rio, o transporte público permaneceu sem investimentos, enquanto se promovia o uso do carro²³ ao mesmo tempo que um aumento de empreendimentos

²² "um modelo ainda em formação, que postula a construção de um espaço de coordenação entre as esferas públicas e privadas, com o objetivo de aumentar a renda nacional e os parâmetros de bem-estar social" BOSCHI; GAITÁN, 2008: 306 <http://www.redalyc.org/html/3476/347632188002/>

²³ No transporte público das principais cidades no Brasil as crises financeiras são cíclicas e expressam as deficiências na gestão. O funcionamento sabemos não é dos melhores conseguindo também uma diminuição na sua importância e confiabilidade dos usuários. Isto não é produto de uma qualidade "genética" dos transportes públicos ou de uma condição "genética" irreconciliável da natureza das grandes cidades contemporâneas. Tem sido interesses das grandes construtoras e das grandes montadoras de automóveis os que determinam essa questão nas cidades. LeMonde Diplomatique Brasil. 1 de Junho de 2012.

imobiliários junto com as expectativas para o mercado da realização da Copa do mundo de 2014 e das Olimpíadas aumentaram o valor dos imóveis e dos aluguéis (MARICATO, 2014).

As remoções avançam para criar o espaço para os futuros investimentos dos projetos imobiliários deslocando as populações a regiões afastadas, desconectando-os das suas fontes de subsistência e desintegrando as redes sociais que muitas vezes eram um fato importante para a subsistência destes setores. Ao mesmo tempo, as dinâmicas especulativas que sustentam na base do crédito, da dívida e da futura promessa da compra do imóvel criam uma valorização dos imóveis ao tempo que não existem muitas vezes demanda para esses. É o que ta acontecendo no caso do Rio de Janeiro.

Muitos dos projetos do Porto Maravilha e outros estão já prontos, mas o tempo passa e a falta de demanda é um fator que contrasta com os milhões investidos. O edifício EcoSapucaí ou o PortCorporate Tower encontram-se vazios, só este último tem 1 único usuário, a Tishman Speyer que é a proprietária do empreendimento. Esses são exemplos de uma quantidade maior de empreendimentos imobiliários que com o avanço e aprofundamento da crise tendem a continuar vazios. Segundo a empresa de pesquisa imobiliária Buildings a taxa de espaço vago em imóveis na região portuária passa dos 22%, taxa similar à que a região tinha antes do empreendimento quando era uma região em desuso. Em matéria da Folha de 2015 o supervisor da Buildings afirma que "São 119 mil m² de lajes lançados nas regiões em um ano, num momento de queda da demanda e vai piorar porque 60 mil m² ficam prontos até o fim do ano." ²⁴

Esse projeto de cidade que em combinação com a atual crise econômica internacional está produzindo grandes empreendimentos imobiliários vazios é parte da tendência internacional de concorrência mundial entre cidades para atrair investimentos. O objeto da fórmula de renovação são áreas que, produto das diversas transformações na economia através dos anos como alguns parques industriais e regiões portuárias, acabam tornando-se obsoletas.

²⁴ <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/10/1698215-desertos-predios-esperam-empresas-no-rio.shtml>

A revitalização dessas áreas tem por objetivo aquecer o mercado imobiliário, incentivar a atividade do turismo e tudo orientado a um público objetivo de elite. O modelo denominado de "urbanismo de espetáculo" é a etapa final da sequência de, primeiro, abandono de certas áreas da cidade pelo poder público, com escasso investimento em equipamentos, seguida de um processo de estigmatização da região em questão e consequente queda no valor do solo e dos imóveis. Compras dos imóveis, remoções e expulsão das populações da região finalizando com grandes empreendimentos imobiliários e de infraestrutura pública que no caso atual do Rio de Janeiro carecem de demanda no mercado.

A espectacularização da cidade é na verdade uma expressão da espectacularização da própria sociedade na qual vivemos. A sociedade do espetáculo é um conceito elaborado pelo pensador francês Guy Debord. Segundo Debord, a espectacularização da sociedade é produto da própria organização capitalista da sociedade e dos meios de produção e do processo de alienação. Espetáculo entendido não como um apêndice ou um adendo decorativo do modo de organização econômico social capitalista no campo da publicidade do marketing ou da indústria televisiva. Espetáculo como o "*coração da irrealidade da sociedade real*". Na sua reflexão, Debord afirma que:

O espetáculo apresenta-se como algo grandioso, positivo, indiscutível e inacessível. Sua única mensagem é «o que aparece é bom, o que é bom aparece». A atitude que ele exige por princípio é aquela aceitação passiva que, na verdade, ele já obteve na medida em que aparece sem réplica, pelo seu monopólio da aparência. (DEBORD,2003 p11)

Assim então, a cidade espetáculo, o processo de reprodução capitalista do espaço construído como um processo importante de absorção do excedente de capital é também objeto do processo de espectacularização da sociedade. Da mesma forma que afirma Debord, o projeto de cidade do urbanismo de espetáculo caracteriza-se por sua grandiosidade, e apresenta-se com um caráter indiscutível, absoluto. Por exemplo, na propaganda publicitária dos projetos do Porto Maravilha e dos projetos de infraestrutura dos Jogos Olímpicos, vistas panorâmicas e tours virtuais evidenciam a inquestionabilidade dos projetos, mesmo quando eram só conceitos, mesmo quando ainda não começavam as obras de ditos projetos imobiliários e urbanísticos, nas

publicidades os projetos apresentam-se prontos inquestionáveis na sua cristalização na realidade, mesmo eles não formando parte dela. A inacessibilidade do espetáculo das cidades também aparece nestes veículos de realidade virtual, a câmera sobrevoando uma simulação do futuro projeto numa perspectiva e ponto de vista impossíveis de acessar para o cidadão comum.

Uma questão que é essencial no momento de analisarmos o fenômeno do "urbanismo de espetáculo" e parte fundamental também no "city marketing", é a incorporação da esfera cultural enquanto atividade ligada ao lazer, por um lado, e na concepção e no discurso utilizado pelas prefeituras por outro.

Relação muito forte entre espaço público e cultura, que opera reforçando a necessidade da totalidade do projeto especialmente dos grandes equipamentos (quase sempre culturais) e os edifícios públicos e a necessidade de estes se tornarem, símbolos arquitetônicos e postais turísticos. Sendo assim, numa sociedade do espetáculo no urbanismo de espetáculo as edificações estarão também condicionadas pelas lógicas do espetáculo.

Entende-se por obra urbanística de caráter cenográfico aquela que, não conseguindo melhorar a qualidade de vida real de um bairro ou até mesmo de uma região, promove investimentos arquitetônicos onde a própria arquitetura é um palco para o cenário urbano e em sua forma está também sua função, ou seja, atrair o olhar e o lucro sobre a cidade. (LIMA Apud NAVES, 2004)

A cidade do espetáculo, então, e também a sua arquitetura que é também espetacularizada e cenográfica apresentam uma peculiaridade na lógica da sua função, Ou melhor dito, as suas funções programáticas internas estão submetidas a uma função mais superestrutural da lógica capitalista de gestão das cidades do planejamento estratégico: a atração de investimentos e a geração de lucros. Isto quer dizer que para além do seu funcionamento interno, a sua função cenográfica como parte do sistema produtor de espetáculo está sempre garantida, primeiro pelas suas formas extraordinárias e grandiosas como também pelas relações espaciais do espaço público que articula as edificações. Um espaço urbano pensado para a contemplação,

que promove atitudes passivas com respeito à arquitetura projetada nestes espaços. É o caso do Museu do Amanhã localizado na Praça Mauá e em menor medida o MAR também no mesmo local²⁵. Assim, sua função cenográfica e seu papel na espetacularização da cidade e da vida nas cidades está por sobre entregar o serviço pelo qual foi idealizado.

O caso do Rio apresenta em várias dimensões os "*requisitos*" fundamentais para uma cidade globalizada que pretende atrair grandes eventos e capitais de investimento e, mais do que isso, apresenta talvez condições especiais também no que diz respeito à utilização central da cultura no projeto urbano de planejamento estratégico. O receituário do modelo de "gestão estratégica precisa de uma cidade potencialmente interessante, para os grandes investidores (dos quais a FIFA e o COI e seus respectivos parceiros são os maiores e mais solicitados no mercado das cidades globais) com condições físicas e de infraestrutura que consigam incentivar atividades ligadas ao turismo e também expressões culturais para preencher essa paisagem.

Mas o principal elemento e requisito, pelo menos no que diz relação ao discurso, é a existência de uma crise e, portanto da necessidade de sair dela. Esse elemento da crise, de estar no "fundo do poço", é um elemento que pesa na hora de conseguir o "consenso" necessário para esses projetos. Sem disputas políticas em nome do bem de todos os cidadãos, o espaço está aberto e as únicas preocupações são as oportunidades de negócios.

No caso do Brasil esse consenso se deu em todas as esferas da administração pública. Os governos municipal, estadual e federal encontram-se alinhados para garantir o empreendimento. A história do Rio em particular apresenta elementos que enriquecem o discurso de crise da cidade e operam em relação a elementos da identidade carioca para conseguir garantir a hegemonia e que são explorados pela prefeitura como um recurso na narrativa ao redor do projeto de reforma da cidade. Com um centro urbano

²⁵ A relação entre esses projetos e a praça Mauá será desenvolvido no capítulo 4.

que articulado com a zona sul representam um grande cartão postal, a paisagem da região é composta de varias imagens que constituem o cenário da experiência turística.

No espaço construído, a expressão física concreta dessa crise é uma área central ou importante degradada da cidade, o objeto da reforma. Da mesma forma que a crise econômica da década de 1970 moldou os discursos e as perspectivas nessa tendência de "fazer cidade", no Rio a saída da crise representa também na propaganda do poder público a recuperação do status perdido pela cidade²⁶.

O próprio conselho da cidade expressa e coloca ênfase nas suas declarações na questão da 'cidade em crise', para validar a sua iniciativa de transformação urbana, ao mesmo tempo que reforça a inevitabilidade do projeto a partir do conceito de 'vocação da cidade'

O processo de mudança levou quase duas décadas para ser concluído, e não veio acompanhado por uma proposta de reinserção estratégica da cidade no cenário nacional. Sem os investimentos federais destinados à capital da República, o Rio de Janeiro ficou à deriva, e não conseguiu encontrar uma vocação que restabelecesse seu prestígio nacional.

Este processo de decadência demorou a ser percebido, embora desde a década de 1970 o ritmo de crescimento da economia na cidade, e também no estado, fosse metade da média nacional. A percepção da real dimensão da crise só veio na década de 1980, quando o país mergulhou em dificuldades financeiras e o Rio de Janeiro sentiu este impacto de maneira muito mais acentuada. Em outubro de 1988, em razão da queda na arrecadação, problemas advindos dos altos índices de inflação no país e descuido da própria gestão, a Prefeitura do Rio decretou sua insolvência financeira. Os funcionários deixaram de receber seus salários e pararam de trabalhar durante três meses. Apenas a coleta de lixo foi mantida no município, evitando uma tragédia maior. (CONSELHO DA CIDADE, 2012, p. 19)²⁷.

Logicamente, essa construção retórica para possibilitar a validação do projeto de cidade a partir de uma articulação de elementos da realidade e da história tem contrastado com a realidade de profunda crise em que está imerso o Brasil e também o Rio de

²⁶ Esse elemento será aprofundado nos capítulos seguintes, por enquanto basta colocar que em repetidas oportunidades, o prefeito Eduardo Paes referiu-se a sua gestão como a gestão que tirou o Rio do esquecimento.

²⁷ RIO GESTÃO DE ALTO DESEMPENHO, 2012 (Disponível em <http://www.conselhodacidade.com/v3/pdf/RioGestaoAltoDesempenho.pdf>)

Janeiro. Uma mistura de problemas da esfera estadual de governo com outros de menor impacto da esfera municipal.

Isto tudo combinado com esquemas de corrupção entre o poder público- com o PMDB na frente e os empresários- junto com a crescente precarização dos serviços públicos, aumento do desemprego e também as dinâmicas do petróleo e as questões ligadas ao Lava-jato (numa cidade em que a fonte de ingressos mais importante é o petróleo) - configuram um cenário onde a discursiva de saída da crise da mão desse projeto de cidade seja difícil de ser aceita por uma parte importante da população, ainda que a ideia totalizante de cidade e de pertencimento à cidade consigam hegemonizar relativamente a opinião pública e impossibilitar um movimento forte contra o “assalto” e o sequestro da cidade do Rio por parte da articulação do poder público com os empresários.

2.2 No Rio de Janeiro de Eduardo Paes é tudo espetáculo.



Figura 9. Stencil na rua Gomes Freire, 2013

Como já afirmamos, um elemento que caracteriza esses processos é a presença de uma figura de liderança carismática à frente do empreendimento capaz de gerar consensos ao tempo que consegue levar a frente as reformas independentemente dos ires e vires da opinião pública. A figura de Haussmann em Paris ou de Pereira Passos no Rio seguem essa mesma linha. Se bem as administrações municipais desde finais do século XX já se perfilavam para um modelo de gestão estratégica da cidade do Rio de Janeiro, foi só a partir das gestões de Eduardo Paes que o modelo se consolidou.

Carioca e advogado pela PUC-RJ, Eduardo Paes foi o pupilo do ex-prefeito Cesar Maia. Como este, passou por diversos partidos políticos como PV, PFL, PTB, PSDB e o atual PMDB. Iniciou-se na política como Subprefeito da Zona Oeste I entre 1993 e 1996 sob a gestão de Cesar Maia, onde foi um dos principais impulsores da remoção da Vila

Autódromo na esquina da Avenida Salvador Allende com a Embaixador Abelardo Bueno (Freire, 2013). Foi Secretário Municipal de Meio Ambiente e secretário de Esportes e Turismo do governo do estado onde participou do processo dos Panamericanos 2007. Foi eleito como Deputado Federal em duas ocasiões (1998 e 2002) até chegar ao governo municipal nas eleições de 2008, se reelegendo para o cargo em 2012.

Eduardo Paes à frente do governo municipal é a principal figura na implementação dos megaeventos no Rio. Junto com Cesar Maia é o Prefeito mais comprometido com o desenvolvimento dos megaempreendimentos no Rio de Janeiro. Desde o início de sua carreira política teve relações com os capitais da especulação imobiliária e da construção civil sendo um dos principais impulsores da remoção da Vila Autódromo por exemplo. (FREIRE, 2013)

Por causa disso é também o principal alvo das críticas dos movimentos organizados contra o processo de revitalização com seu consequente, e estrategicamente necessário (para esses interesses) processo de expulsão de setores das classes mais precarizadas, como o Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas do Rio, Associações de Moradores como a da Vila Autódromo e também a União Nacional pela Moradia Popular e o Movimento Nacional de Luta pela Moradia.

Até 2013 a figura do prefeito Paes manteve-se com alta aprovação e os questionamentos levantados por esses setores mantiveram-se relativamente marginais na opinião pública. Mas as manifestações nas jornadas de Junho de 2013 questionaram profundamente a figura de Eduardo Paes, porém não se traduziram numa força que contestasse os rumos tomados pela gestão municipal da cidade do Rio, resultando na continuidade do processo de transformação urbana, mesmo com o fato da Copa do Mundo ter exposto a real dimensão dos supostos legados (FERNANDES, 2014).

Quanto mais próximo das olimpíadas, mais apareceram problemas ligados às diversas obras. A construção da linha 4 do metrô não ficou totalmente pronta para as olimpíadas.

que supostamente seria um apoio importante para o funcionamento dos jogos. Por causa disto o BRT teve muitos dos seus ônibus deslocados para servir exclusivamente ao transporte do público e dos esportistas dos jogos olímpicos²⁸. A linha 4 do metrô foi inaugurada às pressas pelo governador Pezão, acompanhado pelo então presidente interino Michel Temer (PMDB). A linha 4 funcionou parcialmente durante o período das olimpíadas exclusivamente para turistas e trabalhadores. Após o encerramento dos jogos olímpicos esse trajeto do metrô foi novamente fechado

Por outro lado o desabamento da ciclovia Tim Maia entre o Leblon e o Vidigal²⁹ expôs esquemas de corrupção ligados às obras da prefeitura que revelam o verdadeiro caráter por trás do projeto feito em nome dos jogos e dos valores olímpicos. Essa somatória de fatores deveria tender a provocar um maior questionamento à figura de Paes e a do governo do Estado, mais ainda quando essas revelações de esquemas de corrupção acontecem a meses das eleições para prefeito. Isto deveria se expressar também nos discursos nas campanhas eleitorais para prefeito, onde a questão da cidade será, é claro, o debate central especialmente ao redor do balanço do resultado da reforma urbana carioca.

A experiência no próprio Rio, mesmo a anterior às gestões de Paes, sugere como o suposto legado das olimpíadas não será para os setores populares da sociedade carioca mas para os empresários capitalistas. Tomemos como exemplo a experiência dos Jogos Panamericanos na própria cidade do Rio. O projeto da *Vila do Pan*, projeto que foi feito em 2007 para dito evento na região da Barra da Tijuca. O projeto está composto por um total de 17 prédios e 1480 apartamentos que receberam os 5.500 atletas que participaram dos jogos panamericanos. Foi financiado pela Caixa Econômica Federal com recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador – FAT, mas não foi um legado para os trabalhadores e pobres urbanos: foi oferecido no mercado imobiliário com preços acessíveis só para a classe média ou classe média alta³⁰. Hoje o

²⁸ <http://www.esquerdadiario.com.br/Rio-2016-ou-as-Olimpiadas-da-criese>

²⁹ <http://www.esquerdadiario.com.br/Desabamento-de-Ciclovia-e-mais-um-esquema-de-corrupcao-do-PMDB>

³⁰ Isto foi feito via a Linha de Crédito Especial FAT - VILA PANAMERICANA na Resolução Nº 380, de 17 de março de 2004 (disponível em <http://portal.mte.gov.br/codefat/resolucao-n-380-de-17-03-2004.htm>)

projeto da Vila do Pan apresenta problemas sérios ligados à qualidade do solo e da construção³¹. Problemas que na hora da construção do projeto são negligenciados pelas empresas e pela prefeitura só para garantir os lucros e o sucesso do megaevento, situação que está se repetindo para os jogos olímpicos.

O caso do Brasil e do Rio em específico não é isolado. As experiências como a dos Jogos Olímpicos de Atlanta em 1996, com escassos lucros, ainda que as obras das construções ligadas às olimpíadas tenham sido financiadas com recursos privados e não públicos³², ou mesmo as de Atenas, com significativos déficits nas arrecadações depois de um grandioso investimento de mais de R\$21 bilhões em 2004, expressam o caráter real por trás dos megaeventos.

As consequências do fracasso das olimpíadas de Atenas foram de grande peso para a grave crise que passa hoje a economia grega. Segundo o site iG, os jogos repercutiram até na dívida pública da Grecia que, no ano 2000, era de 77% do PIB, passando para 110,33% do PIB em 2004, após as olimpíadas³³. O site 'El Universal' também aponta a relação entre os grandes gastos das olimpíadas e a posterior crise da economia grega.³⁴

Os jogos olímpicos de Atenas custaram mais de 9 milhões de euros. Segundo o mesmo site, após 6 anos as instalações construídas para os jogos tem um nível de utilização escassa ou abertamente nula. Mesmo as tentativas de reutilização ou mudança de programa não tem revertido essa situação. Da mesma forma que nas olimpíadas do Rio de Janeiro os casos de corrupção também estiveram presentes no processo de realização dos jogos olímpicos de Atenas com a empresa Siemens na frente sendo acusada de pagamentos ilícitos para garantir os contratos dos projetos olímpicos

³¹ <http://esportes.terra.com.br/jogos-olimpicos/2016/veja-imagens-dos-problemas-na-vila-do-pan-2007,22eaf41946175410VgnVCM3000009af154d0RCRD.html>

³² <http://iipdigital.usembassy.gov/st/portuguese/inbrief/2012/10/20121001136893.html#axzz47PV5QkxT>

³³ <http://economia.ig.com.br/conheca-os-efeitos-da-copa-e-da-olimpiada-na-economia-dos-paises/n1597563440108.html>

³⁴ <http://www.eluniversal.com.co/cartagena/actualidad/%C2%BFfueron-las-olimpiadas-el-origen-de-la-crisis-griega>

Também é exemplar o caso da África do Sul durante a Copa do mundo de 2010, onde as promessas de melhorias na economia e oportunidades de melhorias na qualidade de vida para a população se mostraram uma grande farsa e toda a infraestrutura construída para a ocasião não representou um legado para os sul-africanos. A fórmula usada pela FIFA e pelo governo sul-africano nos seus discursos foi bastante parecida (se não a mesma) da utilizada na Copa de 2014.

O evento iria trazer só benefícios, tanto econômica como moralmente, significando uma grande conquista para a sociedade sul-africana. A realidade é outra e o custo da gloria de sedear a copa é enorme e os "efeitos colaterais" são finalmente os mesmos: grandes processos de remoções, cerceamento dos direitos das pessoas e fuga de capitais desses países/cidades. O que se constata é, em muitas formas, o contrário do que foi oferecido anteriormente no momento de apresentar os megaeventos.

O argumento dos benefícios que os visitantes estrangeiros trariam para a atividade turística também mostrou-se no mínimo questionável. Dos 40 bilhões de rands³⁵ arrecadados pelo turismo mais do 60% saiu do bolso dos próprios Sul-africanos (Le Monde Diplomatique Brasil, 2011, p.10)

Por outro lado, resulta evidente que houve um aumento do custo de vida na cidade do Rio. Se bem esse aumento do custo de vida é também atribuível aos ajustes feitos pelo governo e pela burguesia para passar os custos da crise para a população, como a inflação, por exemplo, ou as demissões de trabalhadores, diminuição dos salários, precarização laboral e cortes nos direitos dos trabalhadores.

Isto como cenário geral da crise aberta em 2008. No Rio especificamente a situação está se mostrando particularmente mais aguda, sendo a região metropolitana com maior índice de desemprego no último período. A Pesquisa Mensal de Emprego de Outubro de 2015³⁶ mostrou que de todas as capitais da pesquisa, o Rio de Janeiro foi a cidade que mais aprofundou o desemprego, aumentando 86,5% em comparação com o

³⁵ Moeda sul-africana.

³⁶ <http://oglobo.globo.com/economia/desemprego-no-rio-teve-maior-alta-entre-grandes-metropoles-17846463>

mesmo período em 2014, ou seja, mais 170mil desempregados no Rio de Janeiro.³⁷ Cabe destacar que a maior diminuição no rendimento foi no setor de comércio e da construção, setores justamente reivindicados pelos organizadores e impulsores dos megaeventos como os que mais emprego iriam oferecer.

Por outro lado, os postos de trabalho que os megaeventos, sim, trouxeram não estão isentos de polêmica tendo acontecido já várias greves ligadas à construção civil, acidentes que quase causaram a morte de um operário na construção do Maracanã³⁸ e que custaram a vida de 8 operários nas obras dos estádios para a Copa do Mundo de 2014 no Brasil³⁹, condições abaixo dos padrões de segurança do trabalho; situação, que é sempre favorecida pelo avanço da terceirização, onde os operários ficam desprotegidos pois nem o governo nem a empresa se responsabilizam pela segurança.

Por outro lado todos esses postos de trabalho têm um caráter temporário. Uma vez que as obras sejam concluídas, esses milhares de trabalhadores da construção civil ficarão desempregados, numa situação econômica da cidade, do estado e do Brasil de aprofundamento da crise e aprofundamento também da crise do regime político.

Essas dinâmicas impostas à cidade para progressivamente ter ido transformando a cidade num produto, oferecido num mercado global de concorrentes, no qual, como produto que é, possui um público objetivo, um público global, baseado no dinâmico mercado do turismo. Isto teve alcance em todas as esferas da vida na cidade do Rio. Os preços dos imóveis, os alugueis, o transporte, a alimentação, tudo aumentou.

A resposta nas redes sociais não se fez esperar. Primeiro com indignação e depois com irreverência. Em janeiro de 2014 a página de facebook "Rio \$urreal" começou denunciar a tendência à alta dos preços e do custo de vida carioca. Convocando os internautas a enviarem preços surreais em restaurantes, lojas, ambulantes etc, o site pretendia

³⁷ <http://oglobo.globo.com/economia/desemprego-no-rio-teve-maior-alta-entre-grandes-metropoles-17846463>

³⁸ <https://jornalismofc.wordpress.com/2011/08/18/jfcnacopa-operario-quase-morre-e-trabalhadores-do-maracana-entram-em-greve/>

³⁹ <http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2014/03/29/obras-da-copa-no-brasil-ja-matam-4-vezes-mais-que-na-africa-do-sul.htm>

boicotar essa tendência na cidade do Rio. O aumento do custo de vida era tal que o site foi um sucesso rapidamente, em horas já contava com milhares de curtidas.

Junto com ele popularizou-se o "Surreal", moeda fictícia que com a cara de Salvador Dalí impressa em cada nota pretendia funcionar exclusivamente no Rio, uma moeda carioca que substituiria o Real.

O criador do site afirmou que "*o surreal tem mais a ver com nossa realidade*", e para a criadora da moeda carioca do Surreal era a resposta natural a "*um mundo imaginário e fictício esse em que estamos vivendo, com esses preços exorbitantes*". Aprofundarei essas expressões populares em resposta à situação da cidade no próximo capítulo.



Figura 10. Nota de \$100,00 Surreais

Em meio à forte crise do capitalismo mundial, que se estende desde 2008 e que se expressa no Brasil com constantes aumentos como no valor do transporte público, cortes em saúde, educação e um constante aumento do desemprego, acontece a transformação urbana no Rio guiada por interesses empresariais e pela constante procura de valorização do espaço urbano e do valor do solo mais especificamente.

Quem mais sente o peso da crise capitalista na cidade do Rio é a população que reside nestas áreas. Os dados do censo de 2010 apontam que o Rio é a cidade com maior população residindo em favelas no Brasil. 22,03% da população da cidade residem em favelas, ou seja, 1.393.314 pessoas das 6.323.037 residindo na capital carioca

segundo⁴⁰. A pesquisa "SMH2016 Remoções no Rio de Janeiro" escancara como a tendência de "cidade empresa" de Paes tem aprofundado uma característica do Rio de Janeiro desde a reforma de começo do século XX: as remoções, que são a cara oculta do processo de enobrecimento da região objeto da reforma.

Mais especificamente no Rio de Janeiro, a escala, tanto geográfica como demograficamente intensificaram-se. Os 67mil removidos durante a gestão de Eduardo Paes (cifra que ainda vai aumentar) superam amplamente os anteriores processos de expulsão dos pobres urbanos na cidade. Se bem a ofensiva política de remoções de Eduardo Paes tem impactado com força os pobres urbanos da cidade do Rio, a política de segurança implementada pelo governo do Estado coincidentemente com o período de consolidação do modelo de planejamento estratégico no Rio com os Jogos Pan-americanos e a chegada de Paes à prefeitura da cidade está estreitamente relacionada aos megaeventos.

A principal política que o Estado tem implementado nas favelas é a ação policial: o projeto de pacificação das UPPs e os grandes projetos dos megaeventos estão estreitamente ligados. E sua localização geográfica expressa essa relação. A repressão da polícia nas favelas onde existem as UPPs, a coerção dos pobres urbanos nestas localidades, implantada pela Secretaria de Segurança do Rio de Janeiro, visa garantir os investimentos ligados aos Megaeventos. Após os jogos Pan-americanos realizados em Junho de 2007 no Rio de Janeiro, Brasil é anunciado no dia 30 de Outubro de 2007 como o novo país sede da Copa do Mundo da FIFA 2014. Um ano depois no fim de 2008, o projeto das UPPs começa a ser implantado nas favelas, nas áreas da zona sul e próximas a áreas envolvidas nos megaeventos, pois no Rio as UPPs foram instaladas diferenciando a cidade como espaço voltado para o turismo e para o mercado (MARICATO, 2014). Não faz parte do objetivo desta pesquisa aprofundar o estudo sobre a política de segurança do Estado na cidade do Rio ou das UPPs, mas é um fator que não pode ser ignorado na hora de estudar as dinâmicas da cidade ligadas aos megaeventos e às reformas urbanas. Os objetivos declarados pelas Unidades de

⁴⁰ Jornal O Globo, 21 de dezembro de 2011.

Polícia Pacificadora são motivados pela suposta guerra contra as drogas, sendo um processo de retomada dos territórios controlados pelas facções do tráfico, a implantação permanente da ação da polícia com um suposto caráter comunitário e finalmente a vinda de serviços sociais produto da ação policial.

A primeira favela a ser ocupada pelas UPPs foi Morro Santa Marta em Botafogo. Outras seguiram e foi ficando mais clara a relação entre esses órgãos de controle social e a realização dos Megaeventos na cidade. Ainda que no início não foi declarado publicamente pela própria polícia ou pelo então secretário de segurança José Beltrame, a imprensa noticiou a ocupação do Morro da Mangueira como necessária para o bom funcionamento da cidade nos megaeventos:

Bem-sucedida, a implantação da UPP da Mangueira concluirá o cinturão de segurança no Grande Centro e em boa parte da Zona Norte - em especial nas cercanias do Maracanã, protagonista da cidade em 2014, por ocasião da Copa do Mundo, e em 2016, nas Olimpíadas. (Jornal O Dia, 2011, p. 18 apud PALERMO, 2013 p 322)

A questão da segurança foi sempre uma questão de primeira ordem para o COI, sendo um dos itens nos que as cidades que concorriam entre si para sedear os jogos olímpicos deviam cuidar para atender as exigências do Comitê Olímpico. No final, isto se expressa claramente em palavras do próprio Beltrame quando afirma que *“Vamos aumentar o efetivo de 37 mil para 55 mil [policiais]. Isso, inclusive, é exigência do Comitê Olímpico para 2016”*. (Jornal O Dia, 2010). No total foram gastos em segurança nas olimpíadas do Rio 2016 R\$ 854,4 milhões⁴¹, valor que inclui o treinamento dos 20mil novos policiais citados anteriormente por Beltrame. O caráter de controle social das UPPs é evidente. Ao se afirmar que está se implantando um "cordão de segurança" ao redor das instalações olímpicas da Tijuca implementa-se não só contra os traficantes, mas sua ação é total no território em questão e, portanto, afeta também ao conjunto da população residente nas favelas sob intervenção da polícia militar. Assim, as UPPs (funcionais à realização dos megaeventos), no plano referente à ação destas na vida dos moradores das favelas ocupadas pelas UPPs, guardam relação com o

⁴¹ <http://www.tnh1.com.br/noticias/noticias-detalle/olimpiadas-2016/gastos-com-seguranca-nos-jogos-chegam-a-r-350-milhoes/?cHash=2e580dfa1e821b7e71bfc6c3b99cd06e>

funcionamento dos novos espaços públicos criados a partir da grande transformação urbana que veio junto da realização dos megaeventos. Se o objetivo das UPPs ligado aos megaeventos é a implantação do cinturão de segurança ao redor do Maracanã o processo de implantação deste não tem como ser feito a partir de um diálogo ou negociação com a população. Menos ainda com a polícia militar à frente do projeto. Isto se reflete na percepção dos moradores destas regiões sobre as UPPs. Assim o afirma Machado da Silva (2010, p. 7 apud PALERMO, 2013 p 325):

[...] há uma modalidade mais afirmativa de resistência, que me parece muito associada aos segmentos mais esclarecidos das camadas populares. Ela diz respeito a uma crítica de fundo, focada no significado que pode ter a noção de “ordem pública” que nortearia não apenas a prática, mas a própria filosofia que organiza o programa das UPPs. É uma reação que denuncia o caráter unilateral da definição e os critérios de sua implementação pelos policiais. Repudia o que considera, até certo ponto com razão, implícito na atuação concreta das UPPs: a tentativa de regular a vida cotidiana local segundo padrões de conduta fortemente invasivos da privacidade dos moradores, verdadeiros substitutos das garantias dos direitos civis que se espera dos responsáveis diretos pela ordem pública.

Os investimentos durante a preparação dos Jogos já alcançam os R\$38,5 bilhões⁴². O pacote de reformas carioca é composto de várias áreas de intervenção. As principais áreas são Barra da Tijuca, o Centro e a Zona Sul, mas tem também Maracanã e o Complexo de Deodoro. Em transportes, para articular esses investimentos, a linha 4 do Metrô e o sistema de corredores expressos do BRT.

Não aprofundaremos a análise do conjunto dos projetos da cidade olímpica do Rio de Janeiro, pois a maioria das intervenções urbanas são diretamente envolvidas nas competições, como os estádios, o Velódromo e as diferentes Arenas. Mas para além dos projetos das olimpíadas, a região do porto, que discursivamente é apresentada como ligada às olimpíadas tem também importantes investimentos. Contempla a derrubada da perimetral, mais de 5 milhões de m² de área construída, 70 km de vias e 650.000 m² de calçadas⁴³. O projeto tem um eixo central na consolidação do âmbito cultural da vida urbana: primeiro pela construção do Museu de Arte do Rio (MAR) na

⁴² Jornal O Globo, edição impressa, quarta-feira, 5 de Agosto de 2015.

⁴³ Panfleto da Prefeitura da Cidade do Rio. Cidade Olímpica, distribuição gratuita.

praça Mauá, o Museu do Amanhã no Pier Mauá e áreas verdes e ciclovias, mas tem também um fator de valorização do patrimônio histórico da área portuária.

A intervenção do Porto Maravilha é a que mais se relaciona com processos históricos das transformações urbanas anteriores na cidade e a área que mais nos interessa. A região também foi lugar de processos como o comércio de escravo durante os séculos XVI a XIX.

A escravidão no Brasil foi um processo determinante na formação social e cultural brasileira e também da Carioca. O Rio de Janeiro foi o maior porto escravista do mundo e a cidade com a maior população escrava urbana, segundo o censo de 1849 (Segundo alguns autores, a maior cidade negra no mundo no século XIX). A zona portuária, agora re-batizada o Porto Maravilha, definida pelos seus organizadores como "*A nova porta de entrada do Rio*" já foi a porta de entrada de milhares de escravos na cidade. O Cais do Valongo foi o ponto de entrada de mais de 700 mil escravos até 1830 e também foi o túmulo de muitos deles que morriam ao chegar no Brasil produto das condições miseráveis em que viajavam (ALFONSO e MATOS, 2013).

Parece ser que, para além dos avanços tecnológicos na construção destes projetos, o "aperfeiçoamento" da fórmula aplicada nas cidades globais exitosas concentra-se na construção dessas retóricas do espetáculo que validam e viabilizam na opinião pública esses projetos.

Como acontece a articulação do espaço construído e o futuro projeto com esses discursos ou como constroem-se esses relatos ao redor do Porto Maravilha?. Como a utilização da memória e das manifestações culturais e a produção de conhecimento sobre a memória da região articulam-se para a exploração econômica da região urbana, objeto da reforma com a iniciativa privada e a administração pública, produzindo um discurso totalizante, hegemônico? Como acontecem, em definitivo, essas dinâmicas e esses processos a partir do espaço urbano?

Para além da ideia da intervenção urbana como a produção de locais de sucesso, diversos exemplos do planeamento estratégico, expressam-se também na esfera relativa à questão do controle social como uma das centralidades dentro destes projetos. Assim é possível observar por exemplo em casos anteriores da história como em Baltimore nos Estados Unidos a *Baltimore City Fair*, projeto que, em finais da década de 1960 e começo da de 1970, procurou por meio da criação de um símbolo de "cidade comunidade" neutralizar os efeitos de revolta e de efervescência social produzidos pelo assassinato de Martin Luther King sobre a subjetividade e indignação da população local que incidia negativamente nos interesses empresariais e dos projetos económicos. O projeto explorava a necessidade subjetiva do sentimento de comunidade com conceitos como a vizinhança e principalmente a "diversidade étnica" de uma cidade com importante presença de população negra (ARANTES, 2000). A formula do planeamento estratégico tem várias experiências ao longo do tempo, mas não são as mesmas condições conjunturais em cada lugar, e varia quanto às suas especificidades económicas e sociais, ainda que mantenha no centro a questão da reprodução do capital como o motor destes projetos.

Na formula aplicada nos diversos casos do planeamento estratégico a cultura entra aqui como um produto integrado e articulado com o projeto imobiliário da gestão urbana. É impossível conceber essas duas esferas por separado, ou pelo menos é preciso fazer uma análise onde ambos elementos se articulem.

No tratamento dado as cidades ao longo da segunda metade do século XX e XXI, primou uma lógica mais próxima da questão empresarial; questão que se aprofundou a partir da segunda metade do século XX. As cidades foram consideradas mercadorias plausíveis de submetê-las às lógicas empresariais e publicitárias adotadas pelo capitalismo, articulando o produto-cidade com sentimentos e com ideais externos às mercadorias, apresentando-se como portadoras de estilos de vida. Essa lógica, em que as narrativas construídas ao redor das mercadorias, e no nosso caso ao redor das cidades, expressa a centralidade que tomou a cultura na continuidade da reprodução do capital, onde parece ser que os relatos impõem-se aos objetos que os precedem. A

chamada "virada cultural" (cultural turn) girou em torno da utilização da linguagem, ampliando seu estudo e privilegiando seu lugar em relação à produção de significado(GAY apud HALL, 2005).

A importância das narrativas, dos relatos e a capacidade significativa da linguagem nas práticas sociais, mas também por parte do poder público e do mercado é devido à relação que identificamos entre cultura, espetáculo e controle social presente nos projetos de transformações urbanas e a função central dos discursos ao redor da ideia de cultura presente nestes projetos. Hall aponta claramente o centro da questão: a relação entre cultura, poder e controle social. Exemplificando sobre este assunto, Hall afirma que:

o poder de controlar a quantidade e o tipo de imagens de televisão de origem estrangeira a serem irradiadas por satélite para os lares de toda a nação, ou o poder de decidir que tipo de publicação pode ou não ser vendida aos menores, ou questões políticas ainda mais abrangentes tais como as que se referem à quantidade de notícias oferecidas ao cidadão, através dos principais canais de televisão, como sendo uma matéria de política pública, deixada à auto-regulação das próprias autoridades da TV, como o resultado do gosto pessoal de pessoas como Robert Murdoch ou de companhias como a Disney Corporation, que possui e controla as maiores empresas de mídia do mundo, ou exposta ao jogo livre das "leis de mercado". (HALL, 1997)

Mas nos aproximando desta questão no plano específico das cidades, Harvey coloca, através do caso da Paris Haussmanniana do século XIX, que o papel da cultura e os objetivos de controle social já se expressavam nas reformas urbanas numa estreita relação com a questão do espetáculo(HARVEY, 2015). Da mesma forma, Arantes afirma que existem traços de continuidade na questão do controle social que é implementado conjuntamente com as transformações urbanas do planejamento estratégico, como a supressão de algumas práticas de subsistência das camadas populares.

Podemos identificar em certo nível um elo de continuidade já desde o grande projeto da tabula rasa de Haussmann na Paris de meados do século XIX até o planejamento estratégico das cidades globais. A principal questão é a presença da lógica capitalista determinando vários elementos da transformação urbana de Haussmann, pois é a partir do desenvolvimento dos meios de produção industrial que as cidades dão um salto

significativo tanto nas relações sociais econômicas como na sua população e dimensão. É possível também identificar a questão do controle social articulado aos novos espaços no caso da cidade de Paris. Com um urbanismo "mais extrovertido" (HARVEY, 2015) a forma de habitar o espaço público mudou e praças e parques tornaram-se espaços de muita maior socialização ainda que controlada, tanto pelas lógicas capitalistas do comércio da "mercadoria como espetáculo"⁴⁴ como pela própria polícia. O espaço público da cidade de Paris tornou-se o lugar do espetáculo da modernidade, de exposição do novo. Harvey afirma que "*O espetáculo (...) sempre foi fundamental para a vida urbana, e por muito tempo seus aspectos políticos desempenharam um papel importante na construção da legitimidade e do controle social*" (HARVEY, 2015, p283).

As elites francesas temiam as expressões populares dos espetáculos realizados em Paris. Fugiam do controle das autoridades e eram percebidas de maneira transgressora por parte das classes dominantes pois temiam que conduzissem a revoltas e revoluções. São estes tipos de expressões culturais que a reforma Haussmaniana de Paris pretendia abolir. Para além da questão estritamente relativa ao lazer, o que se pretendia era redefinir o espetáculo, controlá-lo e esvaziá-lo das questões percebidas como subversivas, e transformar "*participantes ativos em espectadores passivos*" (HARVEY, 2015).

Com suas especificidades o Rio de Janeiro de começo de século XX também apresenta elementos nesse sentido e reafirma a relação entre reforma urbana, controle social e cultura. No Rio de Janeiro de Pereira Passos identificamos de maneira diferente, claro, um aprofundamento e uma adaptação do espaço urbano às necessidades do capitalismo da primeira república brasileira. Junto com isto, as proibições de práticas culturais populares e modos de subsistência no Rio de Janeiro de começo do século XX reforçam a ideia de continuidade na produção da cidade. Continuidade, mas aprofundando a lógica capitalista de "tudo é mercadoria" agora aplicada ao conjunto da

cidade, de maneira geral, e às regiões degradadas das zonas centrais ou de interesse imobiliário em particular. A cidade pensada como uma mercadoria, a cidade sob o processo de marketing, para a promoção das virtudes do local, da cidade nas suas qualidades exploráveis como mercadoria. Trata-se a cidade então como se fosse uma mercadoria cultural. As estratégias de marketing tomam diversas vias onde as estratégias parecem ser bastante similares às que acompanham as produções cinematográficas, como "teasers", trailers e um sem fim de produtos secundários.

Em resumo a centralidade da cultura, tanto nas reformas urbanas do planejamento estratégico como na experiência no início do século XX, deve-se à utilização desta como motor de controle social e agindo também no campo da dimensão da linguagem relacionando-se com a produção de sentido na sociedade.

Este é o marco no qual aprofundaremos a relação entre um espaço público produzido sob essas condições sociais e as expressões culturais e focos de "resistência cultural" existentes na região do Porto Maravilha. Como toda a produção discursiva, a criação de sentido ao redor dos projetos urbanos por parte do poder público afetam a produção de cultura da zona portuária do Rio de Janeiro. O funcionamento interno da criação de sentido a partir das discursivas é o que aprofundaremos no próximo capítulo.

CAPITULO 3 - Do discurso ao Espaço no Boulevard Olímpico.

3.1 A cidade começa nas palavras- análise discursiva da Cidade Olímpica.

Nos capítulos anteriores aprofundei a relação entre a reprodução do espaço urbano e a reprodução do capital e como essa relação expressa-se mais claramente nos grandes processos de transformações urbanas, as dinâmicas de criação e destruição do espaço das cidades sob a lógica capitalista. Primeiro, estudando o caso do Rio de Janeiro do começo do século XX e ainda o de sua transformação urbana, atualmente em processo e que se caracteriza por se ajustar nos moldes do planejamento estratégico, o qual é movimentado pelos interesses de um setor específico da sociedade- especialmente um grupo de empresários articulados com o poder público, excluindo a participação da maioria dos setores envolvidos na realidade das cidades.

Por causa disto e também pela ampliação e validação deste consenso é que é preciso a movimentação de uma forte maquinária publicitária propagandística para transformar os interesses deste pequeno setor nos interesses da maioria. Dito em outras palavras, fazer com que os interesses destes poucos pareçam ser os interesses da ampla maioria.

Anteriormente mencionamos de forma breve este elemento presente nas transformações urbanas do planejamento estratégico e que se apresenta também no caso atual do Rio de Janeiro e como uma parte importante dele aparece na forma dos discursos proferidos pela prefeitura, principal esfera que impulsiona publicamente a atual transformação urbana.

Neste capítulo, analisarei, portanto, os discursos proferidos a partir da própria prefeitura. Também analisarei o material de propaganda utilizado ao redor do projeto de transformação urbana. No caso do Rio de Janeiro, esse material é amplo e expressa-se desde os que defendem e promovem o Porto Maravilha, aos jogos olímpicos e, inclusive e de forma não tão direta, a campanha feita dos 450 anos do Rio. Dentro desta campanha, no dia do aniversário da cidade, em 2015, a comemoração dos 450 anos movimentou em todos os jornais do Rio de Janeiro edições especiais que também

serão material de análise neste capítulo. Antes de passar à análise discursiva propriamente, definirei primeiro alguns termos importantes.

Por que é necessário fazer esta análise das narrativas da prefeitura? O que estas podem revelar para essa pesquisa? Isto pode começar a ser respondido a partir do entendimento do que é a própria linguagem. A linguagem é como os seres humanos conseguem se comunicar entre si, seja esta uma linguagem falada ou escrita, ou outras formas, como as utilizadas na pintura, na escultura e nas artes em geral e é conformada por signos.

A linguagem falada e escrita está conformada por palavras que são também signos; estas por si têm um caráter neutro ideologicamente, podendo ser preenchida de qualquer função ideológica que precise ser expressada, tanto no campo moral, como científico ou das artes.

A palavra torna-se útil a partir do consenso prévio entre os indivíduos, o que a torna possível de ser utilizada para se comunicar. A palavra é também produzida pelos próprios meios do indivíduo, sendo o primeiro meio que possibilita a produção de consciência da pessoa, "*a consciência não poderia se desenvolver se não dispusesse de um material flexível veiculável pelo corpo. E a palavra constitui exatamente esse tipo de material*" (BAKHTIN,2006, p35).

Mas independentemente da palavra poder ser em última instância um signo neutro ela é, nas palavras de Bakhtin, "*o fenômeno ideológico por excelência*", pois toda palavra é um signo e tudo que é ideológico existe no campo dos signos e portanto possui também um valor semiótico. Esta é uma das questões sobre por que é importante a análise do discurso, da palavra neste estudo, pois nos permite entender a ideologia por trás das narrativas da prefeitura, das publicidades, das imagens articuladas ao projeto de cidade.

A segunda questão que fundamenta a análise do discurso é a sua base material. Antes do que uma ação subjetiva ou psicológica, a criação ideológica é um ato material e

social. É o contexto social que torna possível a aparição de signos, de palavras e de consciência dos indivíduos.

(...)o ideológico enquanto tal não pode ser explicado em termos de raízes supra ou infra-humanas. Seu verdadeiro lugar é o material social particular de signos criados pelo homem. Sua especificidade reside, precisamente, no fato de que ele se situa entre indivíduos organizados, sendo o meio de sua comunicação. (BAKHTIN. 2006, p33)

Isto, pois, as questões ideológicas estão determinadas também pelas suas bases materiais na realidade. É na realidade onde é determinado o signo. Assim então os limites dos avanços tecnológicos de uma sociedade determinam as possibilidades de desenvolvimento da linguagem, das palavras e dos signos e portanto os limites ideológicos estarão também determinados pela sua base material-social: "O signo e a situação social estão indissolúvelmente ligados. O signo não pode ser separado da situação social sem ver alterada sua natureza semiótica" (BAKHTIN. 2006, p62).

O caráter e a origem necessariamente social da palavra expressam-se claramente no mecanismo da linguagem, pois o discurso é necessariamente proferido para um outro, para um terceiro. Mesmo no caso de não ter um receptor/ouvinte concreto, nas suas formas, o discurso tem sempre essa orientação. Portanto, até a dimensão do individual da linguagem existe só em articulação com a sua possibilidade de ser socializado.

A linguista brasileira Eni Orlandi, sobre os signos e a produção de significado, reforça a ligação entre signo e a realidade socio-histórica em que é produzida, e de como o contexto determina os limites da produção de significado.

podemos ver (ler) suas diferentes filiações de sentidos remetendo-as a memórias e a circunstâncias que mostram que os sentidos não estão só nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos e que não dependem só das intenções dos sujeitos. (ORLANDI. 2001, p30)

Portanto, o contexto histórico social é fundamental para entender e aprofundar os significados que fazem parte do discurso. Assim como na sociedade dividida em classes, na linguagem, a produção de significados apresenta-se como um terreno de disputas.

A linguagem, a língua é uma só para todas as classes constitutivas de uma determinada sociedade. Mas ela mesma reflete a sociedade como ela é: com seus conflitos e limites. Portanto os signos ideológicos apresentam expressões contraditórias quanto a sua valorização. Logo, existe confronto e disputa na valorização dos signos, sendo o próprio signo o campo onde acontece a luta de classes:

Sabemos que cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os calores sociais de orientação contraditória. A palavra revela-se no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais.(BAKHTIN. 2006, p66)

Nesse sentido é a multiplicidade de significações o que faz de uma palavra uma palavra. No caso da sociedade capitalista essa multiplicidade de significado expressa-se na forma da disputa desses significados.

Resumindo: a língua não é uma expressão da subjetividade do indivíduo, mas do contexto sócio- histórico em que acontecem as relações entre as pessoas. Dependendo da época e do grupo social em questão, o contexto em particular em que conjuntamente acontece a interação verbal é determinante da língua.

No mesmo sentido, Orlandi entende essa base contextual do discurso que apresenta-se como memória, aquilo que precede a fala e que é independente a ela e que ao mesmo tempo é a base que torna possível algo ser dito e ter significado, pois para que o dito tenha significado, esse significado deve já existir previamente.

O dizer não é propriedade particular. As palavras não são nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas 'nossas' palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele. (ORLANDI. 2001, p32)

Para que seja possível então a elaboração do discurso, entram em jogo elementos externos ao interlocutor. É preciso então que se articulem por um lado, a memória, o

interdiscurso ou o já dito, que encontra-se no contexto histórico e que é o bloco de onde extraem-se os significados e pelo qual é possível constituir de significado o discurso; e por outro lado, a atualidade, o contexto social imediato onde acontecem e se desenvolvem as interações sociais no agora e onde os limites da linguagem e da própria sociedade são determinados pelo estágio de avanço das forças produtivas.

Assim, portanto, metodologicamente na análise do discurso é indispensável não esquecer que é preciso identificar a ligação entre a ideologia e a realidade socio-histórica do signo e que este está necessariamente ligado e determinado pelas formas concretas de comunicação social e que estas estão determinadas pelas condições materiais do desenvolvimento das forças de produção (BAKHTIN, 2006).

Para fortalecer nossa metodologia de análise do discurso é bom acrescentar um terceiro fator para além do dito e do não dito, que é o interdito, que relaciona-se mais com a ação do inconsciente:

O que procurarei metodologicamente fazer, e consubstanciado pelas reflexões anteriores, é analisar as produções discursivas a partir de três níveis: o claramente dito (cuja veracidade é facilmente confrontável com a simples constatação da realidade); o não dito (o ideológico não evidenciado no discurso, mas resgatável –com o respaldo da História enquanto intenção velada); e o interdito (ou seja, as fantasias “proibidas” de aflorar conscientemente, mas que escapam através dos mecanismos da própria língua –as metáforas e metonímias)(RODRIGUES,2010 p89)

Esse terceiro nível é mais difícil de identificar na análise de um determinado discurso, pois não se vinculam diretamente ao contexto histórico- social em questão. Melhor dito, o vínculo com o contexto existe, mas o que o evidencia é um impulso inconsciente do interlocutor.

Conclui-se então a incontestabilidade da base material existente na realidade para a existência do discurso, assim como a relação entre a realidade material e a ideologia. Assim então a importância da análise discursiva reside no fato de que o discurso é o “lugar em que se pode observar a relação entre língua e ideologia” (ORLANDI. 2001, p17).

Não utilizaremos a definição de Marx sobre ideologia definida como falsa consciência, ilusão idealista e de caráter pejorativo de utilização do conceito. O marxismo, porém, continuou desenvolvendo definições sobre a realidade e também definições de conceitos como o de ideologia. Lenin, por exemplo, passa a utilizar o conceito de ideologia como qualquer concepção da realidade social ou política vinculada aos diversos interesses das classes sociais, ou seja, em última instância: burguesia e proletariado.

Como afirmamos anteriormente, a linguagem é o fenômeno ideológico por excelência. Sem os signos e as palavras, não seria possível a produção ideológica. Assim, também, sem a existência das palavras, da produção de signos e significados, todos estes existindo só a partir da interação do homem em sociedade, não é possível a existência da consciência humana. Da mesma forma, então, sem consciência não existe identidade. Portanto, a identidade é também um fenômeno possível de relacionar com o fenômeno da linguagem e, logo, relaciona-se com a produção ideológica. Por isto, identificamos a discussão sobre identidade como uma discussão necessária no marco da relação entre cultura e transformação urbana.

3.2 A logomarca RIO 450-Carioquice, Consenso e Identidade.

Entendemos identidade como um conjunto de referentes, signos, valores e modos de vida construídos histórica, material e culturalmente e que criam um sistema de pertencimento e, portanto, uma diferenciação a respeito do 'outro' e dos demais, que não respondem aos elementos que estruturam esse sistema. A identidade acaba se alimentando de elementos presentes em qualquer âmbito possível da realidade mesma, como afirma Castells,

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que organizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão tempo/espço. (Castells, p. 23)

É importante lembrar que qualquer definição do que é identidade é necessariamente uma simplificação do funcionamento interno das dinâmicas identitárias que constroem o indivíduo. Stuart Hall inicia sua reflexão sobre identidade no seu texto *A identidade Cultural na Pós Modernidade* (2005, p11), a partir da definição de 3 concepções de identidade. Primeiro, a definição de identidade para o sujeito do iluminismo, sujeito masculino e construída a partir do interior de um indivíduo já integral unificado e total. Pouco ou nada tinha a incidir o entorno na definição e na construção dessa identidade.

Depois, a identidade do sujeito sociológico quebrava a autonomia do sujeito do iluminismo e reivindicava o papel do contexto social e das relações com outras pessoas na construção da identidade, preenchendo o "espaço entre o 'interior' e o 'exterior'", entre o mundo pessoal e o mundo público. Em terceiro lugar, a identidade do sujeito pós-moderno define-se como um conjunto não fixo, "uma celebração móvel" definida historicamente onde o sujeito passa a assumir expressões de diversas identidades conforme o contexto no qual se encontra.

A partir desta definição do sujeito pós- moderno, Stuart Hall afirma que:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu' coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora 'narrativa do eu'. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. (2005, p13)

Se bem uma identidade coesa, unitária e estável seja 'uma fantasia' em termos de definição e constituição de determinado sujeito, uma fantasia em termos de construção do eu, é possível, no entanto, falar, sim, de uma identidade definida e bem enquadrada. É possível, sim, traçar os limites de uma das tantas identidades das que os indivíduos podem ou não assumir em diferentes contextos na sociedade. Isto, pois a roupa de determinada identidade que o sujeito irá vestir em tal ou qual contexto precisa ter um mínimo de definição, tal que o indivíduo possa se reconhecer nela, possibilitando a apropriação desse sistema de representação. Identidade que, se bem não se apresente como o marco definitivo total do indivíduo, também apresenta-se como um campo de disputa nos significantes do que é, no caso dessa pesquisa, ser ou não carioca. Identidade que tem sido objeto de diversas propagandas e explorada nas campanhas eleitorais tanto dos governos do estado, mas principalmente o da cidade do Rio de Janeiro.

Na questão referente à identidade coletiva, o fator regional/geográfico é um fator importante na configuração de uma determinada identidade. O espaço, o lugar, desde a rua de casa até a cidade mesma são objeto de representações e significações. Lugares onde os seres humanos criam vínculos, fortalecem conceitos como lar e cidadania, não no seu sentido de portador de responsabilidades e direitos, mas no sentido de representante de uma determinada cidade, no caso, o Rio de Janeiro.

O carioca, este representante da cidade, é tal enquanto ele carregue os traços definidores de determinada identidade. Isto sempre no campo simbólico e das representações e no sentido mais amplo no da linguagem. Sobre o assunto Bourdieu

coloca que os critérios que definem objetivamente uma determinada identidade regional:

(...)são objeto de representações mentais, quer dizer, de actos de percepção e de apreciação, de conhecimento e de reconhecimento em que os agentes investem os seus interesses e os seus pressupostos, e de representações objectais em coisas (emblemas, bandeiras, insígnias, etc) ou em actos, estratégias interessadas de manipulação simbólica que têm em vista determinar a representação mental que os outros podem ter destas propriedades e dos seus portadores. (1989, p112)

Bourdieu também entende o terreno da identidade como um campo de disputa onde acontece a “luta de representações”. No caso da identidade carioca ou da identidade dos residentes de determinada cidade, a identidade está muito relacionada e articulada a elementos da cultura popular, sinais capazes de 'fazer ver e crer'. Neste ponto Bourdieu também identifica o carácter ideológico presente nas identidades

Com efeito o que nelas (nas lutas de representação) está em jogo é o poder de impor uma visão do mundo social através dos princípios de di-visão que, quando se impõem ao conjunto do grupo, realizam o sentido e o consenso sobre o sentido e, em particular, sobre a identidade e a unidade do grupo, que fazem a realidade da unidade e da identidade do grupo. (BOURDIEU. 1989, p113)

Da mesma forma então em que os limites que definem uma determinada região são determinados em ultima instancia por fatores arbitrários, ou mais especificamente o recorte da região é a expressão de interesses de certos setores:

A região e as suas fronteiras (fines) não passam do vestígio apagado do acto de autoridade que consiste em circunscrever a região, o território, em impor uma definição legitima, conhecida e reconhecida, das fronteiras e do território, em suma, o princípio de di-visão legitima do mundo social. Este acto de direito que consiste em afirmar com autoridade uma verdade que tem força de lei é um acto de conhecimento, o qual, por estar firmado, como todo o poder simbólico, no reconhecimento produz a existência daquilo que enuncia.(BOURDIEU. 1989, p114)

Na questão identitária, a 'luta de representações' expressa a visão do setor mais hegemônico, não em termos absolutos. Mas especificamente a identidade não é simplesmente uma imposição de cima para baixo a partir da pressão dos interesses das

classes dominantes exclusivamente, mas o resultado da disputa das representações. Na questão da identidade e das representações como também na sociedade e nas classes, não existe a população como uma massa passiva.

Mas é preciso reconhecer a força do discurso da autoridade, do discurso performativo de uma autoridade legitimada em determinada sociedade, pois esse discurso, essa categorização a partir de uma autoridade "exerce poder por si: as categorias 'étnicas' ou 'regionais', como as categorias de parentesco, instituem uma realidade usando do poder de revelação e de construção exercido pela objectivação no discurso" entendida esta (a objectivação do discurso) como a concretização do discurso na realidade. Quer dizer, ter a força para potencialmente impor "*princípios de visão e de divisão comuns, portanto uma visão única de sua identidade, e uma visão idêntica de sua unidade.*" (BOURDIEU. 1989, p117)

Assim, então região e identidade se relacionam entre si. Uma (a região) é o contexto que possibilita a definição da outra (a identidade) e que lhe entrega limites concretos, mas impostos, arbitrários. Ditas identidades ligadas a regiões como por exemplo a região 'nação' e 'estado-nação' tem se construído a partir de consolidar uma economia interna dominada por certo setor (a burguesia nacional).

Os limites assim são definidos, por um lado, pela capacidade de controle, de domínio dentro de certo território por parte destes setores da sociedade, e por outro, na disputa com outras nações, mas não elas como um todo, ou melhor dito, as nações comandadas pelos interesses dos setores dominantes de suas próprias burguesias. Assim as fronteiras das nações vão sendo alterados no passo da história conforme as disputas entre nações e suas burguesias, conforme a situação vai se definindo para um lado ou para o outro.

O caso da Palestina e a ação imperialista do Estado de Israel comandado pelos setores mais conservadores é muito esclarecedor do caráter arbitrário dessas fronteiras que

definem, no caso dos Estados Nação, os limites onde a identidade e o sentimento nacionalista podem ser aplicados. Mesmo aqui na América Latina os limites dos países tem mudado bastante como no caso do próprio Brasil que comprou grandes extensões de território boliviano, especificamente o que atualmente é o estado brasileiro do Acre por 2 milhões de libras esterlinas no Tratado de Petrópolis.

Ou na Guerra do Pacífico entre Chile, Perú e Bolívia onde, como resultado, Bolívia perdeu a saída ao mar e territórios bolivianos e peruanos pertencem hoje ao estado do Chile. Bourdieu resume essa ideia na seguinte enunciação:

a realidade, neste caso, é social de parte a parte e as classificações mais 'naturais' apoiam-se em características que nada tem de natural e que são, em grande parte, produto de uma imposição arbitrária, quer dizer, de um estado anterior da relação de forças no campo das lutas pela delimitação legítima. A fronteira, esse produto de um ato jurídico de delimitação, produz a diferença cultural do mesmo modo que é produto desta. (1989, p115)

Exemplos destas mudanças não faltam na história das sociedades humanas. As guerras impulsionadas pelos interesses econômicos dos setores privilegiados mudaram e mudam esses limites conforme a correlação de forças determine o resultado. Da mesma forma os limites administrativos de determinadas regiões, como Estados (no caso do Brasil, federativo), províncias, e no caso que mais nos interessa nesta pesquisa, as cidades, também obedecem a critérios que são imposições, arbitrários e que em última instância não obedecem a questões naturais da realidade que possam determinar os limites que determinada identidade irá abranger.

Mas o nacionalismo como identidade regional não é só uma construção que atende os interesses das elites. Mesmo sendo o resultado de uma delimitação arbitrária de uma região ele é entendido de diversas formas pelos setores populares. Sobre o nacionalismo e a defesa da pátria nos contextos de guerra no marco da necessidade do combate ao imperialismo e à guerra, o revolucionário russo Leon Trotsky afirmava que

para a burguesia essa abstração queria dizer a defesa dos seus lucros e privilégios, pois

É necessário saber traduzir essas ideias fundamentais em idéias mais particulares e mais concretas, segundo o avanço dos acontecimentos e a orientação do estado de espírito das massas. (...) Quando o pequeno camponês ou o operário falam de defesa da pátria, falam da defesa de sua casa, de sua família e da família de outrem contra a invasão, contra as bombas, contra os gases asfixiantes. O capitalista e seu jornalista entendem por defesa da pátria a conquista de colônias e mercados, a extensão, pela pilhagem, da parte "nacional" da renda mundial. O pacifismo e o patriotismo burgueses são mentiras completas. No pacifismo e no patriotismo dos oprimidos há um germe progressista que é necessário saber compreender para daí tirar as conclusões revolucionárias necessárias. É necessário saber dirigir estas duas formas de pacifismo e de patriotismo uma contra a outra. (TROTSKY. 1936,p39)

Em resumo, a palavra e o signo nascem da interação dos homens em sociedade. Assim numa sociedade dividida em classes, a linguagem é em certa medida também um terreno de disputas e é o reflexo desse conflito estrutural da sociedade capitalista. Nesta, a linguagem é uma só para todas as classes, mas expressando dito conflito expressam contradições na valorização dos seus significados.

Sem os signos e as palavras, seria impossível a produção ideológica, nem a existência da consciência humana, sendo esta possibilitada exclusivamente a partir da relação do homem em sociedade; nem seria possível, portanto a construção e apropriação de identidades que valem-se de elementos presentes na história, na memória, nas relações de produção, o espaço geográfico, nas instituições etc para se construir. Elementos que são articulados pelos homens e mulheres nas diversas sociedades, produzindo significados em função dos rumos sociais e do resultado do conflito principal presente na realidade.

A identidade carioca, do morador da cidade do Rio, é só mais uma das diversas caras que constituem a expressão identitária dos cidadãos do Rio de Janeiro. Uma identidade ligada aos fatores regionais/geográficos onde ela está situada. No fluxo vindo de cima pra baixo a partir do poder público, expressa-se uma visão homogeneizadora simplificada e orientada a partir dos interesses dos setores dominantes da sociedade.

Mas na ampla base da sociedade, a realidade da definição de identidade apresenta-se de forma heterogênea, podendo ter diferentes valores e significados dependendo dos setores, num nível coletivo e particular de cada sujeito. Cidadania enquanto pertencimento a uma cidade e seu modo de vida, Nacionalismo, patriotismo são tipos de identidade ligada a uma região particular e, como tal , na prática apresentam significados e valorizações diferentes dependendo dos setores e contextos.

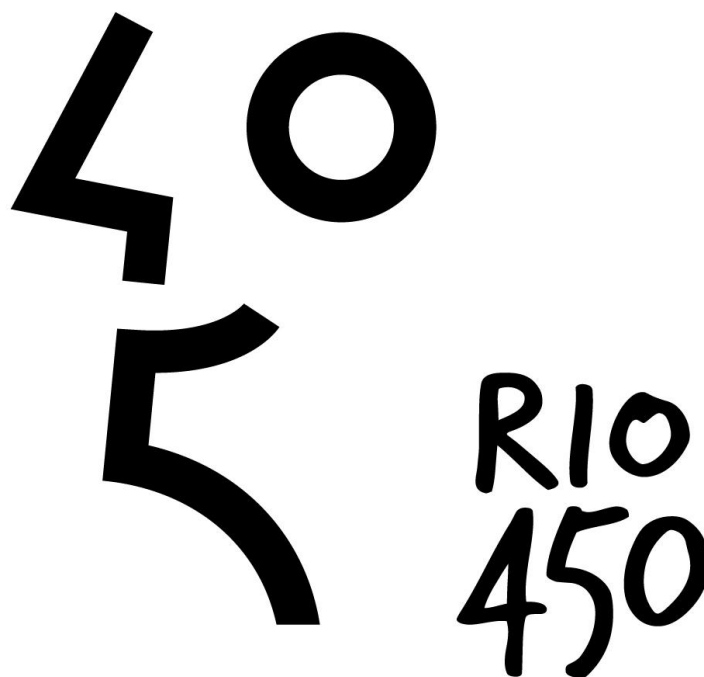


Figura 11. Logomarca Rio450 (Escritório Crama Dsign Estratégico)

Nos capítulos anteriores, discutimos os processos de transformação urbana me concentrando principalmente no caso da transformação atual do Rio- em menor medida na reforma de Pereira Passos e na da Paris Haussmaniana como processos cheios de conflitos que, para além da transformação física das cidades, implicaram uma tentativa de transformação nas formas de vida da população e uma tentativa das classes

dominantes de disfarçar, maquiagem ou esconder do cenário urbano das metrópoles as contradições da vida na cidade.

Tentarei aprofundar a partir da análise discursiva, da relação entre língua e ideologia e seus desdobramentos na identidade. Isto estudando o caso do projeto de transformação urbana no Rio de Janeiro contemporâneo no marco do planejamento estratégico.

As lógicas implícitas nas dinâmicas do planejamento estratégico concebem a cidade como um grande motor e também um capital capaz de atrair investimentos nacionais e estrangeiros. A cidade como produto e como fábrica de si mesma. O principal setor da economia que é favorecido com o processo econômico-social de transformação da cidade é o setor dos serviços e, principalmente, o turismo e a construção civil. Como já vimos, a fórmula repete-se em outros casos em outras cidades onde o modelo foi aplicado no passado no intuito de que ativando e promovendo a atividade turística fosse reativada também a economia da cidade.

A gestão estratégica da cidade vale-se de uma gama ampla de recursos, riquezas e belezas naturais próprias da cidade do Rio de Janeiro, mas também a cultura, o samba, a história da cidade etc. Na verdade irá se valer de tudo que lhe for conveniente para oferecer uma experiência mais atraente aos consumidores. Inclusive de elementos próprios dos significantes da identidade e do modo de vida da cidade.

Um exemplo concreto onde se expressa a utilização da identidade carioca pela prefeitura em articulação com a esfera privada é a marca RIO450 criada pela prefeitura no marco da comemoração dos 450 anos da cidade. Concentraremos nossa análise nesta campanha, pois ela apresenta-se como a concreção da utilização da identidade dos cariocas no caso mais atual de planejamento estratégico de cidades existente atualmente no mundo.

Em dezembro de 2014, o prefeito Eduardo Paes criou no Palácio da Cidade o Comitê Rio450 cujo primeiro objetivo era elaborar um calendário de ações e eventos em torno

da comemoração da data de fundação da cidade. O Comitê Rio450 foi um grupo administrativo ligado ao Gabinete do Prefeito, que tem entre suas funções a coordenação de todas as atividades, eventos e projetos que estejam relacionados às comemorações do aniversário número 450 da fundação do Rio.

A estrutura do comitê está composta pela Presidência (Presidente, VicePresidente e assessorias) e 3 Diretorias (Comunicação e Engajamento, Desenvolvimento de Projeto, e Relações Institucionais). Também a missão do comitê como colocada no portal da comemoração é a de:

harmonizar e organizar as iniciativas de comemoração, mobilizar os diversos atores e setores da Sociedade e articular a participação das diferentes áreas da Prefeitura e do poder público em geral na construção do projeto comemorativo.⁴⁵

O comitê declara no portal que a cultura e a identidade carioca, o sentimento de pertencimento à cidade é a base do trabalho que o próprio comitê desenvolveu ao redor da campanha RIO450. Isto como veremos mais na frente expressa-se na totalidade da campanha da comemoração. As duas primeiras iniciativas do Comitê são anunciadas no mesmo dia pelo próprio Paes: primeiro, o lançamento de um concurso de desenho para escolher a marca que seria a cara do aniversário e da campanha dos 450 anos de fundação do Rio em parceria com o Instituto Rio Patrimônio da Humanidade (IRPH) e, segundo, um portal que a prefeitura definiu no momento como um portal 'colaborativo por meio do qual os cariocas poderão sugerir iniciativas para serem realizadas em 2015'.

Dentro destas iniciativas, a prefeitura propõe categorias como festas e presentes para o Rio, como poderia ser a restauração de patrimônio, algum tipo de melhoria para o bairro ou projetos educativos ou culturais relacionados à história da cidade.

No dia 05 de julho de 2016 o Prefeito Eduardo Paes por meio do decreto 41945 modificou a denominação da diretoria do Comitê e suas finalidades passando a ter o

⁴⁵ Comitê RIO450, (<http://www.rio450anos.com.br/comite-450/>) Acessado por última vez em Março 2016

nome de *Diretoria de Economia da Cultura, das Artes e do Entretenimento*, sendo delegada à Secretaria Municipal de Cultura revogando o anterior decreto.⁴⁶

O calendário de atividades irá se desenvolver entre os dias 31 de dezembro de 2014 e 1º de março de 2016. A contagem regressiva, no entanto, foi iniciada no dia 6 de dezembro de 2014 para assim marcar o prazo de 450 dias para os 450 anos. Neste dia foi celebrada uma missa na Igreja dos Capuchinhos na Tijuca pelo arcebispo Dom Orani, ritual que simbolizou a abertura da contagem para o início das celebrações.

No edital lançado pelo Comitê e pela Prefeitura para a escolha do programa da marca dos 450 anos da cidade, é definido o contexto onde acontece o aniversário da seguinte maneira:

Se em 2014 teremos a Copa do Mundo da FIFA™ no Brasil, e em 2016 os Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro, 2015 é o ano em que a nossa cidade completará 450 anos. O desafio da convivência entre as diversas marcas se apresenta, também, como uma oportunidade para a criação de uma marca que simbolize este momento tão especial da história da cidade. São quatro séculos e meio de uma história que queremos que o mundo conheça, e que o carioca se orgulhe. A marca dos 450 anos do Rio será a representação desse momento, um momento espremido entre eventos que vieram do mundo para o Rio, um momento de levarmos o Rio para o mundo. Os 450 anos são nossos. São da cidade. São para a cidade. E é isso que queremos demonstrar. Uma marca que simbolizará, durante o 450º aniversário do Rio, o que é mais nosso, mais carioca. Uma marca para celebrar a existência e a persistência desse canto de terra que, entre o mar e a montanha, encanta o mundo.⁴⁷

Neste relato vemos como se expressam as tentativas por convencer ou colocar nas narrativas da opinião pública, a partir do fato de o aniversário número 450 do Rio cair entre 2 anos "*históricos*" para o Brasil e o Rio (2014 o ano da Copa, e 2016 o ano dos Jogos Olímpicos na cidade do Rio) que esse momento é uma janela de oportunidades, única. Uma pequena abertura em que é possível se aproveitar da bonança do fluxo de potenciais investimentos e atenções que o Rio está recebendo.

⁴⁶ <https://leismunicipais.com.br/a/rj/r/rio-de-janeiro/decreto/2016/4195/41945/decreto-n-41945-2016-altera-a-denominacao-e-a-finalidade-da-diretoria-do-comite-rio-450>

⁴⁷ <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4593647/4114348/Editalparainteirarepublicacao.pdf>

Sendo o momento atual da cidade, uma janela de oportunidades, estaria colocada a necessidade urgente de aproveitar essa conjuntura favorável ao máximo. A partir deste “é agora ou nunca” o poder público tem se articulado estreitamente com a iniciativa privada, passando por cima de leis e direitos humanos e civis da população no que Carlos Vainer tem definido como a Cidade de Exceção, onde em nome da eficiência econômica e da eficácia social flexibilizam-se leis, normativas, legislações de construção etc.

O relato também coloca as comemorações como um presente para os cariocas ao mesmo tempo que querem "levar o Rio para o mundo". A primeira ideia, um presente, é direcionada ao Rio. A segunda é do Rio para o mundo. As comemorações então são locais, mas pretendem ser também para o mundo todo, se apropriando de características que lhe são próprias aos megaeventos, Como seu caráter global especificamente. Sendo o Rio uma cidade global, internacional, isto é resignificado como sendo esse caráter intrínseco à cidade. A mesma ideia fica expressa mais na frente no mesmo documento, quando se reivindica a necessidade de "*...um Rio mais internacional, essa cidade que se transforma aos olhos do mundo*". Ou inclusive numa entrevista no Jornal O dia no 1º de março de 2015, onde a historiadora Armelle Enders, da Universidade de Paris afirma que "Mesmo não sendo mais capital, o Rio continua vitrine do Brasil e a síntese do país, tem esse brilho internacional"⁴⁸

"Levar o Rio para o mundo", podemos entender isto como o Rio se abrir para o mundo. A frase expressa também 'mais abertura', ou que o Rio se fará presente no mundo inteiro por meio da logomarca em questão. Mas a frase completa é "*um momento espremido entre eventos que vieram do mundo para o Rio, um momento de levarmos o Rio para o mundo*" que pode ser entendida com um sentido de ciclo, de processo, ou inclusive, num sentido de retribuição, agradecendo ao mundo por ter enviado os megaeventos.

Também poderíamos entender quase como um ato falho, que escapa a consciência do interlocutor do que pretende-se expressar. Quase como um eufemismo involuntário que

⁴⁸ Cidade que se reinventa aos 450 anos (O Dia 1/3/2015)

reconhece a pilhagem intrínseca da dinâmica dos megaeventos e os interesses que os motivam e transformá-los formalmente, na sua aparência, em momentos que pareçam que são de interesse e benefício do conjunto da sociedade.

"*Levamos o Rio para o mundo*" parece tirado da história da colonização portuguesa no Brasil e que se relaciona diretamente com a lógica presente e estruturante nas formações das cidades brasileiras. Sérgio Buarque de Holanda aprofunda essa questão e mostra como a forma em que os portugueses se relacionavam com o território a colonizar relaciona-se com a política extrativista adotada principalmente em território brasileiro, mas implementada por Portugal em todas suas colônias. Os portugueses olhavam para suas colônias como lugares de onde extrair recursos rapidamente. Assim Portugal fortaleceu uma lógica de fundação de cidades e da organização do espaço com prioridade para a facilidade de construção de infraestrutura portuária para levar as novas riquezas até Lisboa. Buarque compara a forma como os portugueses encaravam a colonização do território com a dos espanhóis, afirmando que

O esforço dos portugueses distingue-se principalmente pela predominância de seu caráter de exploração comercial, repetindo assim o exemplo da colonização na Antiguidade, sobretudo da fenícia e da grega; os castelhanos, ao contrário, querem fazer do país ocupado um prolongamento orgânico do seu. (BUARQUE, 1995, p98)

Assim vemos que muitas das principais cidades do Brasil localizam-se nos litorais. Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador, Recife, Fortaleza. Assim a colonização de território no interior do Brasil esteve ligada principalmente a garantir a eficácia da extração de recursos, principalmente minerais. A relação entre Portugal e o território do Brasil é condicionada pela voracidade extrativista da Coroa Portuguesa por levar os metais até o território.

Na frase "Levamos o Rio para o mundo" expressa-se finalmente ainda essa lógica dos portugueses de se relacionar com o espaço afirmada por Buarque, que também identifica a influência dos portugueses e sua colonização litorânea extrativista: "quando hoje se fala em 'interior', pensa-se, como no século XVI, em região escassamente povoada e apenas atingida pela cultura urbana." (BUARQUE, 1995, p101).

O Comitê continua no texto afirmando que a iniciativa deste concurso público é impulsionada com a preocupação de promover a indústria do Design na cidade do Rio de Janeiro:

A consolidação de uma cultura de Design na cidade do Rio de Janeiro se estabelece através de gestos. Desde 2009, o IRPH/CCD vem promovendo concursos para a promoção e a afirmação da cidade do Rio como um pólo de produção e de difusão do melhor do design brasileiro. Assim, a cidade se afirma como Distrito de Criatividade, atrai a atenção e o engajamento dos escritórios e empresas de design do país, e promove um processo público para garantir uma marca de qualidade para as comemorações dos 450 anos da cidade do Rio de Janeiro. Promover um concurso público para a seleção dessa marca, que será tão importante ao longo dos próximos dois anos, demonstra a preocupação da administração municipal em, além de conquistar um resultado de qualidade, fazer com que essa classe profissional apresente seus olhares sobre a cidade, estimulando a reflexão sobre o Rio que somos e que queremos.⁴⁹

O distrito criativo, localizado na região portuária, é reivindicado aqui como parte das considerações dentro da iniciativa da campanha das comemorações do RIO450, mostrando a relação da logomarca com o projeto de planejamento estratégico impulsionado pela Prefeitura. Além de sua localização numa das regiões objeto da transformação urbana, o distrito criativo / cidade criativa mostra a concepção sobre cultura utilizada neste modelo de gestão urbana.⁵⁰

O edital da logomarca expressa qual o espírito que a prefeitura quer imprimir na comemoração. O Anexo 2 do edital intitulado "*Rio450: ANIVERSÁRIO, REFLEXÃO E MARCA*" coloca os limites nos que deve ser articulada e concretizada a ideia da logomarca do RIO 450.

COMEMORAR 450 anos do Rio de Janeiro é muito mais que preparar uma grande festa; é refletir sobre a experiência civilizatória singular que deu origem ao carioca. (...)O aniversário da cidade em 1º de março de 2015 será o momento de homenagear o povo que foi capaz de transformar um espaço repleto de pequenas lagoas e mangues, cercado por montanhas e florestas, em um palco de encontros, em sede de momentos históricos do Brasil, em lugar de gestação de costumes, de tendências e de expressões que definem a própria cultura nacional.

⁴⁹ <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4593647/4114348/Editalparainteirarepublicacao.pdf>

⁵⁰ Sobre o conceito de indústria criativa e cidade criativa aprofundarei posteriormente.

A cidade do Rio intrinsecamente como uma força permanentemente transformadora do espaço e da realidade. Assim a necessidade e a vocação de transformação urbana atual não obedece a interesses de setores empresariais e burgueses do Rio, e do Brasil, mas ela nasce com o carioca e é a 'forma de fazer cidade' que lhe é própria ao morador da cidade do Rio. Continua o edital:

O papel da Prefeitura, e do Comitê Rio450 em particular, não poderia ser outro que o de se inspirar na vasta e rica trajetória do carioca para propor uma reflexão a respeito dos caminhos que o Rio deve percorrer rumo aos seus 500 anos.

O comitê dentro desta reflexão insere também um subtítulo dentro do anexo 2 definido por eles como o Manifesto Rio450, contendo a centralidade da política, das funções da logomarca:

Ao longo de quatro séculos e meio, a Cidade do Rio de Janeiro desempenhou alguns papéis importantes na história. Nenhuma outra cidade do Hemisfério Sul foi sede de um império europeu. O Rio foi cidade-estado, capital do Brasil, berço da cultura brasileira e palco de momentos fundamentais na formação da identidade do país.

Essa ideia indiscutível está presente e é utilizada amplamente pela prefeitura em diversos espaços. Aqui, pelo comitê, e outras vezes pelo próprio prefeito Paes na carta ao Rio escrita por ele e publicada na edição do jornal O Globo do dia 1º de março de 2015, dia do aniversário número 450: "*Desde 1565, você (a cidade do Rio) já foi muitas e várias: capital da Colônia, sede do reino português, capital do Império, capital da República, cidade-estado, cidade global, Cidade Maravilhosa.*"

A ideia é real. É indiscutível que a cidade do Rio foi tudo isso. A partir deste recorte, a ideia central que pretende ao reivindicar essas qualidades do passado, da história da cidade, é que a cidade possui uma qualidade única e está destinada a um futuro brilhante, mas também a desafios. Desafios que, ao serem 'da cidade', são portanto desafios que devem ser assimilados por seus moradores também, pois são eles que definem a qualidade humana dos moradores da cidade que se expressam na cultura e na identidade popular:

Tantas memórias e tamanha relevância acabaram por moldar uma identidade própria, única, reconhecida em todo o mundo, expressa largamente na música, na arte, nos hábitos, na literatura, e representada num personagem que é

singular e plural ao mesmo tempo: O CARIOCA. Portanto, celebrar os 450 anos da cidade é, antes de tudo, celebrar um povo, seu jeito de ser, sua cultura, seus sonhos.

É interessante destacar aqui que quando fala-se em identidade carioca neste texto, cuja função é a de orientar o processo criativo das empresas concorrentes à logomarca, não se define qual é a identidade expressa como veremos mais a frente a partir da logomarca vencedora. Apenas se fala sobre uma identidade *própria, única, reconhecida em todo o mundo* e que as comemorações são para celebrar *um povo, seu jeito de ser, sua cultura, seus sonhos*. Portanto, 'O Carioca' que se expressa na logomarca da prefeitura ainda não aparece na campanha dos 450 anos no momento do lançamento do concurso. As comemorações então ainda não têm completamente desenvolvido o seu caráter homogeneizador. O Manifesto Rio 450 continua:

É, sim, uma chance de reviver o passado, entretanto, os olhos devem estar voltados para o futuro. Não mais a nostalgia da cidade maravilhosa, mas a inspiração da cidade que SE REINVENTA. E que convida os cariocas a escreverem juntos a história dessa vez⁵¹.

Fica exposto claramente que o que precisa ser explorado nas comemorações não é só a simples constatação das qualidades físicas e as belezas naturais da cidade do Rio, mas principalmente as suas qualidades intangíveis é que podem render muito mais se utilizadas nas campanhas de promoção e validação do projeto de cidade. As cidades invisíveis que existem ocultas no espaço construído do Rio de Janeiro:

Cidades não são apenas o somatório de ruas, praças, prédios e esquinas. Cidades abrigam experiências intangíveis, guardam invenções, conquistas, fracassos, ritos e mitos acumulados contemporâneos: alterações climáticas, escassez de recursos, mudanças na matriz energética, miscigenação cultural, aumento da longevidade, maior concentração urbana.⁵²

O documento propõe um novo destino para a cidade do Rio no mundo contemporâneo, "*considerando seu protagonismo histórico, suas vocações inquestionáveis e suas aspirações: ser a cidade que INSPIRA as cidades no desenrolar do século 21*". A cidade do Rio, segundo o manifesto, continua no trilho, mas "*descobre novos caminhos,*

⁵¹ <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4593647/4114348/Editalparainteirarepublicacao.pdf>

⁵² <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4593647/4114348/Editalparainteirarepublicacao.pdf>

mobilizando uma imensa rede de participação e colaboração que começa no cyberspaço e se reencontra na rua. E vice-versa".

Um resumo perfeito do funcionamento interno do processo discursivo da prefeitura aparece no final do edital, encerrando o manifesto Rio 450 no intuito claro de fazer com que as empresas refletissem as logomarcas. Define-se o marco dos 450 anos como uma "*oportunidade de resignificar nosso próprio enredo*", que articula os diversos acontecimentos da história do Rio, cidade e identidade, o Rio e o Carioca capazes de "influenciar O MUNDO" para configurar uma visão específica de cidade unida totalizante:

Aos 450 anos, cidade e cidadãos compartilham os planos para o futuro. E não se esquecem de reverenciar seus maiores patrimônios: a natureza exuberante, a história peculiar, a cultura popular e o imenso orgulho de ser – e novamente se afirmar – carioca.

Toda recordação é uma re-escritura dos fatos do passado. Assim se revive o passado olhando para o futuro. O recorte tensionado a reforçar a ideia de uma cidade sempre em reinvenção, validando a necessidade de se reinventar mais uma vez e também novamente em algum futuro como é o pretendido com a iniciativa Visão RIO 500. O passado re-edita-se no presente de uma cidade olhando para o futuro. Como se todos os tempos acontecessem num só instante.

Todas as cidades, a capital do império, a capital da república, a cidade maravilhosa, todos os Rios presentes simultaneamente. O espírito de cada cidade, de cada Rio permanece na cidade e a empurra pro Futuro. No final todos os Rios é um Rio e a prefeitura reafirma isto com a ideia da vocação da cidade, de que essa qualidade reinventiva sempre esteve presente, quase que pre-existente a ela.

Assim expressa-se na crônica fictícia, escrito por um João do Rio viajante no tempo que encontra-se em certo momento na cidade do Rio de Janeiro atual. Ao abrir os olhos, João do Rio encontra-se de frente com um Guarda Municipal dirigindo o trânsito, "*uma*

orquestra de ruídos na Avenida Presidente Antonio Carlos. Gesticulando, ele indica quando a multidão aglomerada na calçada pode atravessar" (JORNAL O DIA, 1/3/2015, p.6). João do Rio fica surpreendido pelo macacão verde espalhafatoso dos guardas municipais e pelos curiosos aparelhos em que as pessoas deslizam os dedos e cobrem os ouvidos.

João do Rio procurou até chegar no local da igreja Santa Luzia, ele se surpreende ao, entre tantos ruídos e tanta velocidade, ver que a *"igrejinha resiste ali, atrás de um imenso prédio negro cobrindo a paisagem horizontal" (idem)*. Mas João do Rio se lamenta que essa reinvenção da cidade fez com que *"a alma do lugar tivesse sido sugada pela atmosfera cinza das redondezas . Para meu espanto, não há mais a brisa de mar, que refrescava os carolas depois de cada benção e também os viciados em ópio perambulando."* (idem)

Mas ainda existem cantos que conservam a cidade que João do Rio conheceu no seu tempo e relata: *"Após o primeiro impacto, me recomponho e observo o que ainda permanece no mesmo lugar, como os moradores de rua repousando sobre a sombra das tamarineiras na direção de Santa Casa e ambulantes anunciando suas pechinchas".(idem)*

A crônica vai se desenvolvendo a medida que João do Rio vai perambulando pela cidade do Rio. Principalmente o Centro e a região portuária. O relato se desenvolve principalmente no tensionamento entre 2 polos. Um em torno da ideia que a cidade antiga, a cidade maravilhosa já não é possível de ser encontrada mais neste espaço transformado. Questão que se expressa em frases como *"A Praia de Santa Luzia não existe mais."(...)* *não há mais a brisa de mar, que refrescava os carolas depois de cada benção" " O asfalto tomou lugar da areia, e o badalo dos sinos não se consegue escutar."* E no outro extremo a ideia de que a cidade antiga continua de diversas formas ainda presente, de que a alma do lugar não foi *'sugada pela atmosfera das redondezas'* mas permanece e resiste em cada esquina dos quarteirões da cidade do Rio.

Por exemplo, *para João do Rio, a Rua do Ouvidor é um dos poucos lugares nos que ele consegue se sentir de volta ao seu tempo. Andando por essa rua que foge às garras do passo do tempo, João do Rio sente-se transportado "de volta ao meu tempo". E especialmente, afirma:*

"Sobretudo quando chega a noite, e as luzes se acendem nos postes que preservam a arquitetura antiga. Lembro de versos que escrevi sobre aquele lugar. "Na artéria estreita cai a luz acinzentada das primeiras sombras - uma luz muito triste, de saudade e de mágoa".(JORNAL O DIA, 1/3/2015, p.7)

Vale a pena destacar o seguinte trecho do relato onde, aos olhos do deslocado João do Rio, o processo de transformação da cidade, a continuidade da cruzada civilizatória da reforma Passos, é vista como equivalente a cidade pré *Bota-abaixo*. *A cidade 'civilizada' tomada por objetos enfeitado precisava ser enfrentada com "toda a sorte de poções e magias para quem se arriscava"*.

Perdido na modernidade do Rio de Janeiro do século XXI, João do Rio procura um terreiro de candomblé de 1886 na rua Barão de São Felix, na região portuária, não resistiu à força transformadora da cidade, à força transformadora do Porto Maravilha. Pelo contrário fica assustado pela grande transformação da zona portuária por esta, do grande canteiro de obras, a "crateira" e a imensa poeira, onde tudo era:

"um desastre natural desses estranhos novos tempos. Porém, vejo homens passando com enormes calhas de aço e pergunto o que está havendo ali. A resposta me deixa ainda mais atônito. "Estamos ampliando a rede de esgoto para o Porto Maravilha". Porto Maravilha? ".(JORNAL O DIA, 1/3/2015, p.7)

Finalmente, e já cansado pela caminhada, João do Rio senta em um bar e pede uma cerveja. Acompanhado pelo som do chorinho, a única coisa que acalmou o atormentado coração do cronista, e sobrepassado pela velocidade do novo espírito da cidade, conclui:

"não mais sinto a diferença do tempo. A atmosfera desacelera. Tudo que eu ouço é o solo de cavaquinho, acostumado a adentrar aquelas vielas, e o som abafado das pessoas conversando e cochichando ao redor, enquanto o garçom se equilibrava entre as mesas.

Trazer o passado ao presente olhando para o futuro. Precisa não só lembrar, mas tornar este passado em carne. E não bastou a João do Rio ouvir os versos do Pixinguinha ou vê-lo imortalizado em pedra, mas a presença viva deste, da cidade de outro tempo que ainda está presente:

De súbito, uma presença ilustre puxa uma cadeira e surge ao meu lado, oferecendo um brinde. 'Bem que disseram que a gente estava à frente do nosso tempo, meu camarada!'. Era um sujeito elegante e de corpo avantajado, o Pixinguinha. Ha certas coisas que nunca morrem. (Flanando com João do Rio pelo Centro. O Dia 1/3/2015)

3.3 O aniversário 450 do Rio.



Figura 12. Doodle publicado no Google no dia do 450º aniversário do Rio de Janeiro

No dia 1 de março do ano 2015, já no final do verão, o céu azul, sem ameaça alguma de nuvens preparava o cenário mais do que perfeito no primeiro Domingo do mês. Na enseada de Botafogo, nem parecia que no dia anterior uma esquadra de mais de cem caiaqueiros fizera uma homenagem à cidade por seu aniversário de fundação. Os caiaqueiros voltaram com samburás cheios de peixes - corvinas, badejos, pescadas e robalões. Naquele Domingo o Maracanã e quase 30mil almas assistiram ao jogo entre o Flamengo e o Botafogo. Quem ganhasse, assumiria a liderança na disputa pela Taça Guanabara. Em homenagem à cidade, duas figuras históricas destes dois times, Fernando Botelho, o "Fernandinho", e Adalberto Martins, ambos goleiros, reuniram-se no obelisco - que marca o lugar de fundação da cidade do Rio, no aterro do Flamengo, em frente ao morro cara de cão e que também marca simbolicamente a separação entre os bairros de Flamengo e Botafogo.

Inúmeras foram as expressões de celebração e homenagem à cidade. Uma cerimônia cívico-militar, uma encenação onde vários atores representaram a fundação da cidade, no mesmo obelisco onde se encontraram os goleiros cariocas. Aqui, um ator personificando o fundador da cidade Estácio de Sá entregou as chaves da cidade do Rio para o prefeito Eduardo Paes, que afirmou que a guardaria com zelo. Pouco antes do meio dia, foi inaugurado um bolo gigantesco, o bolo do aniversário da cidade, de 8 toneladas e, claro, de 450 metros de extensão- indo desde a avenida República do Chile até a Uruguaiana que foi distribuído entre os passeantes no centro da cidade.

Paes foi o encarregado de cortar o primeiro pedaço de bolo que foi parar nas mãos do então governador, Pezão. Nas bancas de jornal, as capas das edições do dia dos jornais cariocas estavam dedicadas a homenagear a cidade e os seus 450 anos. Até a presidenta Dilma Rousseff esteve presente na inauguração do túnel RIO 450. Assim que começava o aniversário número 450 da fundação da cidade do Rio de Janeiro.

Os 450 anos da cidade aconteceram no marco de uma gestão municipal orientada administrativa e politicamente numa lógica empresarial de concorrência por grandes investimentos no mercado global de cidades. Um modelo de gestão, caracterizado, entre outras questões, pela necessidade do maior consenso possível, modelo onde a questão cultural tem um espaço fundamental, questão que se expressa nas declarações de Eduardo Paes e na mídia, na ocasião do 450º aniversário.



Figura 13. Selos de Correios para os 450 anos do Rio de Janeiro.

Lembrando que os significados ao redor da identidade carioca não se apresentam como um fluxo semiótico monovalente ou unidirecional, mas apresentam-se disputas e conflitos, expressões as vezes claras e outras vezes confusas e contraditórias derivadas da luta de classes. Onde o sentimento de pertencimento à cidade e de identidade carioca alinham-se às vezes nos limites "zona sul", mas também expressam a cidade maravilhosa que não aparece nos cartões postais. Expressam por um lado o fluxo principal hegemônico da classe dominante e suas instituições como as grandes mídias e os jornais, estruturando ou formando/condicionando opinião e cristalizando-se muitas vezes como senso comum. Por outro, os fluxos de disputa, tanto material como

semióticos e identitários das classes exploradas, a juventude e os setores oprimidos. Mas também apresentam-se dentro destes 2 campos apropriações, esvaziamentos dos significados como afirma Bakhtin:

Conforme a língua, conforme a época ou os grupos sociais, conforme o contexto presente tal ou qual objetivo específico, vê-se dominar ora uma forma ora outra, ora uma variante ora outra. O que isso atesta é a relativa força ou fraqueza daquelas tendências na interorientação social de uma comunidade de falantes, das quais as próprias formas linguísticas são cristalizações estabilizadas e antigas. Se, em certas condições bem determinadas, uma forma qualquer se encontra relegada a segundo plano, (...) isso testemunha então a favor do fato de que as tendências dominantes da compreensão e da apreciação da enunciação de outrem tem dificuldade em manifestar-se sob essas formas, pois estas últimas as freiam, não lhes deixando campo suficiente. (BAKHTIN. 2006, p150)

Essa situação se expressa também de maneira mais fluida, às vezes consciente e outras não tanto, no campo da cultura popular, pois ele não é um campo "vectorizado", um fluxo unidirecional em si, existindo disputas nos sentidos dos significados. A cultura popular é ela própria objeto de disputas. Ao mesmo tempo que as apropriações e resignificações da cultura popular podem se perder na interação com o fluxo dominante ou mesmo tendo um caráter contestatário ou contra hegemônico podem acabar sendo levados pelo fluxo dominante como pode acontecer com artistas que surgem nos circuitos alternativos de cultura e que a partir do êxito do seu trabalho são cooptados pela grande indústria cultural. Isto funciona em ambos sentidos, pois a indústria passa a fortalecer a voz de um artista que pode não se alinhar totalmente num sentido ideológico com a indústria. Se bem o artista passa a aceitar as regras (ou muitas delas) impostas pela indústria, por outro lado isto lhe permite massificar o seu trabalho e chegar num público muito maior.

As diversas formas em que isto acontece são também contraditórias, mas tendem à totalização, omissão e ocultamento de outros significados, configurando a tendência homogeneizadora própria das políticas culturais burguesas.

Elas eliminam as diferenças para consolidar um discurso monovalente funcional à manutenção dos interesses da burguesia e dos setores dominantes, pois:

A classe dominante tende a conferir ao signo ideológico um caráter intangível e acima das diferenças de classe, a fim de abafar ou ocultar a luta dos índices sociais de valor que aí se trava, a fim de tornar o signo monovalente. (BAKHTIN. 2006, p46)

As diversidades e diferenças de classes são ao mesmo tempo negadas e açambarcadas no formato e no fluxo do discurso dominante no campo da identidade, no caso carioca, e esvaziadas do conflito estrutural da sociedade. Por outro lado, e simultaneamente, a expressão cultural das classes oprimidas, logo depois de esvaziada, é "reificada", quando conveniente, no plano da sua expressão cultural, como é o caso do samba, do funk, das favelas, pela indústria cultural, cinematográfica e também turística. Exemplo disto foi na greve dos Garis na semana de carnaval em 2014. Enquanto o Gari Sorriso dançava sorridente na Sapucaí, o resto da categoria lutava nas ruas da cidade por 36% de ajuste salarial.

Atualmente a cultura tem se consolidado como um recurso capaz de atribuir valores materiais aos bens simbólicos, associando-se a objetivos sociais e que produz e gera polos de investimentos, e cuja utilização e distribuição, seja para o crescimento da economia ou do turismo, mostra-se como fonte inesgotável, um recurso "renovável" e que parece até fugir das crises (ver YUDICE, 2006). Essa mercantilização, que também opera através da cultura e alimenta-se do estilo de vida, da identidade carioca e do amor pela cidade é fundamental para analisar como tem sido tratado o assunto pelo poder público.

No Rio de Janeiro o discurso oficial foi o "renascer" da cidade via sedear mega eventos. Assim, o renascer da "cidade maravilhosa" o "orgulho carioca", o amor pela cidade, o pertencimento a ela é a matéria prima das campanhas políticas do prefeito do PMDB, e um dos elementos discursivos centrais utilizados para validar e para implementar as profundas transformações, na cidade do Rio, ligadas aos megaeventos.

No portal da comemoração RIO450, o comitê reconhece a centralidade deste sentimento do carioca como o motor das comemorações, ao tempo em que o articula com suposta garantia prévia do sucesso da transformação da cidade e de sedear os Megaeventos. E como resultado disto o aumento da autoestima e do orgulho, não dos

cariocas, mas da cidade, como se a cidade em si fosse sujeito portador de vontade e sentimentos.

O Rio que receberá as Olimpíadas será, certamente, uma Cidade mais orgulhosa de si mesma, de seus símbolos, de sua história, da experiência civilizatória e do estilo de vida que foi capaz de forjar.⁵³

A gestão municipal atual tem e explorar a diversidade de elementos a sua disposição, tanto geográficos e econômicos como históricos e culturais, para construir um discurso que tende a eliminar as dissonâncias e diferenças. Um consenso- "sem disputas".

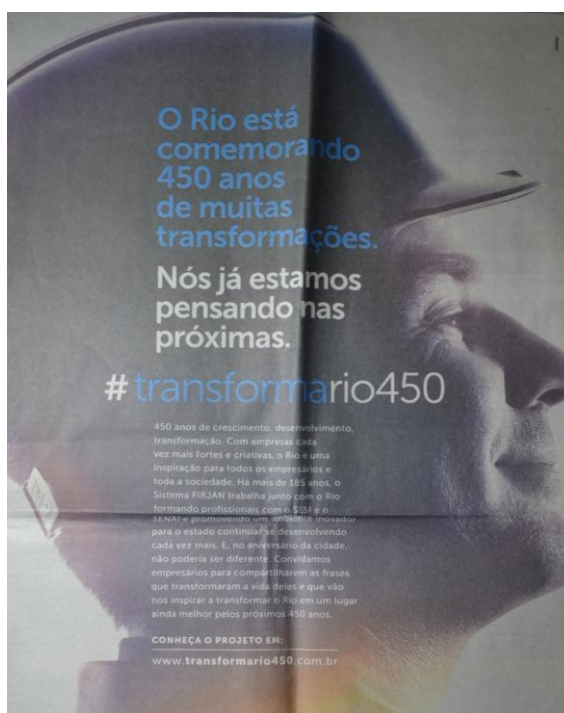


Figura 14. Publicidade da FIRJAN no dia 1/3/2015

O relato do discurso-performativo do consenso constrói-se com um único objetivo de afirmar o seguinte: a cidade esteve numa crise profunda e o trajeto seguido pela administração municipal nos últimos anos era a única forma possível de tirar o Rio dessa depressão. Na verdade tenta-se insinuar que esse caminho "único" surge da voz da própria cidade, que é o Rio de Janeiro que está escolhendo a dita saída. Quase

⁵³ Comitê RIO450, (<http://www.rio450anos.com.br/comite-450/>)

como se a cidade tivesse vontade própria. Isto tem sido reafirmado em repetidas ocasiões pelo Prefeito Eduardo Paes. No caso dos 450 anos da cidade, Paes dedicou linhas especiais na edição do jornal O Globo que expressam essa construção.



Figura 15 . Certificado de Carioca da Prefeitura publicado em diversos jornais nas edições do dia 1.3.2015

No artigo intitulado *Rio, meu amor*, Paes começa enaltecendo as maravilhas da paisagem do cartão postal Rio de Janeiro quando, de manhã, "*desperta linda nos seus tons de amarelo e laranja ou quando, ao anoitecer, migra do rosa mais quente para o negro salteado de estrelas*". E continua afirmando uma suposta vocação da cidade que: "*tem o dom de acolher, fazer mesmo quem veio de muito longe se sentir à vontade, íntimo em pouquíssimo tempo*", e que também "*carrega em si a energia de uma adolescente festeira que adora celebrar. Faz eventos como ninguém: réveillon,*

carnaval, Copa do Mundo e, em breve, os primeiros Jogos Olímpicos da América do Sul. A alegria parece sua vocação".⁵⁴

A diversidade de caras que o Rio teve e a entrada da cidade numa crise é colocada pelo prefeito como uma procura desta para encontrar a sua identidade perdida:

"Desde 1565, você já foi muitas e várias: capital da Colônia, sede do reino português, capital do Império, capital da República, cidade-estado, cidade global, Cidade Maravilhosa. Mas nem sempre reagiu bem às mudanças de papéis. Quando em 1960 perdeu para Brasília a condição de capital federal, entrou numa crise de identidade profunda. Sentiu-se traída, trocada. De uma hora para outra, sem receber um afago, um carinho especial, deixou de ser o centro das atenções, do poder, das decisões políticas do Brasil. Logo você que se dedicara e se entregara tanto ao país por tanto tempo. Nós cariocas, fizemos coro: você merecia ser mais bem tratada. Ressentida, magoada, ficou durante muitos anos a um passado glorioso que não voltaria e deixou de seguir em frente."⁵⁵

Vale a pena apontar como o Prefeito fala da cidade como se de uma mulher se tratasse: "*traída, trocada*". A cidade tem sentimentos, tem identidade e tem crise de identidade.

Essa "*antropomorfização*" da cidade é um forte recurso nesta construção discursiva que, na verdade, tem se expressado nas formas culturais populares, como o Samba. Em diversos versos, a cidade do Rio tem sido tratada como uma pessoa, um homem 'O Rio de Janeiro' ou uma mulher", 'A cidade Maravilhosa, reforçando um sentido de proximidade e intimidade com a cidade.

Em 'Rio de Janeiro', Elza Soares canta para um Rio que "se lamenta", '*Teu perfume, teu tempero, É o azul do mar, O teu olhar coral, A água viva de sal espraiada, No teu corpo de luz, Esse poder que Deus deu*', ou quando Tom Jobim canta '*Vejo o Rio de Janeiro/ Estou morrendo de saudades/ Rio, seu mar Praia sem fim/ Rio, você foi feito prá mim/ Cristo Redentor / Braços abertos sobre a Guanabara / Este samba é só porque / Rio, eu gosto de você*', no Samba do Avião ou mesmo Dick Farney que, se bem canta sobre Copacabana, o faz lhe declarando amor como se de uma mulher se

⁵⁴ Jornal O Globo, 1 de Março 2015, p8.

⁵⁵ Jornal O Globo, 1 de Março 2015, p8.

tratasse, " *Copacabana, princesinha do mar / Pelas manhãs tu és a vida a cantar / E a tardinha ao sol poente / Deixa sempre uma saudade na gente / Copacabana, o mar eterno cantor / Ao te beijar ficou perdido de amor / E hoje vive a murmurar: "Só a ti, Copacabana, eu hei de amar"*.

Claro, essa possibilidade de simplificação e de totalização é possível a partir da unidade administrativa própria da cidade do Rio (e de qualquer cidade no caso). Assim, cria-se e naturaliza-se a idéia de que a cidade é um sujeito (VAINER,2000). Assim então, com um Rio de Janeiro *sujeito*, indivíduo é possível falar da cidade e em nome da cidade, como seu porta-voz, como se tivesse vida consciência e vontade próprias.

A cidade, então levantou-se da depressão, superou e resolveu a sua "crise de identidade" e encontrou novamente o caminho como 'Cidade Maravilhosa'. E, na figura de Eduardo Paes, seu orgulhoso porta-voz:

...mas você é forte, guerreira, filha de São Sebastião. E, mais uma vez, soube dar a volta por cima. Nos últimos anos, foi capaz de reinventar-se habilmente. Engoliu o choro, e as lamúrias deram lugar à ação. E hoje vive um período importante de transformação. Prepara-se para o futuro com obras de infraestrutura, mobilidade, tecnologia. Mais integrada, mais conectada, mais inteligente.

No período histórico da reforma Pereira Passos, processo relativamente similar ao atual, os discursos ao redor da reforma também giravam em torno de validar a necessidade da reforma e da transformação da cidade, mas não apresentam essa "*cidade como sujeito*". O Presidente da República na época, Rodrigues Alves, no seu "manifesto inaugural" publicado no Correio da Manhã, em 16 de Novembro de 1902 afirmava que:

A Capital da República não pode continuar a ser apontada como sede da vida difícil, quando tem fartos elementos para constituir o mais notável centro de atrações de braços, de atividades e de capitães nesta parte do mundo. Os serviços de melhoramento do porto desta cidade devem ser considerados como elementos de maior ponderação para esse empreendimento grandioso. Quando se consumarem, poder-se-há dizer que a Capital da República libertou-se da maior dificuldade para seu completo saneamento e o operário bemdirá o trabalho que lhe fôr proporcionado para fim de tanta utilidade.

Voltando à comemoração dos 450 anos, é possível perceber, também, quase como um material de propaganda, o consenso ao redor do projeto de cidade nas páginas das edições de 1 de março de 2015 destes jornais. Cada um “defendia” de um jeito diferente, sendo mais evidente no jornal O Globo, onde podemos ver todas as empresas envolvidas nas obras de infraestruturas e projetos imobiliários articulando o aniversário, a cidade, a identidade ao redor destas obras, a fala do prefeito, o presidente do IAB etc.

O Jornal O Dia também expressa essa disputa e utilização da identidade carioca. No editorial de aniversário da cidade, um apelo ao otimismo: "*por uma visão menos turrona e mais carioca*". Isso expressa, ao meu ver, muito claramente a relação da construção do consenso e a "identidade carioca". Disfarça-se de "*otimismo*" o que na verdade é um chamado ao pensamento único e qualquer visão diferente é adjetivada como "*turrona, implicante, contraproducente*".

A certeza do caminho escolhido de virar "*a cidade dos eventos*", da vocação da cidade aparece em repetidas ocasiões nas publicidades pagas por empresas como, por exemplo, a Embratel, que afirma que "*a cidade que nasceu para receber grandes eventos recebe hoje os nossos parabéns*".

A linha de supermercados *Pão de Açúcar* também reservou uma página completa para saudar a cidade maravilhosa que, segundo a empresa, limita-se também ao cartão postal da cidade.

Pegar um bronzado no Posto 9, Correr no calçadão do Leblon. Bater um futevôlei em Copa. Tomar um mate gelado na Reserva. Curtir a natureza na Floresta da Tijuca. Torcer no Maracanã. Surfar no Arpoador. Admirar o Cristo. Subir o Pão de Açúcar. Do Leme ao Pontal, não faltam motivos para o carioca ser feliz⁵⁶

Para a construtora carioca PDG "*morar no Rio é um presente*" e também "*o maior e mais bonito empreendimento do Rio é o próprio Rio*".

⁵⁶ Jornal O Globo, 1 de Março 2015, p19.

Um complexo jogo de variáveis que se articulam ao redor da cidade maravilhosa, do carioca e do amor pela cidade. A questão da construção de identidade é fundamental na hora de entender como funciona o aparato propagandístico do poder público e, portanto, da burguesia carioca. De certa forma, a afirmação de Nestor Canclini de que a identidade é uma construção que se relata (CANCLINI, 1993) é acertada para entender o processo de simplificação da riqueza e diversidade do que é ser carioca e, também, de uma forma contraditória, a eliminação e ao mesmo tempo o estreitamento dos limites do que é ser carioca, do que é a cidade maravilhosa e os referentes e imagens da cidade que despertam o orgulho dos cariocas.



Figura 16. Utilização da logomarca Rio450

Isto, claro, é bom reafirmar, é um processo construído a partir do poder público e impulsionado por interesses empresariais. Nesta visão a definição principal de cidade maravilhosa vai da zona sul, as praias de Copacabana, Ipanema e Leblon, até o Maracanã. É este o marco do cartão postal que define a imagem do Rio vendida no pacote turístico.

Por outro lado, a cultura popular tem como fonte de inspiração muito mais rica os subúrbios, como muitos versos de samba já expressaram anteriormente. Não é do interesse particular deste texto aprofundar essa questão, mas sim ver como opera o aparato propagandístico da burguesia, os jornais e também as campanhas do poder

público, como a do RIO450. Neste sentido, e continuando na questão da música, a seleção de versos que o Jornal *O Globo* faz nos 450 anos intitulado *O Domingo é do Rio, nos versos da MPB*⁵⁷, só um dos versos faz menção aos subúrbios, "*Fala, Inhauma, Cordovil, Pilares, espalha tua voz nos arredores, Carrega tua cruz e os teus tambores*" (Chico Buarque).

O resto dos versos selecionados remetem a uma cidade mais abstrata, "*irresistível, cidade do amor, cidade-mulher*" (Noel Rosa) ou os que lembram da beleza da zona sul, "*Rio de Janeiro, gosto de você. Gosto de quem gosta deste céu, deste mar, desta gente feliz*" (Antônio Maria), "*Minha alma canta. Vejo o Rio de Janeiro. Estou morrendo de saudade. Rio, teu mar, praias sem fim, Rio, você foi feito para mim*" (Tom Jobim) ou "*Ar morno pardo parado. Mar pérola. Verde onda de cetim frio. Meu Rio.*" (Caetano Veloso) e versos que reafirmam a 'vocação' do Rio de receber eventos, "*és cidade-brinquedo, no bazar do meu Brasil*":

O Cristo Redentor é uma medalha pequenina
 No rosário imenso da colina
 Bonecas delicadas, quase todas moreninhas
 Alegam tuas ruas, qual um bando de andorinhas

Rio, és pequeno para os olhos meus
 Olhos que veneram os encantos teus
 Adoro o teu céu da cor anil
 És cidade brinquedo
 No bazar do meu Brasil.

(Cidade brinquedo, Silvino Neto e Plínio Bretas. 1939)⁵⁸

O amor pela cidade é uma questão que é de fato sentida pelos cariocas. E de fato ser parte das obras que estão transformando a cidade é, para muitos, um motivo de

⁵⁷ Jornal *O Globo*, 1 de Março 2015, p22.

⁵⁸ <http://cifrantiga3.blogspot.com.br/2008/11/cidade-brinquedo.html>

orgulho. O amor pela cidade não necessariamente implica uma adesão ao discurso hegemônico. Narrativas e opiniões contrárias ao projeto de cidade dos megaeventos também se valem do amor pela cidade como um elemento validador dentro destes discursos.

Alguns depoimentos publicados na edição do jornal *O Globo* expressam o amor pela cidade e o orgulho de fazer parte desse processo histórico. E como o discurso de consenso e de vocação da cidade aparece nestes depoimentos. Um carioca morador de Padre Miguel e assessor da companhia de Desenvolvimento Urbano da Região do Porto do Rio de Janeiro relata que "tinha uma imagem ultrapassada da Zona portuária, que acreditava ser apenas um lugar com prédios antigos, sem charme" e para ele:

é um privilégio participar deste momento. O objetivo de tantas intervenções é fazer um Rio mais integrado e, para isso, vamos privilegiar o pedestre. Quem andar por suas ruas encontrará um equilíbrio entre o novo e o antigo. Assim, esperamos ter uma cidade humanizada.⁵⁹

Um mestre de obras, oriundo da Bahia e trabalhador das obras do Porto, vê muitos benefícios que essas obras trarão para a cidade e acredita que "*o crescimento da cidade não vai parar, principalmente nas áreas voltadas para grandes eventos e turismo*"⁶⁰.

Outros depoimentos, no entanto, expressam mais claramente o descontentamento com a situação atual da cidade, uma voz contra hegemônica, fora do eixo do consenso criado a partir da prefeitura e das empresas, mas ao mesmo tempo expressa também o amor pela cidade e o orgulho carioca apresentando-se também como argumento contrário ao projeto hegemônico de cidade. Logicamente, na edição do *Globo* de domingo 1º de março de 2015 essa voz não ocupou o mesmo lugar nem teve a mesma visibilidade dos anteriores depoimentos, sendo publicado só na seção de cartas dos leitores:

Imaginem que chegasse à sua porta um indivíduo com todos os poderes e anunciasse que iria destruir toda a sua casa para, depois de três anos, lhe dar um maravilhoso presente. Você iria dormir no chão duro, cozinhar com

⁵⁹ Jornal O Globo, 1 de Março 2015, p2.

⁶⁰ Jornal O Globo, 1 de Março 2015, p2.

fogareiro, tomar banho com balde e usar um banheiro improvisado. No contrato, constaria que você não poderia sair de casa nesses três anos, findos os quais sua casa estaria transformada num verdadeiro palacete. Tudo de bom e do melhor. É exatamente isso o que o prefeito do Rio está fazendo com a gente. Muita poeira, muitos buracos, muita confusão no trânsito, muito engarrafamento. Muito estresse para desfrutarmos da cidade maravilhosa do mundo daqui a três anos. Será que vale a pena? Ele não se importa com o nosso aqui e agora?.⁶¹

Esses depoimentos no Jornal O Globo são muito ricos e expressam a cultura e a identidade como campos de disputa e de misturas. Em "*Notas sobre a Desconstrução do "Popular"*", Stuart Hall nos apresenta uma reflexão sobre a cultura popular a partir de uma relação entre a luta de classes e a produção de significados na cultura. A cultura popular como um espaço de disputas, questão que expressa-se de diversas formas nas edições dos jornais na comemoração dos 450 anos. O poder público, acredito, também percebe a identidade e a cultura popular dessa forma e também a disputa.

A cultura popular não como uma formação íntegra, autêntica e autônoma nem no plano do consumismo "*porque as massas o escutam, compram, leem, consomem e parecem apreciá-lo imensamente*" nem no plano defensivo e estático a partir de um lugar de resistência de uma "*cultura 'alternativa', íntegra, a autêntica 'cultura popular'* ", mas ela mesma como um espaço de disputas, constante e dinâmico.

Só assim é possível compreender a questão do uso político da identidade carioca, a partir do poder público, ultrapassando a idéia de cultura popular "pura" e cristalizada como exclusivamente uma resistência às manipulações das relações de poder e de dominação culturais, em uma luta cultural com polos claramente definidos ou da definição de cultura popular mais próxima da que é comercializada e consumida por um povo ou classe trabalhadora passiva e percebida como facilmente manipulável. Hall aponta a necessidade de fugir dessa polarização:

tendemos a pensar as formas culturais como algo inteiro e coerente: ou inteiramente corrompidas ou inteiramente autênticas, enquanto que elas são profundamente contraditórias, jogam com as contradições, em especial quando

⁶¹ Jornal O Globo, 1 de Março 2015, p17.

funcionam no domínio do "popular".(...) É uma espécie de ventriloquismo linguístico, em que a brutalidade degradante do jornalismo popular é habilmente combinada e entretecida a alguns dos elementos da objetividade e da peculiaridade vívida da linguagem da classe trabalhadora(2006 p.239)

Acredito que as formas como têm se construído os mecanismos de consenso ao redor do projeto de cidade ou também os que se expressam na campanha RIO450 e o 'VIVA A CARIOQUICE' têm clareza da cultura popular e da identidade como um espaço de disputa e das possibilidades de mistura que operam no campo do popular.

Utilizaremos essa definição de cultura popular de Hall, pois ultrapassa a ideia de cultura popular "pura" como exclusivamente uma resistência às manipulações das relações de poder e de dominação culturais, em uma luta cultural com polos claramente definidos ou da definição de cultura popular mais próxima da que é comercializada e consumida por um povo ou classe trabalhadora passiva e percebida como facilmente manipulável. Uma definição de cultura popular que se estrutura a partir de uma tensão entre o centro dominante e a cultura periférica é a que melhor se apresenta para refletir sobre as transformações urbanas e as transformações culturais atreladas à nova cidade pelas elites.

Canclini e o conceito de hibridação permite entender essa incorporação popular de elementos da cultura dominante para além dos limites da disputa, ainda que não abandone essa arena da luta de classes. Canclini define hibridação como os *"processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas"*.(CANCLINI, 2001. pXXII)

A visão proporcionada por Canclini amplia e torna mais dinâmica a relação de incorporação de elementos entre a cultura dominante e os setores populares, mas também focando mais do que no resultado, no processo de mistura, afirmando que esses processos *"interessa tanto aos setores hegemônicos como aos populares que querem apropriar-se dos benefícios da modernidade"* (CANCLINI, 2001. pXXII) e

também reafirma a insustentabilidade de uma cultura popular "pura" em oposição à hegemônica.

O conceito de hibridação, porém, não quer dizer que os processos de mistura e incorporação de culturas e entre culturas dá-se de maneira simples e fluida. Por isto, reafirmo o conceito de cultura popular e também de identidade como campo de disputas, onde há trocas, incorporações, misturas e abandono de formas e práticas culturais. E, também, claro, resistências.

Também "*A hibridação ocorre em condições históricas e sociais específicas, em meio a sistemas de produção e consumo que às vezes operam como coações*" (CANCLINI, 2001. pXXIX). Como a modernidade é o momento em que os processos de hibridação dinamizam-se qualitativa e quantitativamente, as cidades, como cenário definitivo da modernidade, são também o principal contexto onde acontecem esses processos de mistura cultural.



Figura 17. Utilização no mobiliário urbano da logomarca Rio 450

A meu ver, dentro da campanha criada pela prefeitura ao redor da comemoração dos 450 anos, o mais potente em termos de análise é a ideia de "viva a carioquice" que eu já mencionei anteriormente, mas ainda não aprofundi.



Figura 18. Logomarca e imagens do vídeo promocional

O portal da prefeitura, criado para o 450º aniversário da cidade⁶², apresenta um calendário anual dedicado inteiramente a comemorar um determinado Rio de Janeiro. O portal retrata uma cidade única, sem diferenças de fantasia, que favorece o consenso da cidade de eventos e distante da realidade da maioria da população carioca, pois é onde tudo no Rio de Janeiro gira em torno da festa, da praia e dos eventos (megaeventos).

O vídeo promocional do RIO 450⁶³ faz um chamado a uma comemoração com "*a cara do carioca*". O vídeo ressalta os cartões postais da cidade, o Cristo Redentor, o Pão de Açúcar, os Arcos da Lapa, uma vista panorâmica das maravilhas naturais da paisagem carioca da zona sul. Isto também é expressado a partir de uma articulação com a arte e a cultura, um vídeo animado onde com tintas e aquarelas é retratada a cidade turística articulada ao suposto estilo de vida na cidade do Rio.

Imagens de alguém desenhando uma vista aérea do Rio de Janeiro com régua e caneta de tinta preta abrem o vídeo promocional, simulando o zig-zag e o claro-escuro do contraste das pedras portuguesas na orla de Copacabana, desenho originalmente

⁶² <http://www.rio450anos.com.br/>

⁶³ <https://www.youtube.com/watch?v=0IAVn53WxPA>

realizado em Lisboa. Na mesma sequencia, no desenho aparece também no primeiro plano uma mulher de perfil, composta a partir da logomarca do RIO450, a 'cara do carioca'. Logo a técnica muda para aquarela, tintas a base de água para retratar o carioca curtindo a praia e o mar. No meio da imagem se mantém a logomarca, o perfil sorridente do carioca formado pelos numerais do '450' que se mantém sempre fixo.

Uma bandinha de samba nos Arcos da Lapa e o bondinho atravessando o aqueduto. 3 mulheres dançando é a imagem que ilustra o gosto dos cariocas pelo Funk. No contraste, 3 homens ilustram o gosto pelo cinema. Um adolescente branco loiro atravessa a cidade sorridente e de skate e uma mulher no boteco e uma imagem mais abstrata e colorida representando a boemia da noite carioca. Na seguinte imagem, na praia o vendedor de mate torrado pelo sol oferece seu produto numa praia de areias brancas e mar azul. Na seguinte imagem a sequência começa a ir em reverso até voltar a primeira imagem do desenho da cidade em preto e branco e este sumir até deixar só a logomarca do RIO450, o 'perfil sorridente' do carioca.

Aqui os limites do que define o carioca e os estilos de vida e de habitar a cidade são expressados em poucos adjetivos, totalizantes ao redor das possibilidades de lazer do cartão postal da cidade. Em 37 segundos de animação, a prefeitura do Rio expõe com ilustrações muito coloridas, alegres e festivas o que considera ser a definição da vida dos cariocas. Simplifica a realidade de uma cidade inteira, de quase 7 milhões de habitantes a "*quem gosta de praia, de samba, de funk, cinema, skate, de boteco, de jogar conversa fora*".

É claro que essas são partes constitutivas da vida dos cariocas. Muitos dos cidadãos do Rio gostam de praia, samba ou funk, expressões populares da cultura da cidade, mas representa só uma pequena parte da vida desses cariocas, muitos deles trabalhadores e moradores de zonas distantes das praias. Muitas vezes, no cotidiano de uma parte importante da vida da população do Rio não há a possibilidade de acesso a toda essa infraestrutura construída na cidade destinada ao lazer.

Por exemplo, quando foi instalado um verdadeiro pedágio racial ao redor das praias da zona sul como vimos se expressar mais claramente no acontecido no final do mês de Agosto de 2015, quando 15 jovens (todos negros exceto um) moradores de favelas como Jacaré e São João na Zona Norte iam passar o dia na praia, mas acabaram passando o resto da tarde no Centro Integrado de Atendimento à Criança e ao Adolescente, em Laranjeiras.⁶⁴

O vídeo do “Viva a Cariquice” continua definindo os cariocas como "*gente que vive, cria, sofre, ama e enfrenta a dificuldade sem nunca tirar o sorriso do rosto*". A felicidade é fortemente explorada na consolidação da ideia da vocação da cidade para organizar eventos, festas, como o réveillon e o carnaval, mas também como as Olimpíadas.

Por outro lado, a logomarca do RIO450 é possível de ver em todas as esquinas da cidade, em todos os eventos. Segundo a definição da logomarca no site do RIO450:

A marca dos 450 anos é uma expressão que, além da cara do carioca, é a cara da comemoração dessa festa. Uma proposta para provocar reflexões lúdicas sobre quem somos e o quanto amamos estar onde estamos. Ela foi pensada para resgatar o orgulho de pertencer, através de uma ideia simples e direta: se o carioca é multicultural, multiétnico e multifacetado, a marca deve espelhar tudo isso.

A partir dessa ideia, criamos uma marca que identifica o povo do Rio e faz graça com o seu jeito; uma marca que representa o que o carioca tem de mais essencial, mostrando o perfil de quem tem orgulho de ser o que é. Composta pelos 3 números da celebração, a marca é o perfil do nosso personagem: do Marcos, da Paula, do Robson, da Helena, do Peter, da Kelly... e de todo mundo que faz parte do Rio, seja por nascimento ou por escolha"

A definição sobre a logomarca é pelo menos ambígua, mas principalmente reforça, como já afirmamos, a ideia da felicidade do carioca como expressão da vocação da cidade pela festa, o samba, o carnaval e por extensão a organização de eventos, megaeventos e, portanto, a necessidade da cidade se reinventar, se atualizar, pois,

⁶⁴ Na edição do jornal Extra de 24/08/2015 foi denunciado um caso de racismo no Rio de Janeiro pela mão da Polícia Militar. O trajeto dos ônibus provenientes da Zona Norte foram interrompidos no acesso à Zona Sul do Rio. Vários jovens das favelas da zona norte foram detidos. Segundo a matéria do Extra não portavam nenhum tipo de armas ou drogas e todos eles circulavam com seus documentos de identidade. Segundo os jovens detidos a razão da detenção é que "Acham que "nós" é ladrão só porque "nós" é preto". (<http://www.esquerdadiario.com.br/Pedagio-Racial-da-PM-isola-a-juventude-negra-das-praias-do-Rio>)

para poder receber esses grandes eventos, deve vencer no mercado global de cidades. A vocação da cidade de organizar eventos e festas está no coração da identidade carioca e, portanto, seria um passo "natural".

Como boa logomarca apareceu em todos os cantos da cidade, foi apropriada culturalmente e, como a resposta da cultura popular expressa-se primeiro pela via da satirização, o site do facebook "*RIO 450 DANOS*" criticou com humor e ironia a atual gestão da cidade se valendo da logomarca e colocando-a em diversas situações. Também circulou na internet, por exemplo, uma charge associando a logomarca com os assassinatos da polícia nas favelas.



Figura 19. Rio 450 Danos

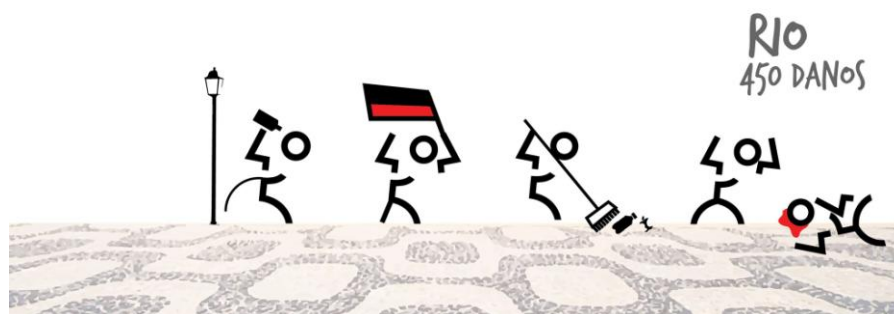


Figura 20. Rio 450 Danos

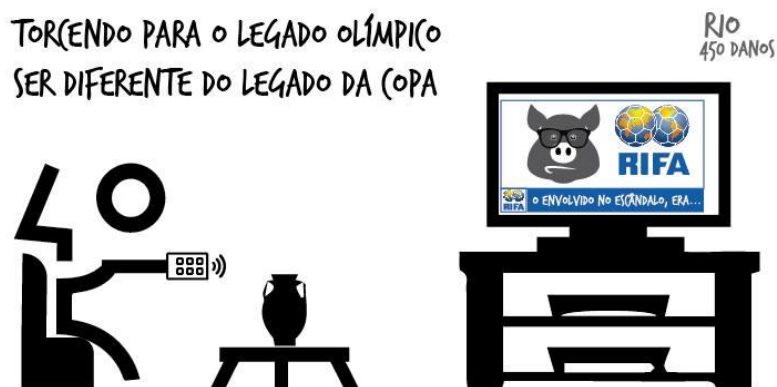


Figura 21. Rio 450 Danos

Uma visão do que é ser carioca que ainda afirmando se basear na multiculturalidade, multietnicidade e na diversidade, apaga as diferenças, expressa o consenso e a cidade do pensamento único. Ou, aliás, pretende expressar essa diversidade pela via da unidade dessas diferenças. A "carioquice" sem história, a carioquice da identidade única, aliás essa imagem construída do Rio que só vai das praias até o maracanã. Isto faz parte do discurso definido a partir dos ideais e objetivos da cidade empresa do Rio, mas não estão separados da dura vida dos trabalhadores da cidade do Rio, e que acontece, na sua maioria, longe das praias de Copacabana e Ipanema.

3.4 A região Portuária e o Porto Maravilha

A zona portuária tem sido desde antes da sua concepção uma área bastante ativa como já o caracterizamos no primeiro capítulo como um intenso ponto de tráfico de escravos e como principal porto do Brasil. As mudanças na economia fizeram com que o porto precisasse se atualizar, o que se concretizou na reforma urbana do Rio de 1903. O Porto Maravilha, atual projeto em desenvolvimento na região, teve anteriormente outras tentativas de dar à região portuária e à economia da cidade nova vitalidade.

Antes de ser concebido o projeto do Porto Maravilha, a região portuária do Rio encontrava-se economicamente, sob um processo de degradação. O principal fator que incidiu neste processo foi o deslocamento das atividades portuárias do cais do Valongo para o Cais do Caju, produto das mudanças tecnológicas do transporte marítimo no mundo. Se bem a degradação da região portuária tem também motivos políticos e de "inviabilidade econômica" para um projeto de tal envergadura, as mudanças na situação econômica internacional entregam uma visão mais certa para traçar os caminhos tomados pelo poder público na cidade do Rio - e também em vários outros casos de reformas portuárias ao longo do mundo a partir da segunda metade do século XX.

Casos como Porto Madero, o Fisherman's Wharf em San Francisco, a Opera de Sidney, Fanevil Hall e o Mercado de Quincy em Boston, o Waterfront da Cidade do Cabo e o caso de Barcelona, entre outros, são os predecessores do projeto do Porto Maravilha no Rio de Janeiro. Aprofundaremos esses casos ainda neste capítulo.

Os processos de transformações das regiões portuárias, como o Rio, são a concreção de um longo processo de mudanças estruturais nas relações globais do capital e da divisão internacional do trabalho que fizeram com que a infraestrutura desenvolvida a partir de começo do século XX se tornasse obsoleta.

Por um lado, o explosivo desenvolvimento industrial das potências asiáticas, que condicionou e limitou o avanço da indústria em diversos países do mundo como o Brasil. Situação que alterou também as rotas de comércio tradicionais, dinamizando

ainda mais uma economia de escala mundial. Essa mudança na economia veio junto com a mudança dos antigos navios por outros maiores para transportar grandes quantidades de mercadorias em contêineres. Da mesma forma os portos precisavam de muito mais espaço para receber e redistribuir as mercadorias que circulavam numa escala muito maior.

Também, no caso específico do Rio de Janeiro, a consolidação do estado de São Paulo como principal polo industrial do Brasil e o desenvolvimento do porto de Santos articulado à indústria paulista é outro fator a considerar no decaimento do porto do Rio.

O Porto Maravilha não é a única tentativa de intervir na zona portuária do Rio na história. Anteriormente, e a partir da década de 1980, a implementação do Corredor Cultural⁶⁵ trouxe à cidade do Rio a ideia de preservação do patrimônio para além da morfologia urbana. Produto de uma movimentação da Associação Comercial do Rio de Janeiro de transformar a região portuária em um grande polo exportador de produtos, surgiu um amplo movimento popular com as associações de moradores à cabeça para preservar as formas de habitar o espaço na zona portuária.

O projeto da Associação comercial do Rio de Janeiro consistia na ideia de um TelePorto, combinando a exportação e importação de mercadorias junto com a consolidação de um polo de telecomunicações na região portuária:

No final dos anos 70, a renovação da orla portuária era vista através da ótica da ampliação de seu valor imobiliário. O projeto então proposto era orientado à abertura de novas frentes de expansão de negócios, privilegiando o papel da cidade como sede de um teleporto, descrito à época como 'um complexo portuário com avançada tecnologia de telecomunicações com transmissões de informações por satélite, ligando a cidade ao mundo e permitindo maior eficiência e rapidez no comércio exterior (Revista da Associação Comercial, n. 1.215, novembro de 1985).

No mesmo ano começa a ser discutida uma solução para preservar essas áreas na região portuária. Assim, em 1988, é criada a Área de Proteção do Ambiente Cultural (Apac) da Saúde, Gamboa e Santo Cristo, que ficou conhecida como o Projeto Sagas,

⁶⁵ Desenvolver brevemente corredor cultural.

um projeto nascido nesse ano a partir da mobilização dos moradores destas áreas com objetivos de preservação desta região e que mudou o status de diversos imóveis e espaços da região em "tombados", "preservados" e "tutelados":

mas os efeitos da decretação do Projeto Sagas não se limitaram. À alteração da legislação patrimonial vigente na região, pois, ao classificar bens e logradouros como "históricos" e "culturais", essa área de proteção demarcou as fronteiras de uma nova modalidade de intervenção para a Zona Portuária, indicando quais espaços eram inalienáveis e quais, em contrapartida, poderiam ser transformados ou vendidos. (GUIMARÃES, 2014 p 30)

Posteriormente veio a concepção do Plano Porto do Rio, concebido pelo Instituto Pereira Passos da prefeitura da cidade. Fortemente inspirada no caso de Puerto Madero em Buenos Aires, apropriava-se dos mesmos ideais de progresso e civilidade que sustentaram o Bota abaixo de Pereira Passos. Sob a ideia de necessidade de mudança, o novo em oposição ao velho valorizava a ideia de futuro. Caracterizava a região portuária como abandonada, ociosa e obsoleta e apresentava o próprio plano como moderno, reciclado e renovado:

Os espaços generosos e amplos, as possibilidades de abertura de novos ângulos de visibilidade para a baía de Guanabara, a aparente ociosidade e a obsolescência da paisagem construída vem se oferecendo ao longo dos anos como um terreno fértil para a imaginação e para os projetos criativos. O resultado tem sido o surgimento de uma grande variedade de propostas de reestruturação da área e de reciclagem arquitetônica e funcional de seus muitos galpões.

Por outro lado, a utilização atual desses prédios, com pouco ou nenhum diálogo com o espaço público e continuum de fachadas com as aberturas vedadas por muros e portões que impedem a fruição das águas da baía naquele trecho, colaboram para aumentar a impressão de abandono e cristalizar a imagem de imobilismo.

No geral, estas são as razões que estimulam as reflexões mais recorrentes sobre a reutilização dos espaços e deságuam no decantado discurso de renovação da área portuária do Rio de Janeiro. Um discurso, aliás, que caminha na mesma linha daqueles de tantas outras cidades portuárias do mundo: a utilização dos velhos portos marítimos ou fluviais para a construção de novos polos de atração, a melhoria e a modernização das operações de transporte hidroviário de cargas, em permanente processo de expansão (PCRJ, 2001:6, apud GUIMARÃES, 2014 p34)

O Plano do Porto do Rio buscava se diferenciar das tentativas anteriores de projetos de reforma portuária como o projeto empresarial do Teleporto do Rio ao considerar que

esta última descaracterizaria as formas edificadas "carregadas de tradição e passado". No Plano do Porto do Rio reivindicava-se o Projeto Sagas de preservação do Patrimônio e também as mobilizações populares que resultaram na concretização do projeto Sagas. No entanto, se bem o projeto aparecia entre os referentes considerados, não aprofundava no Projeto Sagas e este era apenas afirmado, nomeado dentro do plano Porto do Rio, aparentemente na tentativa de dar mais legitimidade aos olhos dos movimentos sociais que tiveram a força suficiente para forçar o poder público a elaborar um projeto que atendesse minimamente as necessidades destes e, portanto, podiam esses movimentos sociais tomarem atitude crítica ativa contra o plano do porto.

O Plano do Porto do Rio expressava um olhar e uma orientação distantes do habitar cotidiano nestes espaços. Distância que era reforçada pela utilização de imagens aéreas e panorâmicas da zona portuária, junto com mapas e imagens de satélite (GUIMARÃES, 2014 p 39).

Também e na mesma orientação do Projeto Sagas, mas focado exclusivamente no Morro da Conceição, a Prefeitura implementou o Programa de Recuperação Orientada (PRORIO). O programa foi realizado durante os anos 1998 e 2000 e pretendia ser uma orientação da gestão da paisagem e do espaço construído no intuito de valorizar estas áreas "degradadas".

Se bem primeiro o Projeto Sagas (que iniciou o processo de preservação dos morros da região portuária) e depois em muito maior medida o ProRio (que buscou criar um sítio histórico) reforçaram conceitos de permanência e preservação destas áreas em oposição às ideias de progresso, modernidade e futuro com que foram sendo carregadas as narrativas das áreas portuárias ligadas às atividades produtivas. Relação que se mantém também na relação entre as áreas mais reformadas e os morros no projeto do Porto Maravilha.

Por outro lado é importante ressaltar o apontado por Guimarães no livro "A utopia da Pequena África", onde a pesquisa de prospecção arqueológica construiu uma memória que valorizava só aspectos ligados à atuação dos planejadores urbanos. Assim, por

exemplo, o Jardim Suspenso do Valongo foi valorizado na medida em que representava parte das obras embelezadoras da gestão de Pereira Passos.

...naquele momento de concepção das ações do ProRio, a ausência dessa memória não foi uma falta de conhecimento dos planejadores sobre o passado escravista do Valongo, e sim a materialização de um processo seletivo de memórias, pois ao apresentar no livro suas proposições de ordenamento, construíram narrativamente um contraponto à ocupação considerada positiva dos espaços do morro por instituições religiosas, militares e governamentais: afirmaram que, apesar da instalação de "instituições prestigiadas", o morro teria sido obrigado a conviver com "equipamentos indesejados" como o mercado de escravos e as atividades de exploração de pedreiras, comerciais, portuárias e ligadas aos estaleiros, fundições, serralherias e ferrarias. E tais atividades teriam atraído uma população, e suas formas de habitar também foram percebidas como inadequadas: operários fabris e trabalhadores portuários que se abrigavam em "casas de cômodo" e "cortiços". (GUIMARÃES, 2014. p46)

Frente a esse cenário de valorização da cultura dos descendentes portugueses e espanhóis, definidos pelo poder público como os moradores "autênticos" do morro da Conceição, a autora identifica também um efeito colateral de disputa do espaço da memória dos habitantes tidos como indesejados pelo ProRio. A negação da presença dos negros moradores do morro da Conceição afetou a consciência dos habitantes e, da mesma forma que o movimento acabou gerando o Plano Sagas, a vontade de permanecer no local produziu toda uma movimentação político social dos moradores da região.

Assim, foi justamente entre os habitantes não contemplados na representação da "organização comunitária" proposta pelos planejadores urbanos da Prefeitura, para cujos espaços estavam sendo idealizadas as principais ações de "renovação urbana", que encontrei a noção de patrimônio sendo operada em pleitos territoriais e narrativas bem-articuladas sobre tradição e identidade. A Pequena África emergiu então como reação ao esquecimento dos espaços, patrimônios e memórias negras e do candomblé no projeto de "revitalização urbana" do Morro da Conceição e de toda a Zona Portuária.

Essa movimentação a partir da implementação do ProRio no local foi uma reação tanto a este programa como também a atuação de uma entidade católica chamada "Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência" proprietária de vários imóveis no Morro da Conceição. Quando a prefeitura anunciou a implementação do ProRio, a Venerável Ordem Terceira começou a retomar a posse destes imóveis sob a alegação de expansão de projetos filantrópicos da própria entidade. Resultado: foram

30 famílias na rua. A partir desta situação é que em 2005 essas 30 famílias disputaram sua permanência e o reconhecimento destes imóveis como "território étnico" e principalmente o seu "direito de memória" sob o nome de Comunidade de Remanescentes de Quilombo da Pedra do Sal.

Todas essas tentativas de modificar a região portuária acabaram esbarrando em diversos problemas, questões do âmbito técnico e também em muito maior medida questões da esfera política, onde desacordos entre as diferentes instâncias do poder público, municipal, estatal e federal, que traduziam-se em menores orçamentos e empecilhos fundiários da região portuária, fizeram com que esses projetos não fossem concretizados. Posteriormente o aprofundamento da aliança do PT com o PMDB consolidou um consenso político favorável entre as diferentes esferas e em 2009 tomaram a forma da Operação Urbana Consorciada do Porto Maravilha num ainda maior estreitamento da esfera pública e privada ao redor de um grande projeto urbano. A Operação Urbana Consorciada é um instrumento de política urbana, foi instituído no Estatuto da Cidade (Lei 10.257/2001)⁶⁶ e é definida como:

Conjunto de intervenções e medidas, coordenadas pelo poder público municipal, com a finalidade de preservação, recuperação ou transformação de áreas urbanas contando com a participação dos proprietários, moradores, usuários permanentes e investidores privados. (Estatuto da Cidade)

A Operação Urbana Consorciada Porto Maravilha foi criada com a Lei Complementar 101/2009 para reestruturar a região contida na Área de Especial Interesse Urbanístico (AEIU) da região portuária. Também foi criada a Companhia de Desenvolvimento Urbano da Região do Porto Maravilha. A companhia é uma empresa de economia mista levada à frente pela Prefeitura do Rio de Janeiro para gerir o projeto.

Como principal medida financeira da operação, foram criadas os CEPACS (Certificados de Potencial Adicional de Construção), títulos mobiliários emitidos pela Prefeitura do Rio para reunir recursos por meio do aumento dos limites máximos de construção para a

⁶⁶ <http://www.geomatica.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/03/Estatuto-da-Cidade.pdf>

região. Esse mecanismo aumentou em quase 4 milhões de metros quadrados a região do Porto.

A AEIU do Porto do Rio está conformada por 5 milhões de metros quadrados, mas destes só 1,2 milhão possui a possibilidade de ser aumentado no seu potencial construtivo. O restante, aproximadamente 3,8 milhões de metros quadrados, correspondem à área de proteção do Ambiente Cultural Sagas (dos morros Saude, Gamboa e Santo Cristo por ser uma área protegida não teve seu potencial de construção aumentado. O Morro da Conceição também não teve seu máximo de construção aumentado.

São 6,4 milhões de CEPACS hoje na mão do Fundo de Investimento Imobiliário Porto Maravilha. Jorge Arraes e Alberto Silva especificam que

o vencedor do leilão recebe o estoque de CEPACS e a opção de compra de terrenos que consumam 60% do estoque. Em contrapartida, tem quinze anos para operar com esses ativos e gerar uma valorização que permita, primeiro, pagar as despesas da operação e, segundo, recuperar e remunerar seu investimento.(ARRAES, SILVA, 2014 p81)

A concessão administrativa tem como principais serviços a conservação e manutenção do sistema viário, iluminação pública, calçadas, praças e áreas verdes, serviço de limpeza urbana, manutenção de pontos e monumentos turísticos históricos e geográficos (SHLUGER, 2014). Discussão a parte merece a questão da lógica desta concessão, onde a manutenção e gestão destes espaços públicos são entregues a iniciativa privada para serem administrados. Empresas públicas como, por exemplo, a Comlurb não tem ação nenhuma nesta região e a coleta de lixo e limpeza dos espaços público está na mão da Concessionária Porto Novo, que está integrada pelas empresas ODEBRECHT, OAS e também a Carioca Engenharia.

A concessionária não só realizará a limpeza da região, mas realizará as obras do novo sistema viário da região, manutenção da iluminação público, construção de calçadas para pedestres e de ciclovia, implementação dos leitos para o Veículo Leve sobre Trilhos (VLT) e a nova rede de infraestrutura de água, gás e esgoto.

Por outro lado, para além da área com alto interesse imobiliário, as áreas que conformam o SAGAS possuem imóveis tombados. São 76 os imóveis protegidos pelos órgãos da esfera federal estadual e municipal. A operação urbana consorciada prevê para esses imóveis a utilização de pelo menos 3% do arrecadado com a venda dos Cepacs sob o programa "Porto Maravilha Cultural"

Por meio dos programas "*Porto Maravilha Cultural*" e "*Porto Maravilha Cidadão*", o portal do projeto do porto concentra os investimentos para além do espaço construído e a especulação dos projetos imobiliários dando importância também ao patrimônio tanto construído (histórico) como imaterial dentro da reforma do porto. Os edifícios e o espaço construído, afirma o site do Porto Maravilha, "*têm sua importância na medida em que representam a memória de um lugar. A cidade é sobretudo o espaço onde o modo de vida de seu povo acontece. Onde as pessoas fazem a sua história*"⁶⁷.

Além da reforma urbana materializada em espaço urbano, o projeto estratégico do Porto Maravilha produz-se também no plano imaterial. Por isto os programas relativos à cultura visam também reforçar essa questão. Entre os objetivos dos programas culturais do porto maravilha estão primeiro do que nada a "*Exploração econômica do patrimônio material e imaterial, respeitados os princípios de integridade e sustentabilidade do patrimônio e inclusão e desenvolvimento social*". E claro, o principal objetivo por trás das retóricas sobre cultura do plano estratégico é o lucro.

Todos os objetivos colocados nos programas culturais do Porto Maravilha giram em torno da relação entre reforma urbana e cultura. Ou seja, do patrimônio material e imaterial. A partir disso, os outros objetivos colocados pelos programas dividem especificamente cada plano. Primeiro *a recuperação e restauração material do patrimônio artístico e arquitetônico*, ligando-se mais a questão da reforma urbana, a questão do espaço construído.

A valorização do patrimônio cultural imaterial, a preservação, valorização da memória e das manifestações culturais, produção de conhecimento sobre a

⁶⁷ Programas Porto Maravilha Cultural e Porto Maravilha Cidadão.

memória da região e inovação na sua exploração sustentável, formação e pesquisa, incluindo a produção de publicações sobre o patrimônio material e imaterial da região portuária⁶⁸.

Todos estes últimos objetivos têm como questão o âmbito imaterial do patrimônio da região. O plano imaterial onde operam esses objetivos dos programas culturais é o do discurso.

Na cabeça do projeto do Porto Maravilha, coroando a transformação da região portuária e a nova frente marítima está o reformado espaço da Praça Mauá. Após a derrubada do elevado da perimetral que ocupava praticamente todo o perímetro da borda costeira do centro da cidade, começando na Praça XV e indo até o Santo Cristo. A sua derrubada significou, de fato e para além das retóricas discursivas do poder público e das empresas ligadas ao mega empreendimento, uma nova qualidade espacial na região.

Mais especificamente a visibilidade da Baía de Guanabara, a valorização do solo da região e a criação de um vazio no local da tímida e apertada Praça Mauá, onde anteriormente funcionava um terminal rodoviário. O novo espaço da praça Mauá além dessas qualidades espaciais articula o tecido urbano da região. É um grande vazio urbano que articula a nova região reformada com o resto do centro.

São grandes as cargas simbólicas presentes neste espaço, pois ele representa o encontro do velho e do novo. A Rio Branco, antes conhecida como Avenida Central, é a intervenção mais representativa da reforma de começo do século XX e encontra-se na praça Mauá com a Avenida Rodrigues Alves, eixo do já extinto elevado da perimetral, e lugar da ambiciosa transformação urbana do Waterfront carioca nos moldes do urbanismo de espetáculo.

As duas grandes transformações do centro da cidade do Rio de Janeiro encontram-se na Praça Mauá. Não só fisicamente, mas também no campo das representações e significados. Sendo esse lugar o que melhor representa as construções ideológicas expressadas nos discursos e que melhor atende aos interesses políticos que motivou esse processo de transformação.

⁶⁸ Programa Porto Maravilha Cultural

As ideias construídas na voz oficial da prefeitura, declarações do prefeito, material propagandístico e informativo da prefeitura, spots publicitários, campanhas eleitorais e também as que giraram entorno do RIO 450 encontram no espaço da Praça Mauá um lugar para seus valores e significados. Como por exemplo a ideia do Rio como um lugar naturalmente sempre em transformação, ou da 'perda de identidade' da cidade e que a partir desta se reinventar, se transformar fisicamente iria se transformar e recuperar a autoestima do Rio.

Essas ideias construídas ao longo do processo de adoção do modelo de planejamento estratégico e de consolidação do PECRJ e sua futura materialização no grande movimento articulado das 3 esferas do poder público, da vitória para sedear os jogos olímpicos e também a Copa do Mundo de 2014, todos os grandes projetos e transformação e grandes estruturas ligadas aos megaeventos e também o Porto Maravilha, parecem encontrar na Praça Mauá a possibilidade de tomarem corpo na realidade física como veremos posteriormente.

3.5 MAR e Amanhã

Como parte do projeto do Porto Maravilha, a Praça Mauá articula 2 referentes da reforma da frente marítima carioca. Primeiro o Museu de Arte do Rio, mais conhecido como o MAR, e em segundo lugar (na verdade sendo o projeto de maior envergadura e essencial no plano de consolidação e sucesso do projeto de revitalização do porto), o Museu do Amanhã. Ambas construções se articulam no espaço aberto da Praça Mauá, conformando um polo cultural, quase como um sistema arquitetônico. Mais ainda, se considerarmos a praça em articulação com o distrito criativo e espaços culturais menores, mas não menos importantes no imaginário carioca como, por exemplo, a Pedra do Sal.

Um sistema arquitetônico não é o funcionamento interno de determinada construção ou edificação; mas como a articulação de um número determinado de elementos arquitetônicos se relacionam, estabelecendo vínculos no tecido urbano. Segundo o teórico catalão Josep María Montaner, um sistema é:

Um conjunto de elementos heterogéneos (materiales o no), de distintas escalas, que están relacionados entre si, con una organización interna que intenta estratégicamente adaptarse a la complejidad del contexto y que constituye un todo que no es explicable por la mera suma de sus partes. Cada parte del sistema está en función de otra; no existen elementos aislados. Dentro de los diversos sistemas que se pueden establecer, la arquitectura y el urbanismo son sistemas de tipo funcional, espacial, constructivo, formal y simbólico.(MONTANER, 2008, p11)

É importante considerar, para parte desta análise, a praça Mauá como um sistema para além de focalizar meramente os objetos arquitetônicos individuais do projeto do Porto Maravilha. Isto permitirá aprofundar de melhor maneira os sistemas simbólicos e os valores e significados que se articulam no local, a partir do projeto de cidade e a importância da identidade e da utilização desta nos processos de transformação urbana. E, ainda, o papel da cultura neste contexto onde atribuem-se novos significados, novos valores e apropriações ao patrimônio material e imaterial.

Para começar entender o sistema coformado pelo MAR e pelo Museu do Amanhã na Praça Mauá, é preciso entender qual o papel que cumprem os museus no modelo do

planejamento estratégico, em geral e em particular, no Porto Maravilha, que instituições e quais interesses econômicos e políticos estão por trás destes projetos.

Como já colocamos anteriormente, a relação entre a cultura e os projetos urbanos do planejamento estratégico é estreita, reforçando a necessidade da totalidade do projeto e de aparente benefício deste para o conjunto da população. Vimos também como opera no plano da luta de classes, como um tipo de controle social com a erradicação de práticas sociais e de subsistência dos setores mais frágeis da sociedade. Portanto tem uma dimensão importante do funcionamento da cultura -estes dois museus -que é a dimensão da linguagem relacionada com a produção de sentido e a relação entre identidade, cultura e o espaço construído do projeto de transformação urbana. No mesmo sentido, Paulo Herkenhoff, diretor do MAR, já expressava claramente a centralidade da cultura no projeto do porto maravilha e no modelo do planejamento estratégico quando afirmava que "*não existe cidade global sem projeto para a cultura, tomado como projeto coletivo*".(HERKENHOFF, 2012, p. 42)

Como já aprofundi também anteriormente a questão da identidade é recorrente nas declarações em torno do projeto de transformação urbana e tem se materializado em campanhas concretas como o RIO 450. Portanto, existe, também nos equipamentos culturais propostos para a região, em especial estes dois museus, uma preocupação no tratamento da identidade dos cariocas, a partir tanto da sua paisagem como da memória da própria cidade.

Esses projetos inicialmente surgem como ações para valorizar o patrimônio histórico da região e para promover o desenvolvimento socioeconômico da cidade. Essa preocupação pelo patrimônio, pela cultura e pela identidade começa a partir de 1986, com a criação do Departamento Geral de Patrimônio Cultural da Prefeitura do Rio de Janeiro e, mais especificamente, com a Subsecretaria de Patrimônio Cultural, Intervenção Urbana, Arquitetura e Design que, em julho de 2012, é fechada. Cria-se, então, o Instituto Rio Patrimônio da Humanidade (IRPH)⁶⁹, para assim gerir as atribuições da antiga Subsecretaria de Patrimônio Cultural, como também assumir a

⁶⁹ <http://www0.rio.rj.gov.br/patrimonio/principal.shtm>

nova função de administração do sítio que foi reconhecido pela Unesco como patrimônio da humanidade- também em 2012⁷⁰- pela sua paisagem cultural⁷¹ , a partir da candidatura Rio de Janeiro: Paisagens Cariocas entre a Montanha e o Mar.

Reforçando a relação entre cultura, identidade e a transformação urbana no marco das comemorações dos 450 anos da cidade do Rio, foi lançado o Pró Carioca (Programa de Valorização da Memória e da Cultura Popular Carioca) com o objetivo de "promover e incentivar as atividades e projetos alusivos à cultura, à memória e à identidade do povo carioca", envolvendo a população e a sociedade civil. E também incentivar o estudo sobre a história da cidade, seus símbolos, seus repertórios artístico e cultural e seus personagens "emblemáticos".

É interessante como o programa reforça as relações entre a memória/identidade e a infraestrutura cultural da região urbana reformada, pois o programa contempla a criação de novos circuitos culturais no intuito de "valorização do patrimônio material e imaterial da cidade"⁷² , articulando os museus já existentes e também os novos como o MAR e o Museu do Amanhã, por meio do Passaporte dos Museus Cariocas.

O uso de infraestrutura com um programa destinado à cultura nos projetos de requalificação sob o modelo do planejamento estratégico já foi utilizado anteriormente em outras áreas para reinventar, requalificar e valorizar a imagem das cidades, tanto no

⁷⁰ <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2012/07/rio-recebe-o-titulo-de-patrimonio-cultural-da-humanidade.html>

⁷¹ A partir de 1992, o conceito de paisagem cultural foi adotado pela Unesco e incorporado como uma nova tipologia de reconhecimento dos bens culturais. Anteriormente, os sítios reconhecidos nessa categoria eram relacionados a áreas rurais, sistemas agrícolas tradicionais, jardins históricos e outros locais de cunho simbólico. A cidade do Rio de Janeiro passou, em 1o. de julho de 2012, a ser a primeira área urbana no mundo a ter reconhecido o valor universal da sua paisagem urbana. A paisagem cultural da cidade do Rio de Janeiro é única no mundo e representa um exemplo excepcional dos desafios, das contradições e da criatividade do povo brasileiro. A harmonia entre a paisagem natural e a intervenção do homem, incluindo o uso e as práticas em seu espaço e suas manifestações culturais, tornou o Rio de Janeiro internacionalmente conhecido.

⁷² A Constituição Federal de 1988, nos artigos 215 e 216, estabeleceu que o patrimônio cultural brasileiro é composto de bens de natureza material e imaterial, incluídos aí os modos de criar, fazer e viver dos grupos formadores da sociedade brasileira. Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas e nos lugares, tais como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas. (IPHAN, 2014) <http://portal.iphan.gov.br/bcrE/pages/conPatrimonioE.jsf>

exterior, como o caso emblemático de Barcelona nas olimpíadas de 1992, onde foi implantado, na Praça dos Anjos, o Museu de Arte Contemporânea de Barcelona (MACBA). Outros exemplos, como o Convent Garden em Londres, South Seaport em Nova York, Puerto Madero na Argentina, como no próprio Brasil nas cidades de São Luiz do Maranhão, Vitória, São Paulo (PIO, 2013, p. 9), tendo como principais ações culturais a "*valorização das tradições locais e da cultura popular*", "*a preservação do patrimônio cultural e arquitetônico, o incentivo a eventos (conferências, festivais, mostras culturais)* e o estímulo ao turismo de cunho cultural (PIO, 2013, p. 9). Isto feito principalmente através da instalação de museus e centros culturais monumentais.

Assim entendemos o papel que cumpre o porto maravilha. Os mais de 25mil m² da Praça Mauá conformam, em articulação com os 2 museus, o MAR e o Museu do Amanhã, um grande espaço dedicado à cultura. Esta enquanto patrimônio imaterial, identitário e turístico.

É importante destacar aqui também que os equipamentos culturais tem sido utilizados em outras ocasiões por parte das empresas para lavar a imagem que a sociedade tem desta. Da mesma forma são aproveitadas pelas elites empresariais questões como a responsabilidade socioambiental, a sustentabilidade e as ações educacionais e de inclusão social, bem como as intervenções no território e no entorno do museu. Canclini aponta no mesmo sentido colocando a abordagem estatal e do setor privado referentes à cultura conforme os seus interesses particulares:

Mientras el patrimonio tradicional sigue siendo responsabilidad de los Estados, la promoción de la cultura moderna es cada vez más tarea de empresas y organismos privados. De esta diferencia derivan dos estilos de acción cultural. En tanto los gobiernos entienden su política en términos de protección y preservación del patrimonio histórico, las iniciativas innovadoras quedan en manos de la sociedad civil, especialmente de quienes disponen de poder económico para financiar arriesgando. Unos y otros buscan en el arte dos tipos de rédito simbólico: los Estados, legitimidad y consenso al aparecer como representantes de la historia nacional; las empresas, obtener lucro y construir a través de la cultura de punta, renovadora, una imagen "no interesada" de su expansión económica. (CANCLINI, 1990. p86)

No caso do Porto Maravilha, onde se articulou a iniciativa privada com o setor público na parceria público/ privada do Consórcio Porto Novo, apresentam-se simultaneamente ambos estilos de ação cultural, articulando a história da cidade com a necessidade de melhoramento da imagem empresarial e a validação de projetos que visam ao lucro.

Esses dois equipamentos culturais na Praça Mauá, o Museu do Amanhã e o MAR são iniciativas que foram impulsionadas a partir da prefeitura do Rio, numa estreita relação com a Fundação Roberto Marinho. E desde sua concepção e fundação se vincula também com uma série de empresas, como aprofundarei mais adiante. Antes de adentrar na questão destes 2 equipamentos, em particular, é preciso refletir um pouco sobre o conceito de museu e a história destes lugares para ter um panorama breve da história e evolução destes equipamentos culturais, sua relação com a arte, com a sociedade e também com a cidade.

Segundo a definição elaborada pelo International Council of Museums (ICOM), um museu é:

uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade.⁷³

O museu moderno, o museu como é conhecido em termos gerais atualmente, origina-se no século XVIII, junto com a ascensão e consolidação da classe burguesa como classe dominante. Assim, então, os museus estão mais ligados nesse tempo às coleções privadas e ao formato espacial dos palácios, como a primeira expressão arquitetônica dos museus - Museu do Louvre localizado em Paris, que ocupou parte do palácio onde funcionava o governo ou o Museu do Prado em Madri (O'DOHERTY, 2002).

A instituição do museu na sua expressão espacial e concepção arquitetônica sofreu mudanças no período compreendido na transição do século XIX e XX, passando de conceber o seu próprio espaço em função do passado clássico e o neoclassicismo a

⁷³ <https://pt.wikipedia.org/wiki/Museu>

acolher pintura e escultura da arte moderna. Isto aconteceu a partir da influência exercida pelas vanguardas artísticas⁷⁴, que questionavam os museus como espaços “do clássico”, que excluía, a arte moderna. Assim o museu também sofreu mudanças na sua concepção do que era arte:

(...)o passado, o período clássico, a continuidade de uma história dos museus está pautada por um processo de modernização: formal, estilístico e tecnológico. Seus principais contrapontos nesta evolução são as grandes exposições mundiais e a reprodutibilidade no universo da gráfica e das imagens técnicas, fenômenos de popularização e consumo cultural que despontam em meados do século XIX e que acabam migrando para o Novo Mundo na virada de século em busca de novos campos de aplicação e, claro, de ampliação mercadológica. Esta dinâmica fomenta mudanças perceptivas e epistemológicas incentivando o surgimento de um novo paradigma de museu: o Museu de Arte Moderna, em particular o MoMA em Nova York (1939), gerador de uma nova ideologia para o espaço da arte, comumente conhecida como “cubo branco” (O'DOHERTY, 2002)

O surgimento de novos tipos de museus, agora planejados pela nova geração de arquitetos que impulsionavam o movimento moderno e a arquitetura internacional, como foi Le Corbusier, Frank Lloyd, Wright ou Mies Van der Rohe propuseram espaços para acolher museus sob outras relações e disposições espaciais para o programa cultural. O arquiteto, teórico e urbanista catalão, Josep María Montaner, aponta as diferenças nas concepções de museus dentro do movimento moderno

Podemos considerar que las ideas modernas de museo se concretaron a finales de los años cuarenta, en cuatro modelos: la idea de museo de crecimiento ilimitado, definido en 1939 por Le Corbusier según una forma rectilínea que se enrosca: el museo para una pequeña población (1942), proyectado por Mies van der Rohe como platónico museo de planta libre; el Museo Guggenheim de Nueva York (1943-1959), creado por Frank Lloyd Wright como forma orgánica y singular generada por su recorrido helicoidal; y la exigencia de Marcel Duchamp de la total disolución del museo, con sus objects trouvés surrealistas y con su propuesta de minúsculo museo portátil, la Boite en valise (1936-1941), que abrió nuevas vías para las exposiciones y los museos. (MONTANER. 2003, p10)

⁷⁴ O principal referente desta crítica das vanguardas aos museus clássicos foi Marcel Duchamp que repensou a relação existente entre a arte o artista, o museu e também espectador ao propor os readymades, objetos extraídos do cotidiano e expostos de forma anticonvencional, questionando o próprio mundo da arte e dos museus colocando o espectador em cena, como parte do trabalho da arte e do artista.

O período posterior a essa geração de museus apresentou uma pausa na continuidade da evolução da arquitetura de museus pois a construção deste tipo de arquitetura ficou em segundo plano priorizando a necessidade de reconstrução das forças de produção nos países centrais.

No empezaron a formularse nuevas ideas hasta finales de los años cincuenta, especialmente en Italia y en los países nórdicos. La iniciativa estaba entonces en los museos norteamericanos. Y no fue hasta principios de los años ochenta que las prioridades en el campo de las viviendas, las escuelas y las infraestructuras dejaron paso en los países desarrollados a los edificios dedicados a la cultura; fue cuando empezó a hablarse de una nueva generación de museos. (MONTANER. 2003, p10)

Essa situação aberta na década de 1980 foi se desenvolvendo até a atualidade do museu já consolidado como instituição pública e produzindo a seguinte mudança mais significativa nos espaços dos museus:

En su interior, el museo se ha transformado en un lugar para la afluencia masiva de un público activo, para estímulos y la interacción, y también para el consumo en su sentido más amplio (cafeterias, restaurantes, tiendas, librerías, etc.). En su relación con el exterior, el museo se ha esforzado en su dimensión colectiva, y se ha convertido en uno de los lugares públicos más característicos de la ciudad contemporánea. Este proceso de transformación, en el que tuvieron relevancia las propuestas de las vanguardias y algunos de los museos de los años cincuenta, no se ha consolidado hasta las tres últimas décadas. (ibid. 2003, p148)

Montaner identifica uma clara aproximação dos museus às práticas e expressões espaciais do mundo do consumo ao mesmo tempo que também identifica que algumas lojas comerciais apropriam-se das lógicas expositivas dos museus:

Los museos intentan aproximarse a los lugares de consumo, y las tiendas(...). Al mismo tiempo, los interiores de las cadenas de tiendas de firmas como Nike o Prada se proyectan con la voluntad de aproximarse a la lógica de presentación de los museos: zapatos o ropa, es decir, objetos de consumo producidos en serie, se presentan de manera singular como si fueran objetos únicos e irrepetibles, ediciones limitadas, de un museo. (op.cit. 2003, p148)

Uma outra característica das recentes transformações do pensamento e das lógicas em torno da arquitetura dos museus é sua relação com o espaço público principalmente a partir da consolidação destes como um espaço e uma instituição públicas e que podemos ver perfeitamente cristalizados na relação espacial da nova praça Mauá com os dois novos museus do Rio.

(...) Los museos con más influencia social han generado grandes espacios urbanos: los itinerarios peatonales de la ampliación de la Staatsgalerie en Stuttgart de Jame Stirling, el parque escalonado del Museo Municipal en Monchengladbach de Hans Hollein, la plaza dels Angels junto al MACBA de Richard Meier en Barcelona, el paseo por el borde de la ría junto al Museo Guggenheim en Bilbao de Frank Gehry, el vestíbulo de la Tate Modern en Londres de Herzog y de Meuron. Karl Frederick Schinkel ya anunciaba esta relación en el atrio y en las escalinatas simétricas del Altes Museum en Berlín: desde la columnata se disponía de la mirada más privilegiada hacia la ciudad neoclásica. (...) Ambas transformaciones -el museo activo e integrado en el consumo y la relación del museo con la ciudad y la sociedad- han comportado una total mutación tipológica: de organización estática ha pasado a ser un lugar en continua transformación, con unos principios siempre relativos y revisables, una multiplicidad de modelos y formas que tantísimo tiene que ver con el carácter poliédrico y multicultural de las sociedades del siglo XXI. . (MONTANER. 2003, p150)

Nesta concepção sobre o espaço do museu e essa visão de qual o papel que este cumpre nas sociedades atuais é que se encaixa o projeto dos novos museus do Rio articulados no espaço da Praça Mauá, onde os limites entre o espaço público da praça e o do museu não ficam tão claros na prática do cotidiano.



Figura 22. MAR em construção

O **Museu de Arte do Rio** foi a primeira obra finalizada do Porto Maravilha. Foi inaugurado no dia 1 de março de 2013 na comemoração dos 448 anos da cidade, articulando-se simbolicamente com a história da cidade, da mesma forma que o túnel Rio 450 foi inaugurado no dia 1 de março do 2015. Assim se reforça o discurso que tenta validar o projeto de transformação urbana.

Os equipamentos culturais e todas as obras de infraestrutura são então presentes para a cidade e os que moram nela. Fortalece a tentativa de consenso da sociedade carioca, pois presentes não se recusam nem se criticam. Você simplesmente os recebe. A imprensa afirma nestes casos que a cidade "ganha" tal ou qual equipamento.



Figura 23. Túnel Rio 450

O projeto de arquitetura do museu foi concebido nas mesas de desenho do escritório carioca de Bernardes + Jacobsen (ARCHDAILY, 2013). No projeto destaca uma grande marquise ondulada na parte superior da edificação que unifica o Palacete Dom João VI de começo do século XX a um outro modernista (antigo terminal rodoviário e ex-prédio da Polícia). Esses 2 prédios de estilos diferentes conformam o conjunto do Museu de Arte do Rio.

Os autores do projeto tiveram a preocupação de respeitar a lógica das galerias, de uma circulação linear na forma em que se habita e se percorre o museu, articulando o fluxo de visitantes do museu, com o resto do programa contido na construção ao tempo que se apropriava de uma vista panorâmica e privilegiada do novo espaço transformado da Praça Mauá, trazendo para o museu o próprio espaço urbano na cobertura do prédio modernista que reúne todos os acessos, assim como abriga o bar e uma área para eventos culturais e de lazer.

Desta forma, parece ser que, forçando uma postura contemplativa do espaço urbano, o principal espaço público da transformação urbana do Porto Maravilha transforma-se em mais uma peça de arte do Museu de Arte do Rio. A primeira peça, na verdade, em ser apreciada pelos visitantes do museu, pois o acesso ao edifício é feito através de um elevador que leva primeiramente à cobertura-mirante. Só então o visitante começa a descer para acessar o resto das exposições.

O acesso desde a Praça Mauá é feito através do hall dos pilotis do prédio modernista. Este espaço tem sido desde 2013 o lugar onde diversas expressões da cultura popular carioca puderam se mostrar ao resto da sociedade. O espaço dos pilotis do MAR se confunde de certa forma com o espaço da Praça Mauá, especialmente quando esses eventos culturais da expressão popular carioca desmaterializam os seus limites entre público e privado.

Segundo o diretor, a intenção do espaço é a de desenvolver discussão sobre a vida simbólica da cidade:

O MAR surge no contexto de outra tradição carioca: os museus vinculados à educação. Foi essa a origem mais remota do Museu Nacional de Belas Artes, cuja semente foi plantada com a Missão Artística Francesa de 1816 no projeto da Academia de Belas Artes, e do MAM, com cursos que formaram gerações de artistas. O binômio pavilhão de exposições e ação educação nasce imbricado como perfil da própria instituição. (HERKENHOFF, 2012, p. 41)

Herkenhoff afirma que o MAR é pensado de forma ampla “*como um processo em que o valor simbólico da arte e a experiência da percepção crítica produza devaneio poético, conhecimento visual e emancipação subjetiva*” (2012, p. 42). O acervo próprio do

museu e o programa de exposições do MAR englobam dois campos: a arte e a cultura visual do Rio de Janeiro.

Um dos outros programas contidos nas instalações do museu é a Escola do Olhar que é uma iniciativa do MAR na área da educação.

é um espaço de formação continuada que se propõe estimular e disseminar a sensibilidade e o conhecimento. Compreendendo a educação como campo aberto a diferentes estímulos, a Escola do Olhar apresenta, em seu escopo, atividades que se relacionam com os eixos do ensino formal, direcionados a professores e educadores em todo arco da educação – da infantil à pós-graduação. Da mesma forma, busca se integrar a rotinas e desafios de um processo educativo que aconteça também para além dos muros da escola, tendo sempre como mote a arte e a cultura visual.⁷⁵

O MAR, portanto, entende o seu atuar como museu, não só como contenedor de arte e cultura, mas também e principalmente na sua função como espaço de educação, procurando uma forte integração com a comunidade que trabalha com o ensino, seja nas escolas públicas como nas universidades, estando aberta tanto para estudantes jovens como para professores e acadêmicos das universidades.

A escola do olhar atua em parceria com sistema escolar do município do Rio de Janeiro, realizando sistematicamente *"uma série de cursos e workshops, teóricos e práticos, palestras, seminários nacionais e internacionais, que constituem um corpo de ação que mobiliza diferentes pesquisas, interesses e públicos*. Estão previstos também nas funções e iniciativas da Escola, relações com as comunidades vizinhas, um fórum sobre curadoria e um programa de cooperação com as universidades públicas localizadas na cidade⁷⁶.

A concretização do projeto cultural do MAR é fruto da articulação entre a Prefeitura do Rio de Janeiro, com o Porto Maravilha e também com a Fundação Roberto Marinho (FRM). Também se articularam em torno do Museu de Arte do Rio empresas como o Grupo Globo, a Vale e a BG Brasil.

O MAR foi inaugurado em março de 2013 com quatro exposições:

⁷⁵ <http://www.museudeartedorio.org.br/pt-br/educacao>

⁷⁶ <http://www.museudeartedorio.org.br/pt-br/educacao>

Rio de imagens, uma paisagem em construção: Com aproximadamente 400 peças em diversas técnicas contendo obras de artistas emergentes e outros referentes da arte brasileira como Burle Marx. A exposição como seu nome explicita, traz uma reflexão entorno do imaginário da cidade e a sua constante transformação durante 4 séculos."⁷⁷

Vontade construtiva: da Coleção Fadel. A exposição mostra trabalhos artísticos brasileiros desenvolvidos entre as décadas de 50 e 80 do século XX, influenciados pelas vanguardas artísticas europeias com peças de artistas brasileiros do período como Tarsila do Amaral.



Figura 24. Tarsila de Amaral - Sol Poente

⁷⁷ <http://portomaravilha.com.br/noticiasdetalhe/4029>

O CO-LE-CI-O-NA-DOR: arte brasileira e internacional. Da Coleção de Jean Boghici, a amostra é bem diversa contendo peças de diversas tendências e movimentos artísticos indo desde o surrealismo ao modernismo e a pintura russa. Todas obras feitas no século 20.

O abrigo e o terreno: arte e sociedade no Brasil. A exposição reflete sobre as concepções de cidade e o conflito interno das transformações urbanas e os seus efeitos sociais e culturais no espaço tanto público como privado. A mostra problematiza o conceito de propriedade privada ligado ao solo e como estes se traduzem em política e subjetividade.

Paulo Herkenhoff, diretor cultural do museu, aprofunda a partir do MAR a ideia da necessidade e inevitabilidade da transformação urbana e a relação entre esta, os museus e a política, afirmando que o MAR é "o museu necessário" ou que "Comprar livros não dá resultado político" em entrevista ao jornal Folha de São Paulo em fevereiro de 2013, pouco antes da inauguração do Museu de Arte do Rio que aconteceu no 1º de Março daquele ano. Nessa entrevista também afirmou em nome da instituição que:

Não queremos um museu que seja uma vitrine, não é um museu dos grandes fetiches, dos recordes de aquisição, mas onde as coisas entram porque podem produzir algum sentido. É um museu de produção de pensamento.⁷⁸

Essa declaração do diretor do Museu aponta claramente as questões colocadas anteriormente sobre o caráter das transformações urbanas e a resignificação da cidade, do espaço urbano e da identidade carioca. Sendo este o Museu de Arte da cidade do Rio, tratando temáticas fortemente ligadas à história da cidade e figuras e artistas que passaram por ela, às suas formas e expressões culturais e identitárias, ele (o museu) toma um lugar importante na questão da cidade como objeto de reflexão.

⁷⁸ <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/02/1237631-leia-a-integra-da-entrevista-com-paulo-herkenhoff-diretor-do-museu-de-arte-do-rio.shtml>

Desde a sua inauguração em 2013 até hoje foram realizadas outras exposições tendo como uma questão central reflexões sobre a imagem simbólica do Rio de Janeiro e a identidade carioca.

"ImaginárioRIO" de 2013 foi uma exposição que se originou a partir da exposição (também do MAR) "*Rio de imagens; Josephine Baker e Le Corbusier no Rio. Um caso transatlântico*", sobre o encontro da cantora e atriz Josephine Baker com o arquiteto francês Le Corbusier no Rio de Janeiro. Também "*Yuri Firmeza. Turvações estratigráficas*" que utiliza de escombros, entulhos das edificações que foram demolidas na região do Museu na Praça Mauá. O artista reflete a questão do valor do passado comparando os entulhos ,produto das transformações atuais na região, com aqueles que têm valor por serem de um passado distante.

No final do ano de 2014 foi produzida no MAR a exposição "*Do Valongo à favela: imaginário e periferia*" que permaneceu em exposição até maio de 2015. A exposição, desenvolve-se em oito "núcleos significativos" que destacam lugares, aspectos sociais e culturais: Pequena África, Praça Mauá, Periferia é periferia são alguns destes núcleos.

Entre as exposições mais recentes encontram-se "Rio Setecentista, quando o Rio virou capital" com objetos da época, ilustrações, pinturas, e artefatos religiosos. A mais recente "*Linguagens do corpo carioca [a vertigem do Rio]*" expõe uma leitura da cidade e de suas relações com o espaço e a realidade a partir do corpo dos seus moradores. Algumas extremas como o surf de trem ou o slackline e o hipline. A vida no centro, no comercio, nas filas. O corpo nas praias cariocas.

Assim, o MAR, no marco do Porto Maravilha é um projeto que faz parte de um amplo plano institucional de articulação público-privada, ao mesmo tempo que o Museu de Arte do Rio apresenta-se como um projeto em construção, aberto ao debate urbano, às lutas sociais e aos conflitos. O MAR carrega em si a contradição de querer acolher essas reflexões sobre a realidade da nossa sociedade e sobre a cidade do Rio e suas transformações urbanas ao mesmo tempo de ser funcional aos interesses político econômicos que impulsionam a transformação urbana. Uma reflexão crítica, ao mesmo

tempo em que o Museu se origina como a primeira âncora da ponta de lança do grande espaço cultural da Praça Mauá junto com o Museu do Amanhã.

Para além de suas exposições artísticas nas salas dos andares no interior do espaço do MAR, o espaço do pilotis do mar, um grande espaço que se configura a partir da sua planta livre e aberta ao espaço urbano existente. Esse espaço que funciona como uma semi extensão do espaço público da praça articula as bilheterias, o acesso ao terraço/mirante que dá acesso as exposições e também à Escola do Olhar. Articula também um cafe, o *Cristóvão Café e Bistrô* e a lojinha de souvenirs e merchandising do Museu e de produtos de arte e artesanato ligados ao imaginário da cidade do Rio. O espaço dos pilotis também é o espaço de saída do Museu.

Mas os pilotis têm servido de suporte para uma série de eventos temporários na tendência que descrevemos anteriormente, em que os museus tentam articular-se com outras formas de arte e cultura, apresentar performances e dança. O espaço do pilotis cumpre a função de ligar ao museu expressões da arte e da cultura que não se encaixam nos moldes dos salões de exposição do museu e se relacionam mais com uma visão urbana da cultura popular e da arte. As iniciativas que tem lugar neste espaço intermédio conseguem imprimir dinamismo e vitalidade à imagem do museu, tornando-o um espaço vivo e expressivo em relação com a comunidade. Em palavras do Instituto Odeon, gestor do museu:

O MAR se propõe a ser um museu vivo, que interage com outras artes e com as múltiplas manifestações culturais da cidade. Essa é a diretriz que norteia a programação cultural proposta pelo museu. Uma agenda variada, com ações que reforçaram a integração entre a arte e a educação e ajudaram a estabelecer o MAR como referência no desenvolvimento de atividades artísticas, educacionais e culturais.⁷⁹

Os vários eventos que acontecem nos pilotis do MAR destacam por atrair principalmente um público jovem ligado a expressões culturais populares das periferias,

⁷⁹ <http://www.odeoncompanhiateatral.com.br/instituto/wp-content/uploads/2015/04/Relat%C3%B3rio-de-Gest%C3%A3o-MAR-2015.pdf>

como o hip hop e o funk, para além das iniciativas educacionais que se organizam entorno de atividades com escolas e crianças.

Dentre os principais eventos que tem lugar neste espaço semi-público podemos destacar:

A Batalha do Conhecimento: É um projeto cultural que começou ser desenvolvido pelo MC Marechal em 2007 em parceria com o Centro Interativo de Circo (CIC) na Fundação Progresso na Lapa, na época acontecia toda quinta-feira uma nova edição do evento. Em entrevista ao jornal independente *'Plástico Bolha'*⁸⁰, de distribuição gratuita, ele expressa o desejo de, a partir deste projeto, mudar a forma em como se expressam os MC's nas batalhas tradicionais, trocando os insultos e provocações (método mais comum nas batalhas de rimas), por uma competição mais construtiva no mundo do Rap.



Figura 25. Batalha do Conhecimento

⁸⁰ <http://www.jornalplasticobolha.com.br/pb18/entrevista.htm>

Os participantes da batalha devem improvisar suas rimas a partir de uma diversidade de palavras que o público propõe. Em 2014, o Museu de Arte do Rio, fez um convite para MC Marechal para começar realizar a Batalha do Conhecimento nos pilotis do MAR. É uma batalha de rimas improvisadas entre os diversos MC's. Segundo dados do próprio museu em 2015, as 4 edições desse ano contaram com a participação de 5.807 pessoas.(GESTAO MAR 2015).

MAR que calor!: Evento realizado durante o verão de 2015 consiste em um show de música e dança para comemorar o verão no Rio propondo uma relação entre os visitantes e a arte a partir de uma dinâmica coletiva dos visitantes no museu, propondo experiências através de poesias e jogos.⁸¹



Figura 26. MAR em ocupação dinâmica.

MAR de musica: O evento em parceria com o Circo Voador. É uma festa musical articuladas com a visitação às exposições.⁸²

⁸¹ <http://www.museudeartedorio.org.br/pt-br/evento/mar-que-calor>

⁸² <http://www.cariocadna.com/editorias/arte-eventos/mar-de-musica-programacao-2016/>



Figura 27. MAR de Música

Funk no MAR: O evento é resultado da parceria entre o MAR e o Eu Amo Baile Funk. O evento nasceu em 2014, promovendo várias atividades em torno da cultura do funk para debater e difundir essa expressão da cultura carioca. No Funk no MAR acontecem atividades como escola de djs, aula de passinho e palestras de figuras da cena do funk e workshops da Escola de Dança e Passinho.

O que mais nos interessa sobre esses eventos culturais é que a partir de uma iniciativa do MAR, que na sua concepção propõe eventos que aparentam ser públicos tanto no expressado nos convites como na forma como se configura o espaço do pilotis respeito da Praça Maua . Mas também expõe as limitações que o próprio museu impõe para si mesmo em relação ao caráter do espaço e de ditas atividades.

No dia a dia, esse espaço mantém-se funcionando com uma dinâmica dentro dos seus limites, mesmo que pessoas ingressem e percorram os pilotis, visitem a obra do Morrinho⁸³ acessar o café ou a loja de souvenirs ou mesmo para sentar e descansar

⁸³ MORRINHO

nos bancos dispostos frente às bilheteiras, mesmo o acesso sendo liberado aos pilotis, este não alcança um caráter público como sim tende a ser no caso destes eventos culturais mais massivos.

A quantidade de pessoas que esses eventos atraem para o museu sobrepõem muitas vezes a capacidade do espaço dos pilotis de 800 pessoas, que na verdade é um espaço limitado fisicamente pelo seu perímetro de vidro translúcido. Limitado só fisicamente, pois é possível de assistir os eventos desde fora, as pessoas aglomeram-se também no espaço exterior, criando 2 dinâmicas, uma interna em total relação com o evento e com o palco, e outra produto da limitação da capacidade do espaço dos pilotis.

Ao mesmo tempo, essa visibilidade torna o museu e suas atividades culturais, atividades convidativas, atraindo a população à cultura e a conhecer as exposições e os espaços do museu.



Figura 28. Mar de Música nos pilotis.

Tensão entre a tendência a funcionar sob as lógicas de espaço público e o controle que pretende impor o museu às atividades que a administração organiza nos pilotis. A administração do museu sob a gestão do Instituto Odeon, para além dos interesses ligados aos objetivos no campo da arte ligados ao museu e que se expressam nas curadorias e mostras selecionadas para serem expostas no MAR está condicionada ou determinada pelos interesses que lhe deram origem no primeiro lugar.

Como já vimos, a evolução dos museus tem ligado o funcionamento deste também à iniciativa privada, enquanto espaços que podem melhorar a imagem das empresas na sociedade. Podemos afirmar que um museu "para produção de pensamento", como afirmou o diretor e curador Herkenhoff, tem entre suas funções influir positivamente na imagem que a sociedade tem das empresas que realizam parcerias e que patrocinam as diversas exposições que passam pelo museu.

Frente à necessidade colocada por esse objetivo, todas as atividades realizadas nos limites do MAR precisam ser plausíveis de vincular fortemente ao museu. As atividades nos pilotis também devem ser proporcionadas como iniciativas do museu e as suas empresas parceiras. Com exceção da Batalha do Conhecimento, todas ou a maioria dos eventos nos pilotis tem o nome "MAR" como parte do nome do evento. MAR de Música, Funk no MAR, MAR que calor!, dão importante destaque à ideia de que o evento está acontecendo no museu. A necessidade de controle espacial imposto às atividades também se encaixa nesse objetivo.

Agora **O Museu do Amanhã**, segundo seu documento de apresentação: "Examina o passado, apresenta tendências do presente e explora futuros possíveis".



Figura 29. Museu do Amanhã em construção.

O projeto arquitetônico do Museu do Amanhã foi encarregado ao arquiteto valenciano Santiago Calatrava, campeão da arquitetura cenográfica e do espetáculo e conhecido por suas obras cativantes e formas desafiantes, mas também pela quantidade de processos judiciais e sérios problemas de estrutura e manutenção das obras. Como no Palácio do Congresso e Exposições em Oviedo ou a passarela de Bilbao e a Ponte della Costituzione de Veneza que também apresenta falhas estruturais e que como a maioria das obras de Calatrava consomem grandes recursos para sua manutenção. E o caso do Museu do Amanhã pode vir a repetir a mesma história⁸⁴.

A forma do museu é inspirado nas bromélias do Jardim Botânico. A edificação tem mais de 15 mil metros quadrados, o entorno que conforma o espaço público no Pier Mauá é composto por amplos corredores, espelhos d'água, jardins e ciclovia. A estrutura do museu projeta-se no espaço público da Praça e do Pier, para além do seu espaço interno, com 2 grandes balanços, um de 70 metros de comprimento sobre o largo da Praça Mauá, e 65 metros sobre o espelho d'água voltado para a baía.

O Museu do Amanha é um museu experiencial de ciência que constrói a sua exposição e seu conteúdo a partir das "*possibilidades de construção do futuro*". Também conta com auditório com 400 lugares, loja, cafeteria e restaurante. O Museu do Amanhã terá também uma área para receber exposições temporárias. A primeira exposição desde sua inauguração foi a instalação audiovisual "Perimetral" Vik Muniz, Andrucha Waddington e o escritório de design SuperUber, sobre o processo de demolição.

Também contém dentro do seu programa o Laboratório de Atividades do Amanhã (LAA) e o Observatório do Amanhã. O primeiro promove atividades a partir da suposta articulação entre tecnologia, ciência e arte. O Observatório tem a função de processar informação para assim atualizar as exposições do museu a partir do "*Sistema Cérebro*".

⁸⁴ <http://www.esquerdadiario.com.br/Museu-do-Amanha-no-Rio-e-inaugurado-enquanto-12-museus-da-cidade-permanecem-fechados>

O Museu do Amanhã é reflexo de uma tendência global de museus em que a interação entre visitante e a exposição torna-se bastante mais ativa, ao ponto de em muitos pontos a exposição só ter sentido se o visitante interagir com a peça. Esse é o caso, por exemplo, do *jogo das Civilizações*⁸⁵ e do *jogo Humano do Amanhã*⁸⁶. O visitante relaciona-se com o conteúdo do museu "de forma sensorial, interativa e conduzido por uma narrativa".

A atividade do museu é estruturada a partir de 5 perguntas: De onde viemos?, Quem somos?, Onde estamos? Para onde vamos? Como queremos ir? - que definem os 5 espaços de exposição: *Cosmos, Terra, Antropoceno, Amanhãs e Nós*.

O *Cosmos* é uma grande esfera preta que contém uma tela em forma de domo de 360°, que passa um vídeo que mostra desde o início do universo até nossos dias. Uma tentativa de ligar o ser humano a toda a existência. Saindo da esfera do *Cosmos*, entra-se em *Terra*, onde é apresentada a biodiversidade e o desenvolvimento da cultura da humanidade.

O *Antropoceno*, a "Era do Homem" mostra o impacto da ação humana em nível planetário por causa da atividade do homem em várias telas 'Totens' com 10 metros de altura. A seguinte fase, *Amanhãs* composta de 3 ambientes projetam as tendências expostas anteriormente e coloca possíveis futuros da civilização humana. Assim afirma o curador

“É um espaço de conhecimento que oferece uma reflexão ética e uma visão dos futuros possíveis, em uma perspectiva de convivência com o planeta e entre nós mesmos”⁸⁷

⁸⁵ desenvolvido pela SuperUber e baseado em algoritmo da NASA, é colaborativo: em uma civilização virtual, um grupo de quatro jogadores deve controlar os recursos disponíveis (sejam materiais, de população, financeiros, naturais) para manter a civilização sustentável. A partir das decisões de cada um, o mundo pode ou não caminhar para a extinção.

⁸⁶ A partir da teoria humoral (que divide as pessoas em colérico, fleumático, sanguíneo e melancólico), criada na Grécia e base do início da medicina, o visitante responde a perguntas e é classificado de acordo com sua disponibilidade frente aos desafios do amanhã.

⁸⁷ http://museudoamanha.org.br/sites/default/files/Mda_BookConteudo_jan2016.pdf

No final do percurso, o último estágio, 'Nós', gira entorno de uma singular escultura central, denominado '*churinga*' vinda da cultura indígena australiana no centro de uma estrutura de madeira. A experiência no Museu se encerra com uma vista panorâmica da Baía de Guanabara que representa a volta ao presente, com o visitante 'renovado' pela passagem no museu.

A concepção de Museu do Amanhã liga-se fortemente ao projeto de cidade, tentando se vincular o final do processo de transformação urbana atual, sendo sua principal âncora enquanto museu que atrai o fluxo turístico, um dos objetivos da transformação urbana do porto maravilha especialmente em torno do espaço cultural da praça Mauá. O museu liga a sua existência à ideia de refletir os próximos 50 anos do futuro da cidade até o aniversário do 5º Centenário da fundação da cidade do Rio de Janeiro.

Segundo os impulsores do museu, a ideia de futuro em torno da qual o trabalho do Museu do Amanhã é feito, é uma construção:

o amanhã não é uma data no calendário, não é um destino final; ele é uma construção que começa hoje, agora. A partir das escolhas feitas no presente, desdobra-se uma gama de amanhãs. O museu examina o passado, apresenta tendências do presente e explora cenários possíveis para os próximos 50 anos a partir das perspectivas da sustentabilidade e da convivência.⁸⁸

A persistência em utilizar uma retórica totalizante que identificamos ao redor do projeto de transformação urbana também está presente na do próprio museu:

o Museu do Amanhã olha para o futuro transformando o presente e valorizando o passado. Em um mundo cada vez mais urbano, um dos grandes desafios da humanidade passa pela maneira como ocupamos as cidades.⁸⁹

O projeto do museu nasce a partir da iniciativa da Prefeitura do Rio com a Fundação Roberto Marinho. Entre as empresas vinculadas ao projeto está o Banco Santander e a BG Brasil. Conta também com a colaboração do Governo do Estado, da Secretaria do Ambiente e da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) do Governo Federal. Outras empresas envolvidas no processo criativo da exposição são as produtoras O2 e Conspiração.

⁸⁸ http://museudoamanha.org.br/sites/default/files/Mda_BookConteudo_jan2016.pdf

⁸⁹ http://museudoamanha.org.br/sites/default/files/Mda_BookConteudo_jan2016.pdf

A gestão está em mãos da OS Instituto de Desenvolvimento e Gestão (IDG) e a concepção museográfica é do designer Ralph Appelbaum e Andres Clerici. O museu tem parceria com instituições científicas no Brasil, como o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), e outras internacionais como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), e o Massachusetts Institute of Technology (MIT).

Chama a atenção que o Museu do Amanhã não possui acervo. Pelo menos material. A única peça exposta que poderíamos considerar nesta categoria é o '*Churinga*' anteriormente mencionado. Isto pode ser entendido a partir do caráter do 'objeto' central de reflexão do museu: o futuro. Assim o expressa o curador do museu Luiz Alberto Oliveira:

O acervo do Museu do Amanhã é imaterial, são possibilidades. Ao contrário de outras instituições, que precisam preservar seu acervo, o do museu deve ser o tempo todo renovado. (...) O museu oferece as perguntas, não as respostas. São elas que norteiam a série de experiências, de maneira a construir uma narrativa de exploração e interrogação.⁹⁰

O Museu do Amanhã estabelece uma relação diferente com o espaço público da estabelecida pelo MAR. Pelo que tem mostrado desde sua recente inauguração, o Museu do Amanhã não tem mostrado sinais de nenhuma tentativa de utilização ou apropriação efetiva do espaço localizado embaixo da cobertura em balanço que se estende por 70 metros sobre a Praça Mauá.

Contraditoriamente, o Museu do Amanhã configura, a partir da tensão entre essa cobertura em balanço que marca o acesso ao equipamento e o chão da praça, um espaço qualitativamente mais convidativo do que o Museu de Arte do Rio. Dito espaço no Museu do Amanhã ele, sim, é tecnicamente um espaço público. A diferença do configurado pelos pilotis do MAR que tem um caráter semipúblico pela sua tensão entre interior e exterior a partir do estímulo dos eventos culturais que nele acontecem.

⁹⁰ http://museudoamanha.org.br/sites/default/files/Mda_BookConteudo_jan2016.pdf

No outro extremo, o espaço embaixo do telhado em balanço do Museu do Amanhã não promove como iniciativa própria a organização de eventos que qualifiquem dito espaço, a presença e a percepção que a população tem do museu.

Ainda que o museu do amanhã implemente como política de relação com a população do bairro a entrada franca ao museu (prévio cadastro na instituição), é possível construir uma imagem mais potente de museu que procura se abrir à comunidade da cidade, se essa necessidade se expressa concreta e materialmente, visivelmente aos olhos dos moradores, como é o caso dos eventos promovidos pelo MAR.

Por outro lado, o lugar produzido a partir da 'pressão' exercida pela cobertura do Museu do Amanhã, a grande explanada da Praça Mauá e o espelho de água na altura da ponta da cobertura já é suficiente para provocar a utilização e até apropriação deste espaço. Para além da Praça Mauá no seu conjunto que é utilizado por infinidade de pessoas com os mais diversos usos, a praça semi-coberta que marca o acesso do Museu do Amanhã tem sido marcado como local de concentração de blocos de Carnaval e Atos Políticos. Os atos políticos marcados têm sido principalmente ligados à luta pela educação e por ser este o principal símbolo representante do "sucesso" da mega transformação urbana da cidade, também contra o projeto de cidade, tentativas de escracho à figura do Eduardo Paes.

Também após o golpe, via processo inconstitucional de impeachment, teve protestos ligando o projeto de reforma da cidade à luta contra o golpe com o ato VLT (Vai ter Luta, Temer!). Parece ser que para além do espaço em si, as suas apropriações culturais, a forte carga significativa injetada no projeto de transformação urbana e sua principal âncora, o espaço atrai também pela necessidade de disputa de significados ao

redor da cidade, sua identidade e a ideia de futuro.



Figura 30. Protesto na inauguração do MAR. 2013

Tradicionalmente os lugares de protesto político no Rio, quando localizadas no centro da cidade são principalmente a Igreja da Candelária e a Cinelândia. Se bem a escolha da Praça Mauá na frente do Museu do Amanhã não é uma escolha a partir só do Museu e teve a ver no começo com a presença de figuras políticas de direita, já pode se apreciar uma tendência de acontecerem com mais frequência atos neste local como encontros de Eduardo Paes com empresários. No marco da luta contra o governo golpista de Michel Temer tem aumentado os protestos que finalizam no espaço da Praça Mauá, renomeado de Boulevard Olímpico.

Esse espaço do Museu do Amanhã também apresenta limitações na medida em que também as expressões culturais como os blocos de carnaval sejam acompanhadas de perto pela força policial. Teve por exemplo o caso de violência policial durante o carnaval de 2016, quando policiais reprimiram com gás de pimenta e cassetete o bloco de carnaval Tecnobloco⁹¹. Em resposta à violenta agressão policial, foi organizado o

⁹¹ <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/carnaval/2016/noticia/2016/02/folhoes-denunciam-truculencia-da-guarda-municipal-em-bloco-no-rio.html>

'Bloco dos Machucados', protesto político cultural repudiando o acionar dos agentes da guarda municipal.



Figura 31. Bloco dos Machucados. 2016



Figura 32. Bloco dos Machucados. 2016

Como aprofundamos neste capítulo, o espaço reconfigurado da praça Mauá apresenta vários aspectos de desintegração do caráter público deste espaço, tanto nas suas configurações dos espaços produzidos pela arquitetura dos museus como também pela ação das instituições do estado como a Polícia Militar, Guarda Municipal a reprimir

certas expressões, como também na ausência do estado e suas empresas públicas como a Comlurb, que não é mais a responsável pela limpeza na nova região portuária.

Isto permite pensar como essas tendências da administração das cidades na atualidade desnudam e expõem o verdadeiro caráter do estado burguês, quando se trata de liberdades democráticas e a sua ampla expressão no espaço público que é, no final das contas, o lugar onde as liberdades dos seres humanos expressam-se na sua real dimensão, ou seja, na própria sociedade.

Um espaço público requalificado, que foi apresentado para a população carioca e para o mundo como um espaço para todos, um presente que a cidade ganharia, mostra limitações no que se refere à utilização do local por parte dos moradores da cidade, ou para aqueles que pretendem utilizar esse espaço com finalidades diferentes das que inspiraram a sua concepção, como expressamos anteriormente nos exemplos de repressão policial.

O caráter semi-público deste novo espaço expressa-se na nova dinâmica que acontece aqui. Com um circuito gastronômico de Food Trucks substituindo os típicos carrinhos de comida de rua e a ausência total de camelôs e ambulantes no boulevard olímpico. Se bem a perseguição contra o comércio ambulante tem um caráter histórico na cidade do Rio, esta acontece de forma diferente no resto da cidade. O Boulevard Olímpico nasce já com a total exclusão dessa atividade de comércio informal.

Mas não é só isso que aponta para a definição de semi-público. Um espaço requalificado, concebido como uma parte essencial da cidade empresa e cidade mercadoria concebida pelo planejamento estratégico será visto pelos seus impulsores como um investimento e como tal velarão pela 'segurança' da empreitada. Um espaço voltado para a cultura em função de potencializar a atividade turística na região. Formalmente é um espaço público, mas do ponto de vista dos investidores é mais uma parte da mercadoria que é a cidade. Portanto, o essencial é o controle do espaço.

Neste sentido encontramos semelhanças com a perspectiva que os organizadores da Copa e das Olimpíadas exigiram dos governos brasileiros na hora de garantias para o

seu investimento. Como falamos anteriormente existe uma relação direta entre a implantação das UPP e a realização dos megaeventos. A segurança como questão fundamental exigida pelo COI e pela FIFA com milhões de reais gastos em aparato policial e a sua concreção no espaço construído da cidade do Rio.

O cordão de segurança em torno do Maracanã afetando principalmente o espaço das favelas cariocas. Aqui o central é o controle social das áreas sob influência do narcotráfico, mas também acaba sendo aplicado o controle no conjunto da população residente destas regiões. Esse controle social das UPPs não é um efeito colateral da guerra contra as drogas, mas uma necessidade do estado ao não oferecer uma solução à qualidade de vida da população residente nas favelas.



Figura 33. Intervenção Policial das UPPs no Rio de Janeiro.

A situação apresentada nos megaeventos, principalmente nas olimpíadas, ao mesmo tempo levantou nos discursos ao mundo inteiro que o evento era uma grande festa para todo mundo. Os residentes das favelas ocupadas pelas UPPs viveram primeiro que ninguém o contraste entre o oferecido pelos megaeventos e os custos sociais na engenharia da sua realização e implantação nas cidades, ainda que a percepção dos

moradores das favelas como "marginais" seja histórica e estrutural das relações sociais entre as classes no Rio de Janeiro. Assim Palermo identifica, primeiro, que

"a continuidade das representações das favelas como lugares disfuncionais e o estigma de seus moradores orienta a proposição de um programa que visa vigiar, controlar e gerir essa população, pois ela engendra uma noção de perigo para os megaeventos (...) (PALERMO, 2013, p.326)

e segundo, que

não só controle e gestão são importantes nesta relação, mas, a partir da vigilância e do controle, gerar a produção de indivíduos em conformidade com o bom adestramento e, para tanto, o olhar de perto de um modelo de policiamento não eliminaria somente o perigo de bandidos, mas forjaria também, por meio da verificação diária das condutas das pessoas, cidadãos de acordo com os objetivos governamentais. (PALERMO, 2013, p.326)

É nesse ponto que o policiamento das UPPs nos megaeventos relaciona-se com a concepção de cidade do planejamento estratégico no Porto Maravilha e principalmente na praça Mauá: a necessidade de controle do espaço a partir da necessidade de garantir o sucesso do investimento.

Um espaço, um lugar semi-público, pois a sua possibilidade de funcionamento como espaço público de livre expressão da população, parece estar limitado e condicionado pelo não comprometimento dos interesses dos impulsores do projeto do Porto Maravilha. Não desconsideramos que isto acontece também na realidade do conjunto da cidade, pois é esta uma característica própria da sociedade capitalista que funciona para favorecer os interesses da classe dominante, mas reconhecemos no processo de revitalização da região portuária do Rio de Janeiro uma maior necessidade de controle por parte do estado na dinâmica das relações sociais dentro destes espaços.

Considerações Finais

As transformações urbanas carregam para além da reconfiguração e atualização do espaço construído das cidades, transformações nas sociedades que as produzem, como vimos a partir do estudo da reforma de começo do século XX no Rio de Janeiro, e na cidade pós olimpíadas, a partir de fortes motivações e interesses de setores das classes dominantes.

A análise das experiências de 1903-1906, como também a experiência atual de reforma do espaço construído no Porto Maravilha demonstraram que, com diferentes níveis, a identidade e as formas de vida e de habitar a cidade são também parte dos objetivos transformados junto com o espaço construído. Diferentes níveis, pois a sociedade brasileira, tanto como as dinâmicas internacionais do capitalismo, encontram-se em estágios diferentes nestes dois momentos. Também o caráter e a orientação que esses processos tiveram e tem em como encarar o processo de intervenção e transformação do espaço urbano resultam em expressões sociais, arquitetônicas e urbanísticas diferentes.



Figura 34. Vista Geral do Boulevard Olímpico em dia de alta visitação.

Ambos processos tem em comum o interesse e a necessidade do capital em transformar o espaço urbano. Mas a reforma Passos significava um novo salto na reprodução das forças produtivas no intuito de colocar a economia carioca e brasileira na altura do mercado internacional. No entanto a transformação do Porto Maravilha está encabeçada pela iniciativa da especulação imobiliária. Portanto, é um processo com um caráter mais super estrutural do que o de começo do século XX ligado diretamente às dinâmicas da economia 'tradicional'.

Por causa desse caráter super estrutural, afastado da realidade de amplos setores da sociedade, a validação destes projetos precisava de uma maquinária propagandística maior que levantasse uma construção retórica capaz de se articular de maneira totalizante com a cidade, seu passado e seu presente em nome do futuro. Todos esses elementos fortalecendo o pertencimento à cidade do Rio de Janeiro e, portanto, à identidade carioca.

O estilo de vida, a 'carioquice' articuladas na maquinária que transformava a cidade em nome de um renascer da cidade que como uma ideia abstrata podia e foi entendido de diversas formas pelos moradores da cidade, mas que cumpriam a função de maquiar uma transformação, um renascer do Rio de Janeiro que na realidade significou milhares de removidos e que o sucesso do empreendimento, para além do discursado pelo poder público e pelos empresários não é ainda nada certo, como podemos ver nas grandes novas edificações que permanecem vazias; questão que não resulta estranha, pelo contrário, pois nasce de um projeto fundado nas bases da especulação imobiliária que ao enfrentar uma crise econômica em processo de aprofundamento como a que estamos vivenciando atualmente, só podemos esperar expressões concretas como essa.

O processo de transformação urbana do Porto Maravilha analisado objetivamente e em relação ao conjunto da população carioca não significou nenhum avanço na qualidade de vida na cidade. Ainda mais no marco da crise econômica aberta em 2008 a partir da queda do banco Lehman Brothers na qual, segundo Harvey, teve um importante papel o fim da bolha imobiliária norteamericana.

Dita crise já toma formas mais críticas e expressivas no Brasil e, em especial, no Rio de Janeiro, onde o governo do Estado declara calamidade com hospitais escolas e universidades na beira do colapso, enfrentando a possibilidade real de fechar as portas. Neste contexto, insere-se a conclusão do ciclo de transformação urbana do Porto Maravilha.

A necessidade deste projeto de cristalizar de alguma forma a transformação urbana no imaginário da identidade carioca expressou-se de várias formas na medida em que foi progredindo e avançando nos estágios deste projeto até virar uma campanha concreta que foi a do RIO 450 que expressou todos os elementos presentes no discurso da prefeitura e das empresas e iniciativas ligadas ao projeto do Porto Maravilha numa campanha que tornou visível e, de certa forma, concreto esse discurso a partir de uma reconfiguração dos elementos identitários do Rio de Janeiro. Viva a Carioquice!

Essa tendência que acompanhou e guiou o processo de revitalização da região portuária, expressou-se também no caráter de ambos museus construídos no principal espaço do projeto e o mais altamente carregado enquanto significados.

Eles expressam parte dos elementos existentes na construção discursiva já presente na concepção da transformação urbana. Um dos museus, pensando a cidade do Rio, sua arte, seu imaginário, suas origens, um museu para a '*produção de pensamento*'. Questão que se expressou até na lógica em que foi concebida a experiência do Museu de Arte do Rio, acessado primeiramente através de uma vista panorâmica que coloca fortemente em evidência a transformação urbana e o novo espaço requalificado da Praça Mauá.

O outro museu, para '*pensar os possíveis futuros*', também representando a conclusão de um processo de transformação e se colocando a missão de pensar e de iniciar outro processo, de "*unir uma cidade que renasce, pensar sua origem, sua história, o papel de cada um, e de todos nós, hoje e no horizonte das próximas cinco décadas*".

Tudo devia e foi ligado de alguma forma às 'origens' da cidade, tornando o presente como parte viva da história do Rio. Por exemplo, a inauguração do próprio Museu de

Arte do Rio deu-se no dia 1º de março de 2013, coincidindo com o aniversário número 448 e se apresentando como um 'presente' que a cidade ganhava ou a ponte RIO450 inaugurada no 1º de Março de 2015.

Mas mesmo com essa enorme maquinária propagandística relocizando significados ao redor da cidade e da identidade do carioca, da carioquice, as condições concretas da realidade, os efeitos sentidos na pele pela população expressam-se numa rejeição do imaginário/identitário proposto a partir da prefeitura, o que acaba configurando uma dinâmica em que são disputados os valores que produzem o significado e definem o imaginário e o que representa a 'carioquice'.

Para além do conflito entre a propaganda da prefeitura e a realidade concreta que vive a cidade, o projeto de transformação urbana carrega consigo elementos contraditórios muito mais expressivos quando é feita a análise dos museus da Praça Mauá, especialmente o Museu de Arte do Rio que, ao momento de pensar o Rio de Janeiro, não exclui neste processo as expressões culturais populares, nem a história da cidade, carregando consigo os conflitos da luta de classes numa cidade que nasce e cresce ligada ao trabalho escravo.

Diferente do tratamento dado pela prefeitura por exemplo, no site da campanha dos 450 anos do Rio, onde o reconhecimento da história escravista do Rio de Janeiro passa pelo esvaziamento de todo conflito na história dos negros na cidade do Rio.

Não foi intenção dessa pesquisa embelezar nem esgotar a real dimensão do conflito ao redor do conceito de identidade ou Carioquice. Os espaços onde essa disputa acontece e é feita de maneira consciente e organizada são pouquíssimos, tanto assim que o projeto de transformação da cidade está hoje na sua fase final, ainda que exista hoje um crescente questionamento ao redor da qualidade real destes mega empreendimentos sempre ligados a obras superfaturadas e esquemas de corrupção; questão que não impede aos impulsores de reivindicar o processo como uma vitória e como o 'renascer da cidade'.

Por outro lado, vale a pena apontar que também a questão da cidade, como objeto de transformação e discussão política e social é apropriado por setores de esquerda como temos visto durante final de 2015 e o que vai de 2016 com a Campanha Eleitoral disfarçada de debate, "Se a cidade fosse nossa", que é uma resposta a esse projeto de cidade impulsionado pela Prefeitura e os especuladores imobiliários no campo eleitoral.

Se bem não está se promovendo direta e explicitamente a figura de nenhum candidato para as eleições municipais de Outubro de 2016, está se construindo a partir destes debates, força política para enfrentar o processo de campanha eleitoral oficial, ao redor de ideias que questionam e combatem as políticas de privatização do espaço público nas transformações urbanas, mas no conjunto da vida na cidade.

A principal destas é a reivindicação do direito à cidade, questão que abrange de certa forma todas as questões mais críticas da vida nas cidades modernas, mas que acaba se adaptando aos limites de uma resposta à dinâmica da cidade impostos pelas possibilidades da ação a partir do controle da gestão municipal que, no marco de se encontrar inserido nos limites impostos pelo capitalismo enquanto sistema, encontraria dificuldade de dar respostas profundas a questões como a moradia ou transporte público.

Também a questão do avanço da privatização do espaço público é uma questão que precisa continuar sendo aprofundada no estudo da cultura e das dinâmicas da cidade no Rio de Janeiro ao ser esta uma cidade que se caracteriza por uma intensa vida e apropriação e utilização do espaço público tanto nos polos de lazer como parques, praias e as de vida noturna como Lapa, ou o ocupado pelo comércio informal de modo generalizado na cidade, assim como as diversas formas de apropriação e expressão popular nos bairros residenciais, subúrbios e favelas.

Privatização do espaço público que não se dá a partir da imposição de limites físicos no Porto Maravilha, mas que começa pela sessão do estado da administração de toda a gestão dos equipamentos urbanos e serviços. Luz elétrica, resíduos domésticos e limpeza urbana, mas que passa também pelas limitações da liberdade de expressão

que é vigiada e até reprimida, conforme o caso. Privatização que passa também pela erradicação do comércio informal e ambulante na região. Essa decisão está marcada pelo dia em que foram removidos os camelôs da Travessa do Liceu, quase chegando no Museu de Arte do Rio. Sendo que eles estavam com a situação regularizada na prefeitura e trabalhando no local, alguns há mais de 40 anos, e reivindicado por eles como o comércio de camelôs mais antigo da cidade ainda em funcionamento.

Na Praça Mauá você não encontrará panos no chão oferecendo diversos produtos importados, nem o vendedor de amendoim torrado que carrega consigo o braseiro com as brasas acesas, nem o carrinho do *Podrão*. No lugar você encontra o setor dos FoodTrucks.



Figura 35, Vista do Boulevard. Ato Fora Temer.

O espaço cultural da Praça Mauá, na sua totalidade, com o MAR e o Museu do Amanhã funcionando 100% tem pouco mais de 7 meses de funcionamento no momento em que essa dissertação é concluída. Os desdobramentos que a partir desta configuração espacial deste polo cultural no Rio de Janeiro ainda serão material de muitas reflexões em diversas áreas de estudo. Novas formas de apropriação deste novo espaço público da cidade pode vir a ter lugar na Praça Mauá. As intenções impressas no espaço

público transformado não determinam de forma total as dinâmicas que concretamente acontecem no espaço construído, nem os futuros desdobramentos que estas dinâmicas da vida nas cidades e da expressão cultural da população podem vir a ter lugar no Porto Maravilha e na cidade do Rio de Janeiro. E cabe a própria população continuar disputando e impondo as formas vivas de ocupação destes espaços e das dinâmicas da vida na cidade.

BIBLIOGRAFIA

TROTSKY, Leon. O Programa de Transição, documentos da IV Internacional.

HALL, Stuart. A identidade cultural da pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A Editora. 2005.

BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Editora Beltrand Brasil S.A., 1989.

SANTOS, Milton. A Urbanização Desigual. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2010

SANTOS, Milton. Metamorfose do Espaço Habitado. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2012.

PERROTA, Isabella. O Perfil do Rio. Grafismos de Representação de uma Cidade Naturalmente Gráfica. Rio de Janeiro: GMT Ed. Ltda, 1998.

DO RIO, João. A Alma Encantadora das Ruas. Rio de Janeiro: Sec. Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1991.

DEL BRENNNA, Giovanna Rosso (org.). O Rio de Janeiro de Pereira Passos: Uma cidade em questão II. Rio de Janeiro: IPP, 1985.

JENNINGS, ANDREW. Brasil em Jogo: O que fica da Copa e das Olimpíadas?. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2014.

FAULHABER, AZEVEDO. SMH 2016: Remoções no Rio de Janeiro Olímpico. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2015.

HARVEY, David. Paris, Capital da Modernidade. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

GUIMARÃES, Roberta Sampaio. A Utopia da Pequena África. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

ALFONSO, MATOS. Questão Negra, Marxismo e Classe Operária. São Paulo: Edições Iskra, 2013.

CHALHOUB, Sidney. Trabalho, Lar e Botequim. Campinas: Editora UNICAMP, 2001.

ARANTES, VAINER, MARICATO. A cidade do pensamento único: desmanchando consensos. Petropolis: Editora Vozes, 2000.

BUARQUE, Sérgio. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MONTANER, Josep Maria. Sistemas arquitectónicos contemporâneos. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2008.

MONTANER, Josep Maria. Museos para el Siglo XXI. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2003.

LOPES, Rodrigo. A Cidade Intencional, O Planejamento Estratégico de Cidades. Rio de Janeiro: MAUAD Consultoria e Planejamento Editorial Ltda, 1998

MOREIRA, Graça. Requalificação Urbana, alguns conceitos (Art Textos 05 Dez. 2007)

MOTTA Cristiane. A Reconquista do Centro, Uma reflexão sobre a gentrificação de áreas urbanas. Rio de Janeiro. UFRJ, 2006

MARICATO, Ermínia. Brasil em Jogo: O que fica da Copa e das Olimpíadas?. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2014.

DEBORD, Guy. A sociedade de Espectáculo. eBooksBrasil.com, 2003

LIMA Apud NAVES, Izabela. A cidade Espectáculo: Efeitos da Globalização. Revista do Departamento de Sociologia da FLUP, Vol. XX, 2010.

FREIRA, Leticia de Luna. Mobilizações coletivas em contexto de megaeventos esportivos no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2013.

FERNANDES, Luis. Brasil em Jogo: O que fica da Copa e das Olimpíadas?. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: HUCITEC. 2006.

ORLANDI, Eni, P. Análise de Discurso. Princípios e Procedimentos. Campinas: Pontes. 2001

RODRIGUES, Luis Augusto. Do pensamento às Palavras. Instrumento metodológico para a análise dos discursos. 2010

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras. 1995.

CANCLINI, Nestor. "introdução à edição de 2001. Culturas híbridas em tempos de globalização". IN: Culturas Híbridas. SP, Edusp, 1998. (PDF)

ARRAES, Jorge SILVA, ALberto. Cidades em Tranformação: Rio de Janeiro, Buenos Aires, Cidade do Cabo, Nova York, Londres, Havana. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro. 2014

SHLUGER, Ephim. Cidades em Tranformação: Rio de Janeiro, Buenos Aires, Cidade do Cabo, Nova York, Londres, Havana. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro. 2014

HERKENHOFF, Paulo. O novo ciclo da cultura do Rio de Janeiro: razões de um entusiasmo. FGV. 2012

O'DOHERTY, Brian. No interior do Cubo Branco. A ideologia do espaço da Arte. São Paulo: Martins Fontes. 2002

PALERMO, Luis Carlos. Megaeventos e Unidades de Polícia Pacificadora: representações sobre o lugar das favelas no tecido urbano. UERJ. 2013